



MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA

DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL

PHK
007413
2006


PROJETO SUDESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONVÊNIO DNPM / CPRM

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO - RESUMOS

VOLUME 1

	I-96	SUREMI
CPRM		SÉDOTE
		ARQUIVO TÉCNICO
Relatório n.º	083-3	
N.º de Vol. mes:	5	v.: 1
OSTENSIVO		

1.972



COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS

DIRETORIA DE OPERAÇÕES

Agência São Paulo

DIRETOR DE OPERAÇÕES

Eng. Francisco Moacyr de Vasconcellos

AGENTE

Eng. Demerval Etelvino de Oliveira

COORD. DE REC. MINERAIS

Geól. Carlos H. Benuzzi da Luz

COLABORADOR ASSOP

Geól. Antonio Gomes Angeiras

CHEFE DO PROJETO

Geól. José Peres Algarte ✓

EQUIPE EXECUTORA

Geól. Winston Addas ✓

Geól. Geraldo Garrido Pinto ✓

Eng. José Carlos Rodrigues ✓

COLABORADORES

Geól. Hélio Canejo da Silva Cunha

Geól. Marco Aurélio Vicalvi

Geól. Antonio Morgental

Geól. Wilson Dias de Pinho Filho

Eng. Fausto Soares de Andrade Júnior

Geól. Jairo de Souza Leite

Geól. Francisco José Fonseca Ferreira



ÍNDICE GERAL DA BIBLIOGRAFIA

VOLUME I

INTRODUÇÃO.IV
GEOLOGIA.	V
1. Considerações Gerais	V
2. Geocronologia.IX

RESUMO DOS TRABALHOS

1. Trabalhos publicados	
1.1. Trabalhos Regionais	1

VOLUME II

RESUMO DOS TRABALHOS

1. Trabalhos publicados	
1.2. Trabalhos Específicos	260
2. Trabalhos Inéditos	
2.1. Trabalhos Regionais	650
2.2. Trabalhos Específicos	654



VOLUME III

LISTAGENS BIBLIOGRÁFICAS.	674
1. Listagem cronológica	675
2. Listagem alfabética.	777

VOLUME IV

ÍNDICES REMISSIVOS.	865
1. Índices de autores	866
2. Índices de assuntos.	909
3. Índices de ocorrências minerais.	945
4. Índices de localidades	989

VOLUME V

ANEXOS.	1019
1. Fichas de cadastro de ocorrências minerais . . .	1020
2. Mapas bibliográficos	1226

I N T R O D U Ç Ã O

Este relatório é o resultado do levantamento de aproximadamente dois mil trabalhos e posterior compilação seletiva e análise, constituindo uma obra de apoio ao desenvolvimento do Projeto Sudeste do Estado de São Paulo.

A pesquisa foi conduzida principalmente com base nas referências bibliográficas já publicadas, entre as quais destacam-se os boletins específicos de bibliografia, do Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo.

Para facilidade de consulta, o relatório foi dividido em partes. Na primeira é feita uma sinopse sobre a geologia da área do Projeto. A parte seguinte apresenta os resumos dos trabalhos tidos como úteis às diretrizes propostas, os quais foram abordados sob dois aspectos distintos:- indicativos- quando não dispensam a leitura do texto original e informativos- quando a consulta dos mesmos pode ser dispensada. Agrupou-se os resumos em trabalhos publicados e inéditos, que estão subdivididos em regionais e específicos, obedecendo por sua vez, sequência crono-alfabética.

A redação das referências bibliográficas foi elaborada de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas: NB-60; PNB-66; NB-88.

Visando a rápida localização das informações obtidas nessa pesquisa, estabeleceu-se um sistema que se fundamentou na codificação dos resumos, listagens (cronológicas e alfabéticas), índices remissivos por autores, assuntos, ocorrências e localidades.

Em anexo, são apresentadas fichas de ocorrências mineralis e mapas (bibliográficos, de ocorrências minerais e geocronológicos).

GEOLOGIA

1. Considerações Gerais

As considerações geológicas abordadas neste item, fundamentam-se mormente na coluna estratigráfica do boletim 41 do IGG, retromencionada.

A área do Projeto Sudeste, abrange partes dos Estados de São Paulo e Paraná, onde dominam rochas pré-Cambrianas, que constituem o Escudo Cristalino, e rochas sedimentares, que preenchem bacias, sobressaindo-se a do Paraná.

1 - Escudo Cristalino: é representado por gnaisses, granitos, migmatitos homogêneos e heterogêneos ao longo de toda faixa costeira de São Paulo e ainda no vale do Rio Jundiaí. Próximo ao litoral, estas rochas apresentam relevo acidentado constituindo as Serras do Mar e Paranapiacaba. Filitos, calcários metamórficos e quartzitos, constituem as rochas metassedimentares mais abundantes da área do Projeto, dominando o Vale do Ribeira de Iguape e mais ao norte ocorrem entre as cidades de Itu, Sorocaba, Cabreúva e Barueri. Estendem-se segundo a direção superimposta para a área isto é, NNE. Estas rochas constituem o Grupo São Roque (Açungui) e se associam à intrusões graníticas e/ou granodioríticas.

2 - Rochas Sedimentares: dominam a Bacia do Paraná, além das de São Paulo e Taubaté.

A Bacia do Paraná na área em estudo, comporta a seguinte divisão estratigráfica:

a) Arenito Furnas e folhelho Ponta Grossa. Dominam parcialmente as folhas de Pirai do Sul, Jaguariaíva e Itararé.

b) Grupo Tubarão, de grande extensão horizontal, aflorando nas folhas de Itararé, Pilar do Sul, Itu e São Roque. Este grupo admite uma subdivisão nas formações: Itapetininga, Capivari, Itu e Itararé.

c) Grupo Passa Dois: subdividido nas formações Iratí e Estrada Nova. Ocorre principalmente na folha de Tatuí.

Diques e sills de diabásio marcam os eventos intrusivos básicos em que toda área do Projeto. Cumpre-se mencionar que os sills tem maior expressão em rochas Permo-Carboníferas da depressão periférica na Bacia do Paraná. Os diques apresentam a direção NNW como a mais frequente. Inúmeras são as intrusões de alcalinas ocorrente na área, algumas de grande porte como a Ilha de São Sebastião e Jacupiranga.

A Bacia de Taubaté, preenchida principalmente por argilas variegadas, arenitos e folhelhos, apresenta 160 km de extensão e até 25 km de largura entre Jacareí e Cruzeiro. Pode ser considerada como um "Rift Valley".

A Bacia de São Paulo, com menor expressão que as anteriores, apresenta-se preenchida por arenitos e argilas variegadas.

Sedimentos quaternários aluvionares e praias são encontrados com frequência na área considerada.

Estudos estratigráficos na citada área, são encontrados em diversos trabalhos, grande parte dos quais incompletos por não considerarem toda a região ou por tratarem de determinadas unidades litoestratigráficas.

As colunas mais completas e regionais são apresentadas à seguir:



CPRM

a) Quadro Cronogeológico do Estado de São Paulo extraído do boletim 41, edição 1964 do Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo.

ERA	Períodos	GRUPO	FORMAÇÃO	ROCHAS	FOSSÉIS	OBSERVAÇÃO
CENOZOICA	Quaternário			Depósitos aluvionares — (areias, argilas e cascalhos). Depósitos de praias (Areia). Depósitos de mangues (Argilas).		Discordância erosiva.
	Terciário?		São Paulo	Arenitos e argilas.	Plantas (Dicotiledôneas e Algas).	
			Taubaté	Arenitos, argilas, folhelhos pirobetuminosos, xisto?	Peixes, Répteis (tartaruga), Aves, Mamíferos (morcegos) e Crustáceos.	Discordância erosiva.
MEZOZOICA	Cretáceo	Bauru		Arenitos, siltitos, calcários, argilitos, conglomeratos.	Peixes, Répteis (Dinossauros, tartarugas e crocodilos), Moluscos (Lamelibrânquios e Gasterópodes).	Discordância erosiva.
	Cretáceo?		Cuiabá	Arenitos e Argilas.		Discordância erosiva.
				Rochas ígneas alcalicas (intrusivas e efusivas).		
	Triássico (Rético?)			Rochas ígneas básicas (intrusivas).		Discordância erosiva.
			Serra Geral	Rochas ígneas básicas (Efusivas) e arenitos intercalados.		Discordância erosiva.
		Botucatu e Pirambóia	Arenitos, argilitos, conglomeratos.	Pegadas de Répteis, Crustáceos.		
PÁLÉOZOICA	Permiano	Estrada Nova	Corumbataí	Siltitos, folhelhos arenitos, calcários e sillex.	Peixes, Moluscos (Lamelibrânquios), Crustáceos, Plantas (Gimnospermas e Criptógamas).	Discordância erosiva.
			Itati	Dolomitos, folhelhos pirobetuminosos, siltitos e sillex.	Peixes, Répteis, Crustáceos, Plantas (Coníferas).	
	Carbonífero	Tubarão		Arenitos, siltitos, tillitos, varvitos, argilitos, conglomeratos e calcários.	Peixes, Moluscos (Lamelibrânquios e Gasterópodes), Crustáceos, Braquiópodes, Equinodermas, Plantas (Gimnospermas e Criptógamas).	
	Devoniano	Paraná	Furnas	Arenitos e conglomeratos.		
PROTÉROZOICA	Pré-Cambriano Superior	São Roque		Rochas ígneas básicas metamorfozadas (anfíbolito).		Discordância angular.
				Rochas ígneas ácidas (Intrusivas).		
			Xistos, filitos, calcários, dolomitos, quartzitos, metaconglomeratos, Grafitoxistos e micaxistos.	Plantas (Algas).		
	Pré-Cambriano Inferior			Micaxistos, dolomitos, quartzitos e gnais, Intrusivas ácidas e básicas.		
			Granitos em parte gnaisificados.			

b) Quadro da estratigrafia e eventos de 3000 km², de uma área situada no quadrângulo Jundiaí, Salto de Itu, Represa de Sorocaba e Barueri. Código (1.1.175)

QUADRO DA ESTRATIGRAFIA E EVENTOS DA AREA

	Grupo	Formação	Litologia geral	Eventos
Quaternário	—	—	Depósitos aluvionares (areia, cascalho e argila)	Sedimentação fluvial erosão (disc. paralela)
Terciário	—	Formação São Paulo e camadas correlatas	argilito, siltito, arenito e conglomerado basal	sedimentação fluvial e lacustrina tafrogenese erosão (disc. paralela)
Carbonífero	Tubarão	Itu	tilitos, arenitos, varvitos, siltitos (glacial, fluvio-glacial e lacustriño-glacial)	sedimentação glacial e peri-glacial erosão (disc. angular)
Pré-Cambriano Superior — Carbonífero	—	—	Rochas cataclásticas (cataclasitos, milonitos porfiroclásticos, milonitos e filonitos)	Regmagênese
Pré-Cambriano Superior	São Roque	(Indiviso)	metamorfitos da fácies xisto verde (filitos, quartzitos, metabasitos, rochas carbonáticas, itabiritos e metaconglomerados), com intrusões tardi- e póscinemáticas graníticas, que geraram polimetamorfitos de contato até na fácies piroxênio-hornfels (xistos, gnaisses, rochas cálciosilicatadas, anfibolitos).	Intrusões pós-cinematicas Dobramento, metamorfismo, intrusões sin- e tardi-cinematicas Sedimentação geossinclinal e magmatismo básico.
	?		metamorfitos de fácies anfibolito (xistos, gnaisses, quartzitos, anfibolitos)	
?	(não diferenciado)		Rochas migmatíticas do Embasamento Cristalino, remobilizadas no Ciclo Brasileiro.	?

CICLO BRASILEIRO

CPRM



2. GEOCRONOLOGIA

Dados geocronológicos compilados durante a bibliografia foram reunidos na Tabela 01, sobre a qual seguem-se rápidas considerações:

- a) As idades mais antigas detectadas em migmatitos (amostras coletadas a SW de Jacupiranga) indicam 1.380 m.a. Epidiorito de Penhinha (município de São Paulo) e anfibolito de Ermida (Jundiáí), acusaram 1.360 m.a. e 1.036 m.a. respectivamente.
- b) Cordani e Bittencourt (1.1.149) determinaram uma faixa de 450 a 650 m.a. para os eventos geológicos que caracterizam o Grupo Açungui através do estudo de 37 amostras.
- c) Os granitos de caráter intrusivo, acusaram uma idade oscilando entre 500-620 m.a. Tais como:
 - 1º) Granito tipo Anhanguera 620 m.a.;
 - 2º) Granito tipo Varejão 600 m.a.;
 - 3º) Granito tipo Itu 560 m.a.;
 - 4º) Granito tipo Pirituba 645 m.a.

As datações foram efetuadas pelo método K-A, no Laboratório de Geocronologia do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo.

A partir destes dados apresentamos abaixo o seguinte quadro

Eventos	Rochas	Idade
Reativação da Plataforma	Intrusivas alcalinas e básicas	70 a 140 m. a.
Ciclo Brasileiro	Granitos pós-tectônicos	500 a 580 m.a.
	Granitos tardi a pós-tectônicos	\pm 600 m.a.
	Granitos tardi-tectônicos	\pm 640 m.a.
	Epimetamorfitos do Grupo Açungui	\pm 650 m.a.
	Epimetamorfitos do Grupo São Roque (Bloco São Roque)	\pm 700 m.a.
Embasamento	Anfibolito de Ermida (Bloco Jundiá)	1.036 m.a.
	Epidiorito de Penhinha (Bloco Cotia)	1.360 m.a.
	Migmatito de Jacupiranga (Bloco Costeiro)	1.380 m.a.





CPRM

DETERMINAÇÃO DE IDADE POTÁSSIO-ARGÔNIO NA ÁREA DO PROJETO
SUDESTE (TABELA 01).

<u>Nº</u>	<u>ROCHA</u>	<u>LOCALIDADE</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>IDADE(m.a.)</u>
01	Granito	Piedade	biotita	540
02	Granito	Salto de Pirapora	biotita	540
03	Granito	Entre S.M. Arcanjo		
04	Granito	e Registro	biotita	520
05	Granito	E. de Ribeira-Ita-	biotita	500
	(2 amostras)	pirapuã	biotita	510
06	Filito	SW Ribeira	rocha total	560
07	Granito	BR-116, Próx.div. SP - PR.	biotita	630
08	Biotita-dia básio	BR-116 Est.Paraná	biotita	690
09	Granito	SW Jacupiranga	biotita	390
	(2 amostras)	SW Jacupiranga	biotita	491
10	Migmatito	Jacupiranga	anfíbolito	1.380
11	Granito	Ilha do Cardoso	anfíbolito	610
12	Mármore	Biguá	flogopita	535
13	Granito	E. de Junquiá	biotita	495
14	Epidiorito	Penhinha-São Paulo	plagioclásio	1.360
	(2 amostras)	Penhinha-São Paulo	biotita	560
15	Granito	Faz. Ipanema-Araçoi aba da Serra	biotita	560
16	Pegmatito	São Roque	K-feldspato	495
17	Granito	Itu	biotita	510
18	Granito	Itu	biotita	560
	Granito	Itu	biotita	550
	Granito	Itu	K-feldspato	480
19	Granito	Jundiaí	hornblenda	671

<u>Nº</u>	<u>ROCHA</u>	<u>LOCALIDADE</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>IDADE(m.a.)</u>
20	Granito	Mairiporã	biotita	520
21	Anfibolito	Jaraguá	hornblenda	540
	Anfibolito	Jaraguá	hornblenda	650
22	Pegmatito	Perus	lepidolita	650
23	Granito por firóide	S. Mairiporã	biotita	500
	Granito por firóide	S. Mairiporã	K-feldspato	490
24	Granito	Ribeirão Pires	biotita	480
	Granito	Ribeirão Pires	K-feldspato	440
25	Granito	Mogi das Cruzes Taiçupeba	muscovita	460
	Granito	Mogi das Cruzes Taiçupeba	biotita	450
26	Granito	Mogi das Cruzes Tapanham	biotita	475
27	Migmatito	SW-Jambeiro	muscovita	450
	Migmatito	SW-Jambeiro	biotita	455
28	Granito mig matítico	S-Paraibuna	biotita	458
29	Granito ana textia	N-Paraibuna	biotita	474
30	Microclínio gnaisse	S-Paraibuna	biotita	459
	Microclínio gnaisse	S-Paraibuna	K-feldspato	473
31	Gnaisse fai coidal	Caraguatatuba	biotita	450

<u>Nº</u>	<u>ROCHA</u>	<u>LOCALIDADE</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>IDADE(m.a.)</u>
32	Leptinito	Caraguatatuba	anfibólio	480
	Leptinito	Caraguatatuba	feldspato	455
	Leptinito	Caraguatatuba	biotita	462
33	Migmatito	São Sebastião	biotita	463
34	Granito	São Sebastião	muscovita	473
	Granito	São Sebastião	biotita	474
35	Migmatito	São Sebastião	biotita	483
36	Migmatito (neossoma)	São Sebastião	biotita	475
	Migmatito (neossoma)	São Sebastião	muscovita	470
37	Hornblenda diorito	NE-Caraguatatuba	feldspato	206
38	Monzonito	NE-Caraguatatuba	biotita	211
39	Akerito	NE-Caraguatatuba	biotita	474
40	Gnaisse char nokito	Ubatuba	biotita	460
	Gnaisse char nokito	Ubatuba	anfibólio	460
	Gnaisse char nokito	Ubatuba	feldspato	443
41	Anfibolito	SW-Cabreúva	-	605
42	Granito	Sorocaba	-	573
43	Anfibolito	Ermida-Estrada Jun diaí-Itu	-	1.036
44	Metabasito	10 km de Caieras p/ Franco da Rocha	-	714
45	Filito	12 km de Jundiaí p/ Franco da Rocha	-	622

<u>Nº</u>	<u>ROCHA</u>	<u>LOCALIDADE</u>	<u>MATERIAL</u>	<u>IDADE(m.a.)</u>
46	Anfibolito	Morro do Polvilho Via Anhanguera	-	613
47	Diques de' diabásio e lamprófiro	Ubatuba	rocha total	127 129 132 138
48	Sienito	Tunas - PR.	feldspato	74
49	Gabro	N-Cerro Azul	rocha total	104
50	Fonolito	Mato Preto	rocha total	66
51	Sienito	Tunas	biotita	112
52	Fonólito	Mato Preto	rocha total	67
53	Fonólito	Barra do Teixeira	rocha total	73
54	Traquito	Ilha S. Sebastião	rocha total	55
55	Traquito	Ilha S. Sebastião	rocha total	76
56	Sienito	Ilha S. Sebastião	biotita	83
57	Gabro	Ilha S. Sebastião	plagioclásio	86
58	Sienito	Ilha S. Sebastião	biotita	80
59	Nefelina- sienito	Ilha S. Sebastião	anfíbólio	83
60	Tinguaito	Ilha S. Sebastião	rocha total	81
61	Maciço ' alcalino Itapirapuã	Itapirapuã		104 (média)

TRABALHOS REGIONAIS PUBLICADOS

DERBY, Orville A. - Relatório da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo, In: Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, pelo Presidente da Província, Dr. Pedro Vicente de Azevedo, no dia 11 de janeiro de 1889. São Paulo, p. 3-4, 1889.

RESUMO

Verificação da existência de uma formação devoniana desconhecida na Província, da natureza dos depósitos de magnetita de Ipanema e de Jacupiranguinha, das rochas anfibólicas ao longo da Estrada de Ferro Inglesa e o começo de uma classificação científica de extensa e variada série de granitos.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de valor histórico das pesquisas geológicas no Estado.

GONZAGA DE CAMPOS, Luiz F. - Secção Geológica: relatório apresentado ao Engenheiro - Chefe da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo, In: Relatório apresentando à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo Presidente da Província, Dr. Pedro Vicente de Azevedo, no dia 11 de junho de 1889. São Paulo, p. 21-34, 1889.

RESUMO

Relata uma série de excursões por todo o Estado de São Paulo, com descrições litológicas, paleontológicas e mineralógicas. Vários maciços são descritos, alguns dos quais estudados minuciosamente.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de alto valor científico e histórico, principalmente pela época em que foi executado.

OLIVEIRA, Francisco P. - Secção Geológica: relatório apresentado ao Engenheiro - Chefe da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo In: Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo pelo Presidente da Província, Dr. Pedro Vicente de Azevedo, no dia 11 de julho de 1889. São Paulo, p. 35-42, 1889.

RESUMO

Estudo da região nos arredores do Jaraguá sob o ponto de vista estratigráfico e histórico, sobre a indústria extrativa do ouro e outros recursos minerais que essa zona poderia apresentar para futuras explorações. Outras regiões foram estudadas com a mesma finalidade: Campo Limpo, Parnaíba e São Roque; Perus e Pirituba e entre o Sul do Tietê e norte de Jundiaí.

ANALISE CRÍTICA

Trabalho de valor histórico, das pesquisas geológicas no Estado de São Paulo.

1.1.4

FLORENCE, Guilherme - Notas geológicas sobre o rio Tietê em um trecho estudado pela turma de exploração do referido rio em 1905. In: Notas geológicas sobre o rio Paraná. Exploração do Rio Tietê. Comiss. Geogr. Geol. S.Paulo, São Paulo, p.9-18, 1906 . | il. |

RESUMO

Na primeira parte do trabalho é apresentado um esboço do rio Tietê desde a cabeceira até o Salto de Itu, onde o rio passa para a Formação Permo-carbonífera, e, em capítulo separado, é comentada esta formação. Na segunda parte acham-se reunidas as observações geológicas colhidas na zona da expedição. Os terrenos banhados pela cabeceira do Tietê pertencem à formação Arqueana. São formadas por rochas cristalinas, interrompidas por maciços e diques de rochas eruptivas, entre as quais predomina o granito. O Tietê, correndo aproximadamente de L a O, entra antes de chegar à Capital, na bacia terciária, sobre a qual se acha construída esta cidade com seus subúrbios. À margem esquerda do rio, no trecho que enfrenta a cidade é acompanhada por extensas várzeas, cujo solo formado por camadas de argila e de areia, devemos considerar como depósitos recentes (aluviões). As argilas constituem excelente material para as olarias e indústria cerâmica e as areias são aproveitadas para fabricação de vidros. Na margem direita do trecho mencionado, com terreno mais acidentado do que na margem esquerda, aparecem, vizinhas do rio, as rochas que compõe a Serra da Cantareira.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho antigo, fala rapidamente da geologia da Bacia de São Paulo e arredores.

1.1.5

PAES LEME , Alberto B. - O tectonismo da Serra do Mar. Acad. Bras. Ci. Hum., Rio de Janeiro, 2 (3) : 143-148, set., 1930. | il. |

RESUMO

Na faixa terciária, ao norte de São Paulo, observou-se os trabalhos de exploração subterrânea de linhito, perto de Caçapava, nas bordas da antiga lagoa terciária, hoje cheia de depósitos argilosos e sapropélicos. Ao norte da Serra do Mar no local denominado Serra do Jambeiro, uma pequena bacia de argila com três níveis de linhito e de xistos betuminosos, separados uns dos outros por alguns metros de argila, vê-se limitada por uma massa de granito típico em forma de batólito. Um pouco adiante, rumo à São Paulo, outra massa granítica parece ter surgido em época recente, na região situada entre Jacareí e Mogi , que pode ser dividida em duas, a lagoa terciária que iria de Barra Mansa a São Paulo, promovendo além disso uma verdadeira captura do rio Paraíba, cujas águas, como seu leito atual parece indicar, eram primitivamente drenadas para o Tietê. Ficou mostrada a existência de duas fases de deformação na Serra do Mar.

ANÁLISE CRÍTICA

Serve como informação, e dá uma explicação sobre a tectônica da bacia do Paraíba do Sul.

FREITAS, Affonso A. - Capítulo da geographia physica de São Paulo. Inst. Hist. Geogr., R., São Paulo, v. 30 : 3-42, 1931/1932.

RESUMO

Considerações sobre a constituição geológica e mineralógica de todo o Estado de São Paulo. Algumas ocorrências minerais no Estado de São Paulo, com ênfase ao coríndon e caulim. A orografia do Estado de São Paulo, com as principais serras e as altitudes dos pontos culminantes. A hidrografia e seus potenciais hidroelétricos. O litoral do Estado de São Paulo e suas ilhas. O clima de São Paulo: clima litoral, clima do alto da Serra do Mar, clima do Planalto e clima das Terras Altas.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho muito geral, com algum valor pelos vários temas abordados.

MORAES REGO, Luiz F. de - Contribuição ao estudo das formações pré-Devonianas de São Paulo. Inst. Astron. Geogr. S. Paulo, São Paulo, 43 p., 1933. |il. |

RESUMO

Estudo das rochas pré-Devonianas do Estado de São Paulo, descrevendo os granitos e rochas metamórficas, bem como introduzindo e desenvolvendo os primeiros conceitos geotectônicos sobre a geologia do pré-Cambriano paulista. Tece comentários sobre o aproveitamento tecnológico das rochas granitóides e materiais de construção.

ANÁLISE CRÍTICA

Importante trabalho científico, tanto pela época em que foi realizado, como pela inovação de conceitos.

MORAES REGO, Luiz F. de - As formações cenozóicas de São Paulo.
Esc. Polytech., Annu., São Paulo, 2º ano, 2ª sér., p. -
231-264, 1933. |il. |

RESUMO

Em São Paulo, sobrepondo-se ao escudo pré-Devoniano, às camadas do Sistema Santa Catarina e às cretáceas do Bauru, encontram-se depósitos em sua maioria pouco consolidados, dispostos horizontalmente quase todos com escasso desenvolvimento. Mais concludente, é a grande discordância cronológica que medeia as camadas de Bauru e os depósitos em apreço. Exetudados os depósitos costeiros que ocupam faixa reduzida ao longo do litoral, todos os outros são de fácies nitidamente terrígenas. A sedimentação cenozóica do Brasil foi essencialmente continental. Nunca se processou em fossas profundas, em circunstâncias capazes de gerar os fenômenos orogênicos: daí decorrem a horizontalidade das camadas, a ausência de metamorfismo e mesmo quase sempre de consolidação. As formações cenozóicas de São Paulo, como as do Brasil e da América do Sul, em geral têm um traço que as distinguem nitidamente das do Hemisfério Setentrional: faltam os fenômenos de sedimentação glacial. Discussão sobre a sincronização e cronologia das camadas cenozóicas de São Paulo. Apresentação da seguinte sequência estratigráfica:

- a) Depósitos anteriores ao período Plioceno;
- b) Camadas pliocênicas fossilíferas e outras a ela assimiláveis por diversos motivos;

- c) Camadas quaternárias antigas;
- d) Camadas quaternárias modernas consideradas atuais.

Em todo o Brasil é necessário admitir um abaixamento epirogênico ou pouco antes ele foi seguido pelo fenômeno inverso que gerou as linhas mestras do relevo atual.

ANÁLISE CRÍTICA

Extenso trabalho onde o autor tenta classificar cronologicamente todos os depósitos cenozóicos de São Paulo, com - comparações com o resto do país. De muito interesse para o Projeto, pois em grandes áreas ocorrem camadas cenozóicas.

OPPENHEIM, Victor - Rochas Gondwânicas e Geologia do Petróleo do Brasil Meridional, Brasil. Dep. Nac. Prod. Min. Serv. Fom. Prod. Min., B., Rio de Janeiro, nº 5, 129 p., 1934.
|il.|

RESUMO

É considerável o desenvolvimento das rochas gondwânicas do Brasil. A base desse sistema repousa visivelmente, quase que integralmente, sobre formações que remontam à idade siluriana e arqueana com exceção apenas de parte do Estado do Paraná em que o embasamento e contato do Sistema Gondwano é constituído pelas rochas devonianas. Existe uma grande discordância "hiatus" na base do sistema em toda a extensão conhecida do contato. No presente trabalho só é considerada a bacia sedimentar a leste, pelo complexo arqueano da Serra do Mar ou pelas formações metamórficas que o marginam e pertencem presumivelmente ao dobramento Caledoniano (Série Minas e Série São Roque); ao sul e oeste pelo grande derrame efusivo que forma a escarpa da Serra Geral. É feito o estudo comparativo das diversas colunas estratigráficas desde a primeira por I. C. White, juntamente com observações de campo.

ANÁLISE CRÍTICA

Tem algum interesse para as Folhas onde ocorrem rochas Gondwânicas.

1.1.10

GOMES Fº, Carlos - Reconhecimento geológico no sul de São Paulo. Brasil. Serv. Geol. Mineral., Relat. Anual Direct., Rio - de Janeiro, p.74-88, 1936 .

RESUMO

Geologia da zona sul do Estado de São Paulo, região entre Apiaí e Ribeira. Foram descritos calcários e filitos, a maioria dos quais perturbados por intrusões graníticas. Granitos de granulação grosseira com cristais de feldspato róseo e mica pretasão comuns na área. Alguns calcários apresentam-se muito piritosos. Vários diques de diabásios foram descritos. São descritas 4 lâminas petrográficas: aplito, granito, quartzo diorito, diorito laminado. Foram descritos contatos de filito com calcário e com diabásio .

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para o Projeto, pois traz perfis geológicos dentro da área do mesmo .

CARVALHO, Paulino F. de & PINTO, Estevam A. -Reconhecimento geológico na Série Assunguy. Brasil. Serv. Geol. Mineral., B., Rio de Janeiro, nº 71: 29 p., 1937. |Per'fil geológico estrada Curitiba - Capela da Ribeira - Apiaí. |

RESUMO

Menciona a Série Açungui estudada por Euzébio de Oliveira, situando a área por ela abrangida. Esta, estender-se-ia das proximidades de Curitiba para o norte até os limites dos estados (São Paulo - Paraná) no vale do Ribeira, alcançando as proximidades do sul da capital paulista. Descreve em linhas gerais as unidades litológicas da Série, abordando os afloramentos estudados. Os trabalhos são feitos tomando-se por base os vários caminhamentos efetuados. São descritas de modo sucinto, as rochas encontradas nos seguintes caminhamentos: Curitiba - Praia, Curitiba - Bocaiúva, Bocaiúva - Cabeça d'Anta-Marrecas, Cabeça d'Anta - Colônia São João, Colônia São João - Capela da Ribeira, Curitiba - Cerro Azul, Curitiba - Faxina, Cerro Azul - Socavão. Descreve os mármores de Castro. Apresenta um perfil geológico Curitiba - Apiaí pela estrada velha. Fornece dados sobre estudos petrográficos efetuados em algumas amostras da Série Açungui.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho pioneiro com relativo interesse para o Projeto. Pode ser parcialmente aproveitado.

1.1.12

LEINZ, Viktor - Estudos sobre a glaciação permocarbonífera do Sul do Brasil. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Serv. Fom. Prod. Min., B., Rio de Janeiro nº 21, 1937, 47 p.

RESUMO

Observações petrográficas nos sedimentos - estudo dos tilitos, horizontes de conglomerados, arenitos, peloditos e varvitos. Origem glacial dos sedimentos, tipo de glaciação, proveniência e direção do gelo, número de tempos glaciais. Considerações a cerca da constituição petrográfica da crosta terres - tre percorrida pelo gelo. Considerações sobre a morfologia da crosta terrestre percorrida pelo gelo. Considerações sobre o clima.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho muito geral e de pouco interesse para o Projeto.

1.1.13

BAPTISTA, Caio D. - "Aspectos geológicos, recursos minerais".
In: Aspectos do Vale do Paraíba e do seu reerguimento
no Governo Adhemar de Barros. São Paulo, Inst. Agron.
Taubaté, 1940., p. 17-20. |il. |

RESUMO

Alguns autores, dentro os quais Washburne, encaram a formação do vale do Paraíba, como um exemplo típico de fossa tectônica consequente de uma série de falhas geológicas paralelas, que teriam formado ao mesmo tempo o vale paralelo do Paraitinga; outros como Moraes Rego, Lamego, etc., acham que não há provas seguras da existência de tais falhas e consideram o vale como tendo sido escavado pela erosão, que facilitada pelo levantamento ocorrido após a peneplanização cretácea, foi gradualmente desintegrando as rochas de menor resistência, deixando de pé as mais resistentes que compõem os maciços que atualmente delimitam o vale. Sobre a depressão originada, segundo uma ou outra das hipóteses aventadas, formou-se então uma lagoa de água doce, sobre cujos fundos ocorreu durante a era terciária, a sedimentação que se evidencia pelas camadas de xistos betuminosos interestratificados na argila, cujos afloramentos se notam na faixa marginal ao Paraíba e que, em conjunto, constituem a formação geológica denominada Taubaté.

ANÁLISE CRÍTICA

O autor comenta a opinião de vários geólogos, sobre a origem do Vale do Paraíba, com interesse para as Folhas que cobrem essa região.

1.1.14

MORAES REGO, Luiz F. de - O Sistema Devoniano no Brasil. Esc. Politéc., Annu., São Paulo, 2ª sér., p. 127-224, 1940. | il. |

RESUMO

Salvo a fauna gotlandeana da Amazônia e os escassos fósseis da Série Bambuí (formação paleozóica do centro do país) a vida antiga que deixou restos no Brasil, é aquela pertencente ao Devoniano. Está aprovado que, as ardósias de Anitápolis, com fósseis havidos uma vez como ordovicianos, serão cambrianos e pertencem ao sistema de Santa Catarina. As formações devonianas disseminam-se pelo território brasileiro, posto que, são expostas em grandes áreas. Dividem-se as formações devonianas do Brasil, em três grandes categorias:

- 1 - Camadas fossilíferas do Sul e do Centro;
- 2 - Camadas fossilíferas da Amazônia;
- 3 - Camadas sem fósseis, comparadas às primeiras.

Incluem-se na primeira categoria sedimentos que afloram no Paraná, Mato Grosso e no Sudoeste de Goiás. Poderão receber os primeiros, o nome Série do Paraná. Chamam às camadas devonianas - fossilíferas de Mato Grosso de Série Chapada. Na Amazônia, a grande espessura de sedimentos paleozóicos, dispostos segundo - vasto sinclinal, compreende camadas devonianas, com fauna desenvolvida.



No Sudoeste de Mato Grosso, localiza-se uma formação desprovi-
da de fósseis, denominada Série Jacadigo, que merece ser refe-
rida ao Sistema Devoniano. São examinadas essas diversas for-
mações em suas linhas gerais.

ANÁLISE CRÍTICA

Procurou o autor descrever, em conjunto, as formações devonia-
nas do Brasil, correlacionando-as entre si e com outras do
sistema hemisférico austral.

1.1.15

GEOFFROY, P. R. et alii - Nota sôbre a geologia de Apiaí, São Paulo. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 6 (33): 109-110, jul. 1942.

RESUMO

Pretende-se o estabelecimento da coluna estratigráfica normal para a região Furnas-Apiaí-Itaóca, região onde se situam possibilidades minerais realmente dignas de atenção. As unidades petrográficas metamórficas descritas em algumas publicações recentes sobre a região são: quartzitos e xistos da Serra da Boa Vista; gorutubito; calcário de Furnas; xistos da Serra do Tatú. Os quatro termos constituem um conjunto "quartzitos-xistos - calcários" pertencentes a um único ciclo sedimentar do qual se encontram equivalentes em épocas geológicas diversas. Na região do curso médio do Palmital a estrutura tectônica principal é de anticlinal normal que chamaremos "anticlinal da Serra da Boa Vista" cujo núcleo é constituído por quartzitos e xistos em contacto com o granito para S, e cujos flancos são constituídos por gorutubito, este último aflorando em pequenos tractos no flanco SE. Na estrada Apiaí a Iporanga deve-se admitir que o anticlinal da Serra da Boa Vista é aqui falhado em seu flanco SE, pondo em contacto os quartzitos e xistos com os calcários de Furnas. O conjunto de fatos observados na região de Apiaí conduz a admitir que os calcários de Furnas e os xistos da Serra do Tatú possam encher uma grande zona de afundamento, carácter comum a muitas zonas mineralizadas.

ANÁLISE CRÍTICA

É interessante para a Folha de Apiaí. Mostra o estabelecimento estratigráfico e tectônico.

1.1.16

PAIVA NETO, José E. de - A "fração argila" dos solos do Estado de São Paulo e seu estudo roentgenográfico. Bragantia, Campinas, 2 (10): 355-432, out., 1942. |il. |

RESUMO

Tipos e técnicas de análises empregadas nos solos. Sobre a formação geológica arqueana, a caolinita é o representante - mais assíduo e forte; a hidroargilita também aparece comumente nos solos. Sobre o glacial, temos os mesmos representantes e oscilações que no Arqueano. Na formação Corumbataí o quartzo é o principal constituinte. A Formação Botucatu (lava) é a que deu origem aos nossos solos de terra roxa legítima. Os seus - constituintes mineralógicos são: 1º - grande quantidade de óxi- dos hidratados de ferro até 35% de $Fe_2 O_3$ por 100g de terra a $110^{\circ} C$; 2º - hidroargilita e 3º - caulinita. A quantidade des- ta última no complexo argila, oscila entre 9 a 25%. Os solos arenosos situados nas formações geológicas Baurú Inferior e Baurú Superior, trazem em suas argilas os seguintes constituin- tes mineralógicos: 1º - caulinita, 2º - tipo montmorilonita (só no Baurú Superior) 3º - hidroargilita (mais comum no Baurú In- ferior) e 4º - quartzo, em geral em pequenas porcentagens. Por essas pesquisas ficou patente que, comumente, os constituintes da fração argila de nossos solos possuem pequeno poder de ab- sorção para com os cátions; disso resulta não apresentarem - grande poder para retenção dos adubos, com exceção do tipo mon- tmorilonítico.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho pedológico que estuda as frações finas dos solos, resultantes dos diferentes grupos geológicos de São Paulo. Com interesse muito restrito para o Projeto.

1.1.17

BARBOSA, Octávio - Geomorfologia da Região de Apiaí. Assoc. Geogr. Bras., B., São Paulo, nº 3: 19-24, nov., 1943./
[il., Perfil Apiaí - Ribeira]

RESUMO

Enquadra a região de Apiaí como uma montanha complexa - "Complex Mountain" do ponto de vista geomorfológico. Em linhas gerais descreve a geologia nos aspectos geomorfológicos destaca que o Sistema Paranapiacaba tem suas elevações iniciadas - muito disfarçadamente na orla dos corpos permianos e devonianos do planalto paulista - paranaense, alinhando-se para Sudeste, do interior para o mar, uma sequência de cristas (propriamente ditas) grosseiramente paralelas entre si e à costa. Estas cristas (Ridges) elevam-se para o interior cada vez mais até o divisor das águas dos referidos rios: Paranapanema e Ribeira, baixando-se, depois gradualmente deste divisor para o mar as últimas delas emitindo contrafortes em direção ao oceano, os quais a princípio, baixam lentamente, e de súbito, bruscamente, mergulhando na baixada cristalino-quartenária da orla litorânea. Desenvolve as idéias supra-mencionadas.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser útil à Folha de Apiaí.



MENDES, Josué C. - As pseudo-estruturas limoníticas do Plioceno de São Paulo. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 6 (36): 283-284, jan., 1943.

RESUMO

Observações feitas nas camadas de argilas pliocênicas de São Paulo notam que as mesmas lembram dobras, essas pseudo-estruturas de formações limoníticas. Não é bem definido o fato de ter ou não havido dobramentos nessas formações e nem tão pouco parece plausível ter atuado o diastrofismo e muito menos plausível seria atribuir às estruturas limoníticas, curvas de esforços tangenciais. Nas regiões mais lixiviadas, correspondendo às zonas brancas, deve-se a variação à desigual distribuição do óxido de ferro. Preenchendo fendas as massas limoníticas geram crostas ou concreções. É de se concluir que a orientação dessas deposições depende daquelas das correntes de circulação, tendo papel de relevo as variações de permeabilidade. Essas correntes não obedecem, obrigatoriamente, à disposição do acamamento.

ANÁLISE CRÍTICA

Serve como notícia para a Bacia de São Paulo, Folha do mesmo nome.

ROXO, Matias G. O. - Considerações sôbre as formações Permo - Carboníferas brasileiras. R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, Ano V, nº 1: 39-50, jan./mar., 1943.

RESUMO

Citação dos autores que estudaram os estratos permo-carboníferos do Sul do Brasil, que conduziram a conclusão de que eles são análogos aos ocorrentes na África do Sul, Índia Continental e Austrália Ocidental e cuja flora é chamada de Glosópteris - Gangamópteris. Apresenta, em seguida, o quadro proposto por Euzébio de Oliveira das formações permo-carboníferas do Sul do Brasil. Descreve o membro basal dessas formações, constituído de tilitos e conglomerados de Orleans (White). O autor contestou a opinião de Salomon Calvi de que os fósseis marinhos se tenham formado em água salobra. Descreve os estratos de Série Tubarão, do Permiano inferior e trata de sua flora. Faz indagações sobre o clima provável daquela época, comparando os climas em que encontram os atuais espécimens vegetais mais semelhantes às espécies fósseis encontradas. Finaliza o artigo fazendo a correlação entre os estratos permo-carboníferos brasileiros e os de outras regiões onde são conhecidas formações gondwânicas.

ANÁLISE CRÍTICA

Interessante para as Fôlhas onde ocorrem formações gondwânicas.

FREITAS, Ruy O. de - Geomorfogênese da Ilha de São Sebastião. Assoc. Geogr. Bras., São Paulo, nº 4: 16-30, mai., 1944.
|il. |

RESUMO

A remodelação da ilha da costa meridional brasileira a partir do Jurássico, parece ter sido efetuada por rejuvenescimento de falhas correspondentes a antigos dobramentos laurencianos, escalonados, orientados segundo NE-SW. As ocorrências de rochas alcalinas, algumas formando ilhas, outras maciços isolados, outras metidas na própria Serra do Mar e Mantiqueira, parecem indicar que o magma nefelínico estaria subordinado aos movimentos de tensão que afetaram as estruturas do escudo brasileiro do Jurássico ao Cretáceo. Geologicamente o maciço foiaítico da Ilha de São Sebastião - apresenta 3 caracteres:

1. - Caráter plutônico das rochas alcalinas;
- 2 - Ausência de teto gnáissico;
- 3 - Orientação NE-SW do maciço de São Sebastião

Hipóteses sobre a geomorfogênese:

- a) Estrutura positiva pré-eruptiva;
- b) Epirogênese

ANÁLISE CRÍTICA

É um trabalho interessante onde duas hipóteses são formuladas e discutidas com base em fatos geológicos. Na sua conclusão o autor faz opção para a hipótese da epirogênese. Útil para a Folha de São Sebastião.

FREITAS, Ruy O. de - Jazimento das rochas alcalinas no Brasil-Meridional. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 8 (43):45-48, abr./jun., 1944.

RESUMO

O problema original das rochas alcalinas em relação a geomorfogênese da Serra do Mar e o rejuvenescimento de duas direções principais de falhas orientadas segundo NE-SW e N-S, como réplica isostática à atividade do fim do Mesozóico e começo do Cenozóico. Há estreita relação de causa e efeito entre a atividade tectônica e os magmas alcalinos e basálticos. Os jazimentos das rochas alcalinas no Brasil Meridional podem ser distinguidos em dois grupos:

- 1 - Jazimentos no escudo cristalino (Arqueano e Algonquiano);
- 2 - Jazimentos no Gondwana.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para as pesquisas de rochas alcalinas em toda a área do Projeto.

1.1.22

ALMEIDA, Fernando F. M. de - Episódio da última época interglacial permo-carbonífera no Paraná. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min. Div. Geol. Mineral., Notas Prelim. e Est., Rio de Janeiro, nº 27, 18p., 1945. [il., mapa]

RESUMO

Fósseis do Grupo Tubarão coletados e classificados por Euzébio de Oliveira em Teixeira Soares no Paraná. Levantamento expedido das localidades fossilíferas e perfil geológico do Grupo Tubarão. Aspectos gerais dos episódios sucedidos na região de Teixeira Soares durante o último intervalo glacial permo-carbonífero. Correlações das camadas fossilíferas de Teixeira Soares com outras do sul do Brasil.

ANÁLISE CRÍTICA

É de interesse para o Projeto, uma vez que a unidade litostratigráfica discutida, ocorre em algumas Folhas do Projeto.

MENDES, Josué C. - Considerações sôbre a estratigrafia e idade da Formação Estrada Nova, Fac. Fil. Ci. Letr. Univ. São Paulo, B., São Paulo, 50 (Geol. 2): 27-34., 1945.
|il. |

RESUMO

Análise dos dados paleontológicos e estratigráficos - existentes com a colocação da Formação Estrada Nova no Permiano e Triássico, sem haver definições quanto a idade correta.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho desatualizado sobre a estratigrafia do Grupo Passa Dois.

MORAES, Luciano J. de - Bacia terciária do vale do Rio Paraíba, Estado de São Paulo. Fac. Fil. Ci. Letr. Univ. São Paulo, B. , São Paulo, nº 50 (Geol. 2): 3-25, 1945. |il. |

RESUMO

Localização, dimensões e limite da Bacia. Zona de Taubaté - Tremembé: geologia, possibilidades econômicas das jazidas de folhelho oleífero, método de lavra-emprego, destilação e usina. Conclusões:

- O óleo obtido dos xistos é bastante rico em parafina.
- Para conhecimento das reservas deve ser feita uma prospecção meticulosa das zonas mais ricas.
- Condições de extração e situação geográfica das jazidas são excelentes.
- Garantia de consumo pelo governo, sob o ponto de vista da defesa nacional.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse relativo para o projeto. Aborda aspectos gerais da geologia da zona Tremembé - Taubaté.

MORAES REGO, Luiz F. de - Notas sôbre a geomorfologia de São Paulo e sua gênese. B. Geogr., Rio de Janeiro, Ano 4, nº 37: 9-17, abr., 1946.-Ano 4, nº 38: 122 - 132, mai., 1946. |i1. |

RESUMO

O relevo de São Paulo importa essencialmente na existência do planalto que, partindo da proximidade da costa, se extende através de Mato Grosso até a depressão do Paraguai. Resume-se a constituição geológica de São Paulo: um embasamento de estruturas diastróficas antigas, recoberto de várias se -
quências de camadas mais ou menos horizontais.

ANÁLISE CRÍTICA

Trata-se de um estudo geomorfológico antigo, contendo - alguns conceitos desatualizados, sobre a gênese de algumas estruturas do Estado de São Paulo.

MORAES REGO, Luiz F. de & ALMEIDA, Fernando F. de - Secção
geológica de Capela da Ribeira a Curitiba, Geol.
Metal., B., São Paulo, nº 3: 6-30, jun., 1946. |il. |

RESUMO

Após considerações iniciais fazem rápido comentário - sobre o complexo brasileiro. A seguir iniciam uma discussão - sobre a Série Açunguí destacando as seguintes litologias:

a) Xistos que se estendem desde o fim do calcário Ribeira até o Córrego dos Paióis.

b) Calcários e dolomitos que se dividem em calcários da Ribeira, calcários dos Paióis e dolomitos do Pulador. Aborda correlações e cronologia de Série entre São Paulo e Paraná. Comenta rapidamente a tectônica, e descreve as intrusivas: granitos, rochas sieníticas e básicas.

São feitos estudos petrográficos de diversas amostras. Sobre os depósitos terciários e quaternários, aspectos generalizados são abordados e, finalmente, é traçada em linhas gerais, a fisiografia da região estudada.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho apresenta interesse para a Folha de Cerro Azul.

AB'SABER, Aziz N. - Geomorfologia da região do Jaraguá, em São-Paulo. Assoc. Geogr. Bras., An., São Paulo, v. 3: 29-53, 1947. | il. |

RESUMO

Descreve de modo sucinto os aspectos geomorfológicos observados durante o percurso E. F. Santos - Jundiá a Taipas, para uma escalada no pico do Jaraguá. Fala sobre as características gerais do Morro do Jaraguá e seus picos, destacando os aspectos geológicos da área e descrevendo as unidades observadas. Faz rápida explanação sobre o relevo da região que circunda o Jaraguá e destaca os aspectos da esculturação. Estabelece correlações entre a região do Jaraguá, com a Serra da Cantareira e colinas semi-tabulares de S. Paulo no tocante a geomorfologia.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho poderá ser útil à Folha de São Paulo.

BIGARELLA, João J. - Ocorrências de dolomito no Município de Cerro Azul, Paraná. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 11 (66): 323-325, 1947. |il. |

RESUMO

A ocorrência situa-se em frente a Serra de Paranapia caba, numa baixada compreendida entre a Serra mencionada e a do Varzeão. Os afloramentos dolomíticos estão a uma altitude de 755 a 862 m. Apresenta perfil de reconhecimentos geológico do trecho compreendido entre Cerro Azul e Jaguariaíva. Identifica as seguintes unidades litológicas: arenito (Furnas - Devoniano), granito pórfiro e granito de granulção fina (pós-Algonquiano) e rochas metamórficas da Série Açungui (fi litos, quartzitos e dolomitos).

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser aproveitado com relação ao per fil apresentado e ainda quanto à petrografia da faixa abor da.

CASTER, Kenneth E. & PETRI, Setembrino - Devonian stratigraphy and paleontology of the States of Paraná and São Paulo. Brazil. Geol. Soc. Amer., Bul. New York, 58: (12) 1173, dec., 1947.

RESUMO

Três anos de reestudo intensivo do Devoniano do Paraná e São Paulo, deram como resultado, novos dados paleontológicos e estratigráficos. Com respeito à Bacia do Paraná, os resultados mais salientes desses estudos são:

- 1 - descoberta de uma zona fossilífera de transição de até - 15 m de espessura, entre o usualmente estéril Arenito Furnas (Devoniano basal) e o ricamente fossilífero Folhelho Ponta Grossa;
- 2 - considerável aumento da lista faunal do Ponta Grossa, por novas formas e novas identificações;
- 3 - estabelecimento de diferenças, zonal e faciológicas, de valor correlativo regional;
- 4 - o Arenito Tibagi prova ser uma lente;
- 5 - sua fauna é faciológica e com possibilidades de desenvolvimento em quase qualquer nível da sequência de folhelho;
- 6 - por isso, parece imprudente aplicar nomes de membro para qualquer das divisões locais de folhelho, pelos menos com respeito a fácies Tibagi;
- 7 - o Arenito "Barreiro", que frequentemente cobre o folhelho devoniano da borda nordeste do arco, é identificado com a Série Itararé (carbonífero);
- 8 - por razão, não pode representar a fase regressiva do Devo



niano que geólogos do Paraná estão advogando correntemente;
9 - como o Arenito Vila Velha (carbonífero) da área de Ponta Grossa, com o qual é possível ser correlacionado; o Barreiro é superficialmente similar ao Arenito Furnas mas, carrega "boulders" glaciais erráticos, e ocasionalmente cobre depósitos várzicos, e em vários lugares corta o Devoniano discordantemente;
10 - além disso, algumas porções do Arenito "Barreiro" mapeado, prova ser Furnas, como por exemplo: a Serra do Montenegro, levantado por falhamento Triássico-Jurássico associada com as extensões de lava do Paraná.

ANÁLISE CRÍTICA

Por ser um abstrato, traz somente conclusões que são de interesse para o Projeto.

1.1.30

FREITAS, Ruy O. de - Geologia e petrologia da Ilha de São Se -
bastião. Fac. Fil. Ci. Letr. Univ. S. Paulo, B., São Pau
lo, 85 (Geol. 3): 1-245, 1947. |il.mapa geol. |

RESUMO

Estuda as rochas alcalinas que formam um maciço de ...
300 Km², o 3º em área do Brasil. Enumera as unidades litológi-
cas da área do ponto de vista petrográfico e petrológico. Abor-
da os eventos tectônicos ocorridos na área, destacando duas fá-
ses principais. Na primeira, teriam ocorrido erupções básicas
e alcalinas e na segunda deram-se os falhamentos escalonados
em blocos basculados para NW, com fraturas de tensão preenchi-
das pelas eruptivas quartzo-dioríticas. Tece considerações geo-
morfológicas sem grandes detalhes, envolvendo feições caracte-
rísticas, drenagem e relevo.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho é de interesse para a Folha de São Sebas -
tião, pois desenvolve aspectos petrográficos, petrológicos e
tectônicos da Ilha de São Sebastião.

1.1.31

GORDON Jr, Mackenzie - Classificação das Formações Gondwânicas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., - Notas Prelim. e Est., Rio de Janeiro, nº 38, 18 p., jul., 1947.

RESUMO

Classificação sugerida para os sedimentos gondwânicos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

ANÁLISE CRÍTICA

É de utilidade parcial para o Projeto, nos intersando apenas a porção paranaense.

1.1.32

AB'SABER, Aziz N. - A transição entre o Carbonífero e o Cripto -
zóico na região de Itu. Miner. Metal., Rio de Janeiro, '
12 (71): 221-223, jan./fev., 1948. |il. |

RESUMO

Faz um esboço dos aspectos geomorfológicos e geológicos baseando em cortes da estrada entre Itu e Salto (principalmente). Assinala que se nos afastarmos da estrada que segue o Vale do Tietê em xistos cristalinos, reconhece-se facilmente nas cercanias de Salto e Itu a superfície da base dos xistos argilosos, nivelando granitos e gnaisses, que sobe regularmente a partir de 550m com uma declividade de 1 a 3% durante uma dezena de km menos. Admite que o relevo demonstrado pela superfície de discordância entre o Carbonífero e o Criptozóico na região de Itu sofreu a circundesmudação post-Cretáceo ou post-Eocênica.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho apresenta interesse para a Folha de Tatuí, pois oferece aspectos geomorfológicos e geológicos interessantes.

1.1.33

BARBOSA, Octávio - A chamada Série Ribeira. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 13 (75): 187-188, set./out., 1948. |il. |

RESUMO

Em 1934 foi descrita por Othon A. Leonardos uma nova formação na região pré-Cambriana da Serra de Paranapiacaba, Município de Iporanga, composta por conglomerados. Em 1941 Leonardos fornece mais informações acerca destas camadas, e admite-as como glaciais. Então chamou-as de Série Ribeira. Observações do autor nos municípios de Iporanga e Curitiba, onde também encontrou conglomerados isofaciais, permitiu concluir que os conglomerados de Iporanga são sedimentos orogenéticos e, naturalmente, pertencem à Série Açungui. Não há seixos com forma de "ferro de engomar" nestes conglomerados e a abundância de calcário e dolomito indicam que não é possível um ambiente glacial.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de fundo polêmico para a época. Atualmente as idéias de O. Barbosa foram confirmadas.

1.1.34

MEZZALIRA, Sérgio - Distribuição dos fósseis do Estado de São Paulo. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 13 (76): 249-256, nov./dez., 1948, |il. |

RESUMO

Tratá-se de um cadastro de todos os fósseis estudados e referidos na extensa bibliografia a respeito.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ter interesse para fins paleontológicos.

1.1.35

PETRI, Setembrino - Contribuição ao estudo do Devoniano para
naense. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mine
ral., B. Rio de Janeiro, nº 129, 125 p., 1948.
|il., mapa|

RESUMO

Nomenclatura da sequência devoniana do Paraná-adoção do termo Série Paraná, para a sequência de rochas devonianas. Histórico das pesquisas. Problemas estratigráficos da Formação Ponta Grossa - camadas de transição. O Arenito Tibagi e sua colocação na coluna geológica da Bacia do Paraná. Distribuição dos fósseis na Formação Ponta Grossa; - dados de literatura e de sondagens; - perfis geológicos feitos em Tibagi. Perfil geológico da Formação Ponta Grossa e Jaguariaíva. Idem em Lamedor. Perfil da estrada de rodagem Hotel-Rodovia - Pirai-Londrina. Distribuição faunística geral - em uma tabela - com 87 espécies e seus locais de ocorrência.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse estratigráfico para o Projeto, uma vez que estuda uma unidade litoestratigráfica que ocorre nas Folhas de Itararé e Jaguariaíva.

RIBEIRO Fº, Raimundo - Caracteres físicos e geológicos da Bacia do Paraíba. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., B. Rio de Janeiro, nº 127, 55 p. , 1948. |il., 1 mapa|

RESUMO

Descrição da situação geográfica da bacia nos estados em que o rio corre. Discussão da gênese tomando por base conceitos anteriormente emitidos. Descrição da fisiografia - da região compreendida entre Itatiaia e a Serra da Bocaina, do planalto compreendido pelas serras de Bocaina, de Parati, e do Jambeiro, onde corre o Paraitinga com altitude média de 800 m; entre as serras de Quebra Cangalha e do Mar; da bacia inferior; da bacia do Rio Pomba; da bacia do Muriaé; do campo dos Goitacases e da Baixada Fluminense. É discutido os conceitos emitidos por: Pessis, Hartt, Moraes Rego e Lamego, procurando ressaltar, principalmente as idéias do condicionamento tectônico desta bacia apoiado em dados fisiográficos.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de síntese, regional, que traz valiosa contribuição a geotectônica do Vale do Paraíba, relacionada aos aspectos físicos e geológicos. Já existem trabalhos mais recentes e específicos sobre a Bacia na área de São Paulo.

1.1.37

AB'SABER, Aziz N. - Regiões de circundesnudação pós-cretácea no Planalto Brasileiro. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 1 : 3-21, mar., 1949. |il. |

RESUMO

Define o conceito de circundesnudação a partir de velhos conceitos de geógrafos franceses. Cita a origem dos estudos sobre "cuestas" e circundesnudação em estudo retrospectivo. Estabelece as zonas de desnudação periférica no Planalto Brasileiro e mostra o quadro paleogeográfico, que precedeu os fenômenos de desnudação periférica e circundesnudação. Apresenta a evolução dos fenômenos circundesnudativos na Bacia do Paraná. Comenta a calha do médio São Francisco, compreendida como região de desnudação periférica, e apresenta dados que corroboram as evidências de desnudação periférica oriental na Bacia do Meio Norte, sul da Amazônia.

ANÁLISE CRÍTICA

Trata-se de um trabalho de caráter regional, interessando apenas parcialmente a parte sobre a Bacia do Paraná.

1.1.38

ALMEIDA, Fernando F. M. de - Relevo de "cuestas" na bacia sedimentar do Paraná. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 3: 21-33, 'out., 1949. |il. |

RESUMO

Objetiva salientar a importância do relevo de "cuestas" no Brasil Meridional e mostra como, na sua elaboração, tiveram influência os movimentos cenozóicos. Algumas destas "cuestas" têm sido referidas por diversos autores. Outras, as situadas na orla ocidental e setentrional da bacia sedimentar, nunca foram analisadas ou só incidentalmente foram referidas. Faz considerações generalizadas e sucintas sobre a Bacia do Paraná, e apresenta "linhas de cuestas" das diversas séries (Tubarão, Passa Dois). Expõe as características das drenagens e menciona os movimentos pós-cretáceos da Bacia do Paraná.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de caráter geomorfológico, podendo ser aproveitado do neste aspecto para as Folhas que atingem a bacia do Paraná.

1.1.39

BARBOSA, Octávio & ALMEIDA, Fernando F. M. de - A Série Tubarão na bacia do Rio Tietê, Estado de São Paulo. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., Notas Prelim. e Est., Rio de Janeiro, nº 48, 16 p., ago., [mapa]

RESUMO

É feito um estudo nas exposições de corte de estradas nas rodovias: Itu-Porto Feliz; Laranjal-Campinas; Americana - Piracicaba; Itapetininga-Gramadinho; S. Miguel Arcanjo-Tietê; Capivari-Sorocaba; Tatuí-Campinas; Monte-Mor-Cerquilha; Monte-Mor- Sumaré; Nova Odessa-Piedade; Pilar do Sul-S.Miguel Arcanjo e Tietê-Piracicaba. A partir destas observações de campo, os autores concluem quanto a sucessão da coluna estratigráfica da Série Tubarão.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser aproveitado, pois é fornecida a localização geográfica dos diversos afloramentos estudados, bem como as conclusões emitidas pelos autores.

1.1.40

BARBOSA, Octávio & ALMEIDA, Fernando F.M. de - Nota sôbre a es -
tratigrafia da Série Tubarão em São Paulo. Acad. Bras.
Ci., An., Rio de Janeiro, 23 (1): 65-68, 1949.

RESUMO

Estudo efetuado principalmente na bacia do Rio Tietê no Estado de São Paulo sobre a estratigrafia da Série Tubarão. Apresenta uma coluna geológica de acordo com suas observações de campo. Conclusões:

- 1 - na bacia do Tietê a sucessão difere da coluna clássica proposta por I. C. White;
- 2 - a divisão da Série Tubarão em duas em São Paulo não encontra justificativa;
- 3 - nos arredores de Capivari há uma intercalação marinha com elementos faunísticos ainda não conhecidos alhures no sul;
- 4 - as jazidas de carvão do Tietê constituíram-se no último intervalo interglacial e não são posteriores à glaciação como supunha-se;
- 5 - a jazida de carvão de Monte-Mór (Boa Vista) constituiu-se no primeiro intervalo interglacial;
- 6 - os sedimentos conhecidos como Tatuí não englobam carvões;
- 7 - os representantes da flora glossopteris mostram-se desde o início da glaciação.

ANÁLISE CRÍTICA

Considerações importantes em torno da estratigrafia, podendo ser aproveitado para a Folha de Tatuí.

1.1.41

BRANNER, John C. - Resumo da geologia do Brasil para acompanhar o mapa geológico do Brasil. Geol. Soc. Amer., New York, 30 (2): 152 p., jun., 1949. |mapa geol. |

RESUMO

Reunião de dados, onde se procurou até a data do término do mapa, juntar tudo o que se sabe e que foi publicado sobre a geologia do Brasil. São indicadas as principais obras publicadas sobre cada região estudada.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de muito valor histórico, entretanto sem interesse para os objetivos do Projeto.

FERREIRA, Evaldo O. - Jazimentos de minerais metálicos no Brasil. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., B., Rio de Janeiro, nº 130: 7-22, 1949.

RESUMO

O trabalho menciona as diversas ocorrências de metais no Brasil. Em alguns destes depósitos citados, particularmente nos mais conhecidos, fornece dados sobre reservas e teores.

ANÁLISE CRÍTICA

Trata-se de um cadastramento de ocorrências de metais. O trabalho é útil para o Projeto.

FROES ABREU, Silvio - Os combustíveis de São Paulo. Dig. Econ.,
São Paulo, Ano 5, 50: 49-58, jan., 1949.

RESUMO

Dos combustíveis disponíveis, afora a lenha, é o carvão talvez o que possa mais depressa integrar-se na economia paulista. Uma exploração intensiva das minas de Cerquilha, Tatui, Buri e Jacuba, daria para um número limitado de anos - pois as reservas estimadas chegam apenas a uns 2 milhões de toneladas, e isso, em unidades lenha equivale a 10.000 alqueires de mata. As perspectivas para a descoberta de outras jazidas de carvão em São Paulo não são tão remotas, e um programa de pesquisa geral no Estado, na área indicada, representa um dispêndio perfeitamente compatível com as nossas possibilidades.

ANÁLISE CRÍTICA

Com algum interesse para as Folhas onde ocorre o Grupo Tubarão.

1.1.44

GUTMANS, Marger - Tectônica da Bacia do Paraná. Miner. Metal.,
Rio de Janeiro, 14 (80): 47-49, 1949.

RESUMO

As falhas da Bacia do Paraná agrupam-se em duas áreas de diferentes tamanhos, mas de formas circulares. A menor encontra-se quase inteiramente no Estado de São Paulo, com periferia visível desde Itararé até Mococa. A outra maior ocupa os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com periferia circular passando por São Jerônimo, Bom Retiro e Tibagi. A sua borda constitui a Cachoeira de Sete Quedas, no Rio Paraná. Todas as outras cachoeiras da Bacia do Paraná também são consequência de falhamentos. A tectônica das falhas é a causa das formas peculiares da superfície da Bacia, das pitorescas mesas. Os dobramentos originados pelas forças tangenciais de compressão, não existem na Bacia, excetuados os encurvamentos insignificantes produzidos pela pressão das geleiras ou pelos blocos descidos através das falhas. A maior falha observada até agora, tem um ressalto vertical de 555m, medidos entre Ribeirão Preto e Visconde de Parnaíba. A estrutura das falhas muito dificulta a pesquisa do petróleo na Bacia do Paraná. Subsiste contudo, a possibilidade de êxito na eliminação dos preconceitos antiquados e na organização de mapas geológicos, mediante aplicação de métodos novos e de alta precisão.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de caráter regional sobre tectônica, com dados para as Folhas de Pilar do Sul e Itararé.

1.1.45

MEZZALIRA, Sérgio - Geologia da região de Capão Bonito à Fazenda. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 14 (80):42-46, jul./agos., 1949. |mapa geol. do trecho Capão Bonito-Fazendinha|

RESUMO

Secção geológica do trecho Capão Bonito - Fazendinha, ao longo da rodovia S. Paulo-Curitiba, cobrindo uma extensão de 60 km.

ANÁLISE CRÍTICA

Tece algumas considerações sobre a Série São Roque, - destacando a ocorrência de estudos anteriores. Faz descrição geológica do trecho supra citado. O trabalho pode apresentar interesse para as Folhas de Capão Bonito e Guapiara.

1.1.46

DERBY, Orville A. - Apanhado sôbre os recursos minerais do Estado de São Paulo. O I.G.G., R., São Paulo, 8 (3): 215-218, jul./set., 1950.

RESUMO

Relatório apresentado em 25 de fevereiro de 1889 ao Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, expõe resumidamente o que se sabia a respeito dos recursos minerais do Estado até aquela época. São citadas ocorrências de ouro, prata, chumbo, cobre, antimônio, ferro, manganês, diamante, carvão, xisto betuminoso e adubos minerais.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse apenas histórico.

1.1.47

FLORENÇANO, Paulo C. & AB'SABER, Aziz N. - A Serra do Mar e a Mata Atlântica em São Paulo. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 4: 61-69, mar., 1950. |il. |

RESUMO

Fotos tomadas por Florençano na região Serrana que constitui o "aniere-pays" da cidade de Ubatuba - S.P. Fotos: 1 - Serra do Mar na região de Ubatuba; 2 - A escarpa da Serra do Mar na região de Ubatuba; 3 - A transição para o Planalto do alto Paraíba; 4 - O "Mar" de morros do alto do Paraíba.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho aborda alguns tópicos geomorfológicos interessantes e ilustrados fotograficamente. Pode ser útil para a Folha de Ubatuba.

1.1.48

KNECHT, Theodoro - Ocorrências minerais do Estado de São Paulo. Inst. Geogr. Geol., B., São Paulo, v. 1, 145 p., 1950. |il. |

RESUMO

Sob o ponto de vista geo-econômico, os municípios da Capital, Mogi das Cruzes, Poá e Guarulhos, destacam-se como fornecedores de matérias primas, principalmente às indústrias cerâmicas, de construção e de vidraria. Seus recursos minerais são atualmente representados por minas e jazidas de caulim, feldspato, argilas, quartzitos, areia, pedregulho e pedreiras de granito e gnaiss; no presente trabalho, são descritos tais depósitos, incluindo alguns dados geo-econômicos. Outras ocorrências que não apresentam caráter de reserva mineral, quer por não possuírem dados suficientes, quer por não demonstrarem realmente interesse econômico, são apenas descritas: ouro, ferro, manganês, bauxita, ocre, turfa, epidolita, silimanita, uranita, berilo, grafita e bismuto. Em anexo é apresentado um mapa das ocorrências descritas, bem como uma tabela - onde figuram as minas manifestadas e as concessões de pesquisa e lavra nestes municípios, entre janeiro de 1934 e dezembro de 1949.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para as Folhas de São Paulo e Jundiaí.

MORAES, João de M. - Aspectos da escarpa devoniana paranaense paulista. Brasil. Serv. Geogr. Exérc., Annu., 1949, Rio de Janeiro, nº 2: 85-96, 1950. |il.]

RESUMO

A orla terminal do segundo planalto paranaense é constituída de extenso desenvolvimento, escarpado, contínuo, de vastas camadas de arenito claro, denominados de Arenito Furnas, da época inferior do período Devoniano. Quer nessa esplêndida borda de planalto, que os nossos geólogos denominaram "cuesta" ou escarpa devoniana, quer nas paredes dos "canyons" que as águas correntes mais para o interior, cavam na mesma rocha - o Arenito Furnas - apresenta o aspecto típico - de esfoliação em bancos e lajes, os quais se inclinam suavemente para oeste. São os itaimbés, itambés ou taimbés, isto é, desfiladeiros, abismos ou precipícios de pedras, onde não raro desaparecem animais pelo limiar do planalto ou rebordos dos "canyons". As Serras, de Itapirapuã, Bonsucesso, Machado e Itaóca, que se observam do alto da escarpa, em Ventania, mostram-se como vertentes abruptas para o lado de Itararé, apresentando o aspecto de terem sido produzidos por falhas na direção NE-SW. Uma das principais características da escarpa - devoniana paranaense paulista é a ausência em todo o seu desenvolvimento de derrames ou diques de diabásio, bem como a falta de morros completamente que sirvam de testemunhos da erosão ao longo da escarpa.



ANÁLISE CRÍTICA

É interessante do ponto de vista geomorfológico para as
Folhas de Jaguariaíva e Itararé.

DERBY, Orville A. - Geologia do sudeste paulista: estado de conhecimento no fim do século passado. O I.G.G., R., 9 (1/4): 40-47, jan./dez., 1951.

RESUMO

São transcritos três ofícios de Orville Derby, Diretor da antiga Com. Geol. Geogr. da Prov. de São Paulo ao Secretário da Agricultura. O estudo da bacia sedimentar de São Paulo é ressaltado por meio de três formações geológicas. Destas a mais importante pela área que ocupa no distrito urbano e suburbano, e pela sua relação mais imediata com a questão presente, é a referida na classificação geológica ao terreno terciário, constituído por camadas horizontalmente dispostas de areia e argilas. Uma segunda formação é constituída por camadas argilosas, arenosas e especialmente turfosas, chamada de "Terra da Várzea". A terceira formação é dos xistos antigos em posição inclinada e cortados por granitos que caracterizam as montanhas ao redor da cidade. Fala ainda sobre a riqueza mineral existente neste Estado, sua situação e estado de exploração: ouro, prata, chumbo, cobre, antimônio, ferro, manganês, diamante, carvão, xisto betuminoso e adubos minerais. Ouro - Distrito de São Paulo, Ribeira de Iguape, Cananéia, Xiririca, Iporanga, Apiaí, Faxina, Paranapanema, Itapetininga, Piedade, Una, Itapeçerica, São Paulo, Juqueri, Conceição dos Guarulhos, Mogi das Cruzes, Santa Isabel, Patrocínio, Socorro, Serra Negra e Amparo. Prata: Iporanga. Chumbo: Iporanga. Cobre: Serra de Botucatu. Ferro: Iguape, Campo Largo, Parnaíba, Jundiaí e São João da Boa Vista, Manganês: Proximidades da Serra do Jaraguá, São Paulo. Carvão: Tatuí e Tietê. Xisto betuminoso: Taubaté e Porto Martins. Adubos minerais: Ipanema.

ANÁLISE CRÍTICA

O artigo dá uma idéia sobre a Bacia de São Paulo e o estado de seu conhecimento na época, além de citar várias ocorrências minerais de utilidade. Deve-se considerar que apesar das dificuldades existentes quanto aos deslocamentos no Estado de São Paulo, muitas ocorrências já eram conhecidas no século passado.

FLORENÇANO, Paulo C. & FRANÇA, Ary - Paisagens do litoral nor -
deste de São Paulo: fotografias aéreas comentadas. B. '
paul. Geogr., São Paulo, nº 7: 64-73, mar., 1951. |il. |

RESUMO

O litoral de São Paulo é, em conjunto, a mais pobre, a
mais atrasada e despovoada das grandes regiões paulistas. Ex -
cluindo-se o setor central (Santos, São Vicente e Guarujá), a
nota dominante é a desproporção entre a obra da natureza e o
homem. As fotografias aéreas utilizadas faixam algumas paisa -
gens do litoral norte.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse restrito para o Projeto.

FREITAS, Ruy O. de - Sobre a origem da Bacia de São Paulo . B. paul. Geogr., São Paulo, nº 3: 60-64, out., 1951. |il. |

RESUMO

O autor defende a origem tectônica da bacia sedimentar de São Paulo, formada por deposição fluvial em uma fossa local. Esta bacia acha-se limitada à cidade de São Paulo e seus arredores. Seu contacto com o embasamento cristalino, ao norte, encontra-se bem marcado pela Serra da Cantareira, não ultrapassando São Bernardo do Campo. Os sedimentos na zona norte da Bacia são: a) areias e cascalhos; b) argilas, argilitos e folhelhos e c) formações limoníticas. Todos esses membros são inconsistentes e muito friáveis. Aditem estes autores a predominância de sedimentos finos sobre grosseiros. Os sedimentos variam vertical e horizontalmente, sem exibir nenhuma deformação diastrófica. A hipótese mais viável, compatível com a geologia de campo empresta origem tectônica à bacia sedimentar de São Paulo, em contraposição à gliptogenética. A Bacia de São Paulo representa uma fossa tectônica, preenchida por sedimentos continentais, em ambiente fluvial, em parte talvez, lacustre, exercido principalmente por torrentes coalescentes nos seus cones de dejeção, permitindo que o material mais fino pudesse sofrer algum transporte, em ambiente fluvial "sensu-strictu". Os sedimentos da Bacia de São Paulo foram sempre tidos como terciários apesar da ausência de fósseis indicadores.



ANÁLISE CRÍTICA

Serve para a Folha de São Paulo. Contem perfis geológicos e dá uma idéia da tectônica da Bacia de São Paulo.



FREITAS, Ruy O. de - Ensaio sôbre a tectônica moderna do Bra
sil. Fac. Fil. Ci. Letr. Univ. S. Paulo, B., São Pau
lo, 130 (Geol. 6): 120 p., 1951. |il.|

RESUMO

Fundamentado em dados estratigráficos, estruturais, -
geomorfológicos e fisiográficos, estuda principalmente o tec
tonismo que afetou o escudo brasileiro, após a última oroge
genia; no dobramento da Série Bambuí. Enumera os eventos mais
importantes e suas consequências geotectônicas. Estabelece -
correlações com a África.

ANÁLISE CRÍTICA

Trata-se uma contribuição aos estudos da Tectônica -
Brasileira, com base em dados, atualmente contestados, e com
interpretações diferentes das propostas.

1.1.54

FREITAS, Ruy O. de - Relevos policíclicos na tectônica do Escudo Brasileiro. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 7: 3-19, 1951.

RESUMO

O modelado do Escudo Brasileiro apresenta-se com dois níveis de superfícies de erosão pretéritas, os quais representam dois peneplanos superpostos, sucessivamente retomados pela erosão. Os dois níveis estabelecidos são os seguintes:

a) Brasil Meridional e Central, exclusive Rio Grande do Sul.

1) Nível A: 800-1000m, 2) Nível B: 1200-1400m.

b) Brasil Nordeste, e também Rio Grande do Sul.

1) Nível A: 200-300m e 2) Nível B: 700-1000m. Os níveis mais elevados do Brasil Meridional e Central coincidem com a presença da escarpa da Serra do Mar. Há testemunhos acima destes níveis, monadnocks onde o estágio erosivo do ciclo reteve-se na maturidade, retardado pela resistência das rochas. A existência destes níveis de superfícies de erosão permite concluir que o Escudo Brasileiro sofreu epirogênese positiva, pelo menos a partir do Mesozóico final, pois, tais relevos policíclicos, constituem prova geológica da operação deste tipo de tectonismo na crosta. A epirogênese deu-se em três etapas a partir do fim do Mesozóico, sendo a segunda mais importante pelos resultados morfológicos, pois, acarretou a fraturação e falhamento do Escudo Brasileiro em blocos escalonados, muralhas e fossas, e vales de subsidência, surgindo os principais acidentes tectônicos do relevo do país, como sejam a Serra do Mar, a



CPRM

Mantiqueira, o Espinhaço, a Borborema, fossas como a do Salvador e Itaboraí, vales de abatimento como os do Paraíba e São Francisco, etc., cuja idade é Cenozóica (período Terciário). A movimentação epirogênica do país estabeleceu as diferenças relativas às altitudes dos peneplanos A e B com respeito aos seus congêneres, entre o Norte e Sul do País. A cronologia desses peneplanos fica estabelecida no Cretáceo para o nível B e no Plioceno ou mesmo Pleistoceno para o de nível A. A existência de altas superfícies peneplanadas, acima do nível B, reconhecidamente falhadas, constitui a prova de que o segundo alçamento epirogênico foi acompanhado de falhamento de tensão, compatível com este tipo de deformação crustal.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho tectônico de interesse para o Projeto.

1.1.55

PAIVA NETO, José E. de et alii - Observações gerais sôbre os grandes tipos de solos do Estado de São Paulo. Bragantia. Campinas, 11 (79): 227-253, jul./set., 1951, il., mapa pedológico.

RESUMO

O estado é dividido em 10 grandes tipos de solo que se acham bastante relacionados com a petrologia em geral. A descrição desses 10 grandes grupos segue a ordem cronológica decrescente, seguindo as formações geológicas. Começam pelos solos provenientes de rochas arcaicas, tais como gnaisses, granitos, etc.. Fornecem, em geral, as características físicas e químicas assim como geologia e análise mineralógica das frações: areia fina a areia grossa desses grandes tipos de solo. No trabalho são mencionadas as áreas de cada tipo de solo existente no Estado de São Paulo, as culturas principais e a vegetação nativa. Comentam-se também rapidamente a erodilidade desses solos e as suas características morfológicas.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho apresenta interesse na parte coberta pelo Projeto.

ALMEIDA, Fernando F. M. de - Novas ocorrências de camadas supostas pliocênicas nos Estados de São Paulo e Paraná. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, (1): 53-58, out., 1952;

RESUMO

Noticia novas ocorrências de supostas camadas pliocênicas correlacionáveis às da cidade de São Paulo, nas bacias dos rios Tietê, Sorocaba e Mogi Guaçu, no Estado de São Paulo, e do rio Iapó no Paraná. É discutida a cronologia que tem sido atribuída aos sedimentos da região de Jundiaí, também referidos ao Terciário, bem como as relações entre as camadas de São Paulo e a superfície de erosão do alto Tietê, que o autor considera - ' mais antiga que esses sedimentos.

ANÁLISE CRÍTICA

Contribuição ao conhecimento das camadas terciárias nos Estados do Paraná e São Paulo.

1.1.57

KNECHT, Theodoro - Nota sôbre reconhecimentos geológicos na bacia de Rio Claro no Município de Salesópolis. O I.G.G., R., São Paulo, 10 (4): 245-248, jul./dez., 1952, |il. |

RESUMO

Na constituição geológica da bacia do rio Claro, tomam parte rochas cristalinas do Arqueano, representadas por gnaisse à biotita, sobretudo, no curso médio do rio Claro, gnaisse de cor clara com predominância de quartzo e feldspato nas vizinhanças da Boroceia, do pico do Papagaio e Corcovado. Granito gnáissico com textura lenticular ora finamente laminado pelo enriquecimento em biotita, aparecem nas elevações que constituem o divisor das águas entre o Tietê e o rio Claro. Em toda a extensão do rio Claro são frequentes, no Complexo Cristalino, as intrusões de rochas eruptivas básicas (basaltito) e diques de pegmatitos e aplitos, possuindo entretanto uma espessura reduzida.

ANÁLISE CRÍTICA

Fornece dados sobre a geologia da Folha de Salesópolis, sendo importante para o mapeamento da mesma.

1.1.58

SANTOS, Elina O. - Geomorfologia da Região de Sorocaba e alguns de seus problemas. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 12: 3-29, out., 1952. |il. |

RESUMO

Através de observações do relevo na região de Sorocaba, foram distinguidos quatro níveis gerais nas altitudes. O primeiro deles (900m em média) compreende a faixa de topografia semi-montanhosa da parte oriental da região, com destaque para a Serra de São Francisco (com escarpas de granito porfiróide), a mais importante dentro do conjunto de Serras cristalinas. A "serra" Araçoiaba constitui relevo de exceção dentro da região, diferindo morfológicamente e geneticamente das serras cristalinas. Um segundo nível (650 a 750m) está representado por morros de formas variadas, constituídos de rochas xistosas da Série São Roque, associadas a pequenas bossas graníticas. O terceiro nível (600 a 650m), o de maior extensão é onde dominam os espigões areníticos de topoplano da Série Itararé. O quarto nível (500 a 550m) corresponde às várzeas do Rio Sorocaba e afluentes. A chamada "serra" de Araçoiaba destaca-se por entre o relevo dos espigões areníticos tabulares. Trata-se de um morro isolado, a 350m acima do nível da região. Sua superfície é irregular, consequência da coexistência de rochas sedimentares e ígneas de resistências diferentes, no seu edifício estrutural. A importância da região de Araçoiaba reside na presença dos minerais: apatita e magnetita, motivo de novos estudos para o melhor conhecimento geológico da região. Esses estudos apontaram para as "ser



ras" de Araçoiaba e São Francisco, a existência de degraus de falhas, atribuídos à intrusão de um magma alcalino. A zona de Araçoiaba foi o centro principal dessa atividade magmática.

ANÁLISE CRÍTICA

A presença de apatita e magnetita torna a região atraente para estudos de geologia e petrografia. Por outro lado, são de grande interesse para a Folha de São Roque, os problemas de ordem estrutural aí apresentados.

1.1.59

AB'SABER, Aziz N. - Novos conhecimentos sôbre os depósitos da Bacia de Taubaté. Not. Geomorfol., Campinas 1 (1): 1-13, abr., 1953.

RESUMO

Avaliação dos acompanhantes de Tricart da notável descoberta da discordância estratigráfica do km 333, a qual separa nitidamente a sequencia das camadas superiores da Bacia de Taubaté em pelo menos duas formações distintas pela sua fácies, ambientes geratrizes, deposicionais e paleoclimas. De agora por diante, além do notável acréscimo de conhecimentos-sedimentológicos sobre a referida bacia, já se pode ter certeza da existência de duas formações na região: a superior, grosseira, depositada em lagos de nível variável em ambiente semi-árido, e a inferior, pertencente ao topo de uma sequencia-de estratos que culminou com a formação de um lago de águas -calmas, em ambiente tropical, sensivelmente mais úmido, segundo conclusões exclusivamente da lavra de Tricart.

ANÁLISE CRÍTICA

Excelente comentário sobre um trabalho onde o autor procura lembrar aos geólogos e geomorfologistas o pioneirismo e valor da obra de Jean Tricart e Tereza Cardoso da Silva.

1.1.60

AB'SABER, Aziz N. & BESNARD, W. - Sambaquis da região lagunar de Cananéia. B. Inst. Oceanogr., São Paulo, 4 (1/2):215-230, 1953.

RESUMO

Observações geográficas e arqueológicas relacionadas com os sambaquis dispersos pela região lagunar de Cananéia, no litoral sul de São Paulo. A maioria dos concheiros daquela zona, repousa diretamente sobre areia de praia ou de duna, achando-se localizados, quase sempre, a margem de um "marigot" (rio de água salgada). Depois de analisarem detidamente a região lagunar de Cananéia com suas restingas, canais e baixas falésias esculpidas nos estratos horizontais das "piçarras", passam a examinar a provável configuração dos canais marinhos e sistema de lagunas, durante o período pré-histórico regional que na opinião dos autores, devia ser mais recortada e menos colmatada por manguezais que atualmente. A seguir, detêm-se em considerações sobre os homens do sambaqui. Entram, finalmente, em especulações pré-históricas e, depois de estudar a estratificação das camadas e o material heterogêneo nelas contido, formulam a hipótese de que a construção do sambaqui está provavelmente ligada à prática de ritos mágicos.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para a pré-história com algumas considerações quanto à gênese dos sambaquis.

1.1.61

ALMEIDA, Fernando F.M. de - Considerações sôbre a geomorfogênese da Serra do Cubatão. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 15: 3-17, out., 1953. |il. |

RESUMO

A Serra de Cubatão, mera porção da Serra do Mar, é constituída por granitos (Serra do Quilombo) introduzidos em gnais facoidais, considerados da parte inferior do Complexo Brasileiro. Acompanha-os uma extensa zona de migmatização, manifestando-se particularmente na Serra do Mourão e nos morros setentrionais da cidade de Santos (Penha, Mont-Serrat, etc.). Quanto à origem das escarpas da Serra do Mar, chega à conclusão juntamente com J. L. Rich, que considera essas escarpas não diretamente ligadas a falhamentos modernos, mas ao produto de rápida e intensa erosão diferencial, resultante da combinação de um arqueamento da área continental, com abatimento por flexura ("down-warping"), do lado oceânico, acompanhado por falhas locais, sendo esse fenômeno mais antigo do que se supõe.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para o Projeto, principalmente a parte que trata da gênese da Serra do Mar e alargamento da Planície Costeira a partir de Itanhaém em direção ao litoral Sul do Estado de São Paulo.

BEURLÉN, Karl - Análise paleogeográfica da Série Tubarão e possibilidades de novas bacias carboníferas. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., Notas Prelim. e Est., Rio de Janeiro, nº 74, 10p., out., 1953.

RESUMO

Revisão dos conceitos e localização das principais ocorrências de carvão do Brasil, procurando extrapolar valores no sentido da descoberta de novas ocorrências. Conclue pela necessidade de sondagens, atravessando a Série Passa Dois e São Bento, a oeste da bacia do Rio Tietê.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho poderia ser aproveitado, no sentido da possibilidade de encontrar-se novos afloramentos de carvão. O interesse é restrito às Folhas onde ocorre o Grupo Tubarão.

GUTMANS, Marger - " Formação glacial de gondwana no Estado de São Paulo." In: SEGUNDA REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO SOLO, 2, Campinas, São Paulo, 1949. Soc. Bras. Ci. Solo, An., Campinas, p. 445-458, 1953.

RESUMO

Manifestações e afloramentos da formação glacial no Estado de São Paulo. Composição petrográfica da formação glacial. Rumo geral das geleiras - estrias de salto tem rumo geral para Norte 37° - 38° Oeste, estrias no Uruguai N 40° W. Tectônica da faixa glacial - As únicas manifestações de diastrofismo, que são comuns à formação glacial e à base pré-devoniana, são as falhas. É muito provável que as efusões e intrusões tenham resultados de falhas que aparecem no fim do Triássico ou início do Jurássico. Idade da formação glacial - permocarbonífera - entendendo-se como uma formação intermediária, não como uma formação que contém duas formações íntegras. Na faixa glacial, os solos arenosos são abundantes e pobres. Já os solos originados de diabásios intrusivos, sob a forma de "sills" e lacólitos, são os mais ricos do Estado, formando a verdadeira terra roxa.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho com algum interesse para as Folhas onde ocorre o Grupo Tubarão, principalmente no capítulo sobre os solos da formação glacial.

MEZZALIRA, Sérgio - Zona Mairipororã, Guarulhos (Fôlha de Jundiaí): zona de Capão Bonito. O I.G.G., R., São Paulo, 11 (1): 23-27, jan./mar., 1953.

RESUMO

Trata-se de um relatório de atividades e a primeira parte assinala descrições macroscópicas e afloramentos visitados. Destaca a presença de quartzito, anfibólio-xisto, gnaisse, granito, argilas e areias, na zona de Capão Bonito; estradas: Capão Bonito-Guapiara, Capão Bonito-Taquaral e Capão Bonito-S.Miguel. Na primeira, anota presença de argilas de cor chocolate; arenitos e camadas gorutuba, na segunda e terceira respectivamente.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser parcialmente aproveitado para as Folhas de Capão Bonito e Jundiaí.

1.1.65

RICH, John L. - Problems in Brazilian geology and geomorphology' suggested by reconnaissance in summer of 1951. Fac. Fil. Ci. Letr. Univ. S. Paulo., B., São Paulo, 146 (Geol. 9):1-80, 1953. |il. |

RESUMO

Numa excursão à parte central do Estado de São Paulo, chamaram-nos a atenção, diversos problemas interessantes que suscitarão estudos ulteriores. Entre Itu e Salto, um patamar de granito pouco alterado, com forma de terraço, sugere que uma antiga superfície dessa rocha de relevo suave, houvesse sido recoberto por rochas sedimentares pouco resistentes de idade permo-carbonífera. Removidas recentemente pela erosão, puseram a mostra o granito mais resistente. Varvitos expostos nas pedreiras a oeste de Itu revelam caracteres esclarecedores não só do problema da origem desses sedimentos, como da direção de sua proveniência. Uma excursão à região de Juquiá-Iguape-Xiririca, revelou um "crock terrace" extenso e maturamente dissecado, ocupando uma área considerável ao baixo curso do Ribeira de Iguape. Nas partes elevadas dos cortes da rodovia entre Registro e Pariquera-Açu, onde estes atingem os diversos locais, verificam-se numerosos tratos remanescentes de seixos trabalhados pela água. Indicam que toda a área do terraço, agora maturamente dissecado, com um relevo de 50m ou mais, foi encrustada com cascalhos depositados, seja por rios de largos meandros ou menos provavelmente, no mar em qual quer dos casos, numa época em que o mar se achava mais elevado. Apresenta o problema seguinte: a Serra do Mar é resultado de fa-



CPRM

lhamento, relativamente recente ou arqueamento, acompanhado de falhas subordinadas, combinado com efeitos de uma erosão mais rápida realizada por rios de curso curto e forte inclinação para o mar.

ANÁLISE CRÍTICA

Neste trabalho o autor apresenta uma série de problemas com hipóteses para suas soluções. Entretanto o trabalho apresenta o mérito, de que os problemas foram expostos em excursões, realizadas em poucas semanas por um geólogo estrangeiro, não sendo possível nesse tempo apresentar soluções cabais.

1.1.66



SETZER, José- Zona de Atibaia (Folha de Jundiaí). O I.G.G., R., São Paulo, 11 (1): 27-34, jan./mar., 1953. |il., cortes geológicos da região percorrida. |

RESUMO

Trata-se de um relatório de atividades geológicas efetuadas entre os paralelos 23° 00' 00" e 23° 10' 00" e meridianos 46° 30' 00" e 46° 10' 30", perfazendo 320 km². Destaca as seguintes litologias: granito, gnaisse fitado e faz considerações generalizadas de ordem estrutural. Na última parte descreve os perfis elaborados.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser parcialmente útil para a Folha de Jundiaí.

1.1.67

WOHLERS, Armando - Geologia da zona de Guapiara (folha de Capão Bonito). O I.G.G., R., São Paulo, 11 (1): 20-22, jan./mar., 1953.

RESUMO

Trata-se de um relatório de atividades onde o autor descreve de modo sucinto alguns afloramentos visitados. Destaca a presença de xistos e filitos, quartzitos, calcários e fala sobre as camadas Gorutuba, na estrada Guapiara-Monjolada, nos arredores da mina Cobrasil.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser, parcialmente útil à 'Folha de Capão Bonito'.

1.1.68

ANDRADA E SILVA, José B. de & ANDRADA, Martim F. R. de - Viagem ' Mineralógica na Província de São Paulo: 1ª parte. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 16: 66-74, mar., 1954.

RESUMO

Trata-se de um relatório de viagem, efetuada em 23 de março de 1820. Descreve o roteiro de Santos à São Paulo de modo pitoresco, destacando alguns aspectos geológicos do Monte Serrat. Prossegue a narrativa, abordando os arredores de São Paulo. Menciona a - floramentos no rio Tietê, Tamanduatú e proximidades de Santo Amaro. Descreve os arredores do Jaraguá até Santa Fé, onde havia uma antiga mineração. Aborda aspectos pitorescos das regiões, compreendidas entre o Vale do Jaguari e na Serra do Pajé e ainda a região do Paraíba e Pirapora.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho, um relatório de viagem, apresenta aspectos históricos. Do ponto de vista geológico, o conteúdo é muito superficial e parcialmente aproveitável.

1.1.69

ANDRADA, Martim F. R. de - Diário de uma Viagem Mineralógica pela Província de São Paulo no ano de 1805. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 18: 34-44, out., 1954.

RESUMO

Viagem iniciada em Santos, com passagens pela região de Itanhaém, Iguape, Xiririca, Iporanga e Cananéia. Aspectos curiosos são abordados e algumas rochas são citadas. Descreve dezenas de áreas mineralizadas, principalmente a ouro e outros metais nobres. Tece comentários pitorescos, retratando aspectos, sócio-econômicos daquelas localidades.

ANÁLISE CRÍTICA

Documento de inegável interesse histórico-geográfico-geológico, podendo ser considerado como primeiro estudo de caráter geo-econômico no Estado de São Paulo.

1.1.70

ANDRADA E SILVA, José B. de & ANDRADA, Martim F. R. de - Viagem 'Mineralógica na Província de São Paulo: conclusão. B.paul. Geogr., São Paulo, nº 17: 52-62, jul., 1954.

RESUMO

Prossegue o relatório de viagem, agora seguindo a estrada de Pirapora para Itu. Antigas minas são descritas em Itu e vizinhança. Depois os autores separam-se e um segue para a região de Piracicaba e outro para o caminho de Sorocaba, onde são descritas "pedras calcárias" e "mineral de ferro magnético", respectivamente. A viagem de volta para São Paulo é feita via São Roque, onde são descritos granitos.

ANÁLISE CRÍTICA

Interessante apenas sob o aspecto histórico geográfico.

1.1.71

BEURLÉN, Karl - Uma comparação do "inlandsis" quaternário europeu com o do gondwânico sul-brasileiro. Acad. Bras. Ci., An., Rio de Janeiro, 26 (1): 101-109, 1954.

RESUMO

A glaciação gondwânica no Paraná e São Paulo, apesar de ser formada por quatro avanços distintos de um "inlandsis" terrestre, analogamente à glaciação quaternária européia, apresenta traços pronunciadamente singulares e típicos, diferentes desta glaciação. Havia uma combinação típica de condições de "drift" glacial com um "inlandsis" terrestre, legítimo, cada vez mais acentuado, de baixo para cima. Essa singularidade na seqüência dos acontecimentos geológicos, durante o período glacial, realizou-se em consequência de um mergulho contínuo dessa região do "inlandsis" transformando-se em uma ampla bacia na qual, culminando o desenvolvimento, transgrediu o mar. Devido a essas condições, não se podiam desenvolver os efeitos normais de erosão e empurrão glaciais: deu-se essa sedimentação contínua e alternada de camadas glaciais e interglaciais, tão típica e surpreendente na seqüência glacial Paraná-São Paulo.

ANÁLISE CRÍTICA

Excelente trabalho, onde o autor compara o "inlandsis" gondwânico do Paraná e São Paulo com o "inlandsis" quaternário europeu. De interesse para as Folhas onde ocorre o Grupo Tubarão.

1.1.72



BEURLIN, Karl - Horizontes fossilíferos das camadas Serra Alta do Paraná - Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., B., Rio de Janeiro, nº 152, 30 p., 1954. |il. |

RESUMO

É feito um estudo das camadas Terezina do Paraná, bem como da Formação Corumbataí em São Paulo. Conclui através de estudos correlativos que as camadas Serra Alta são equivalentes à parte inferior e média da Formação Corumbataí. É feito um quadro petrográfico da Bacia do Paraná e do ambiente da sedimentação, uma bacia marinha, intracontinental, de água salobra.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho de correlação estratigráfica é interessante. Poderia ser utilizado pela Folha de Itararé e adjacentes.

1.1.73

CARVALHO, Ana Maria V. de - Contribuição ao estudo petrográfico ' do Arenito Botucatu no Estado de São Paulo. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 3 (1): 51-72, mai., 1954. |il|.

RESUMO

Apresenta dados sobre a petrografia e a origem da Formação Botucatu no Estado de São Paulo. São descritos os métodos empregados no estudo da granulometria, composição mineralógica, arredondamento, esfericidade, brilho, densidade, porosidade e permeabilidade. Os resultados são comprovados com outros obtidos para sedimentos eólicos atuais e do passado, situados no Brasil e em outros países. É discutida a possível correlação de estratos encontrados nas rodovias Botucatu - Conchas e Piraju - Fartura, assim como a velocidade do vento responsável pelo transporte do material e a rocha que provavelmente originou tal arenito.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho pormenorizado sobre a petrografia sedimentar e gênese do Arenito Botucatu.

LANGE, Frederico W. - Estratigrafia e idade geológica da Série Tubarão. Mus. Paran. Arq., Curitiba, Geol. 2, 22p., jun., 1954.

RESUMO

Histórico da subdivisão estratigráfica e idade geológica da formação gondwânica basal no sul do Brasil. Esta parte basal do Estado do Paraná, foi originalmente assinalada em duas Séries distintas, a inferior Itararé definida como consistindo de sedimentos glaciais, supostamente restrita a esta Série e a superior, a Série Guatá, caracterizada pelas suas plantas fósseis e camadas de carvão e suposta não conter depósitos glaciais. - Mais tarde estas Séries foram reunidas em uma única Série Tubarão, compreendendo o Grupo Itararé e o Grupo Guatá. Os dois grupos apresentam plantas fósseis e sedimentos glaciais. Uma nova formação Teixeira Soares é proposta para designar a parte superior do Grupo Itararé. Esta formação compreende arenitos e folhelhos com fósseis marinhos. A nova subdivisão aqui proposta a seguinte estratigráfica:

Série Tubarão

Grupo Guatá - Camadas Palermo

Formação Bonito

Grupo Itararé-Formação Teixeira Soares

Formação Palmeira

Discussão sobre a idade do Tubarão com as opiniões de vários paleontólogos.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para as Folhas onde ocorre o Grupo Tubarão.

1.1.75

MENDES, Josué C. - Contribuição à estratigrafia da Série Passa Dois no Estado do Paraná. Fac. Fil. Ci. Letr. Univ.S.Paulo, B., São Paulo, nº175 (Geol. 10): 1-11, 1954. |il. |

RESUMO

Versa sobre a estratigrafia da Série Passa Dois no Estado do Paraná baseando-se em observações de campo e no exame da bibliografia. Analisa a estratigrafia dessa série geológica sob o ponto de vista faciológico. Resume as pesquisas prévias, discute a posição da Série Passa Dois, a sua espessura, tectônica, litologia, conteúdo paleontológico, idade, correlação, etc. Na parte dedicada a paleontologia descritiva, apresenta uma revisão da nomenclatura anterior dos Lamellibranchiata e descreve o material ocorrente no Estado do Paraná, propondo dois gêneros novos e 4 espécies novas. Acompanha um trabalho de secções geológicas, ilustrações dos fósseis, etc. Alguns recursos de interesse econômico são os folhelhos pirobetuminosos da Formação Irati, calcários em vários níveis (Formação Irati e fácies Terezina da Formação Estrada Nova) e sílex (chert) em forma de nódulo ou camadas em vários níveis da Série Passa Dois.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho detalhado sobre a Série Passa Dois, hoje Grupo Passa Dois, no Estado do Paraná. De interesse para o Projeto, pois este grupo ocorre em áreas do mesmo.

1.1.76



ROSA, Wenceslau - Riquezas minerais do Brasil - Eng. Miner. Metal,
São Paulo, 19 (11) : 121-125, jan./fev., 1954.

RESUMO

Estima-se que apenas um terço do território brasileiro achasse mais ou menos conhecido no que diz respeito às suas possibilidades mineralógicas. A seguir são feitas ligeiras considerações sobre os seguintes minérios: ferro, areia monazítica, tório e urânio em Poços de Caldas; ouro e minérios uraníferos no Norte; fosfato em Pernambuco; carbonatito em São Paulo; diamante, jazidas de calcários e carvão no Paraná; jazidas de scheelita na Paraíba e folhelhos betuminosos no Rio Grande do Sul.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de caráter geral sobre recursos econômicos no território brasileiro. Eventualmente poderá ser utilizado pelo Projeto.

WOHLERS, Armando et alii - Geologia da Fôlha de Jundiaí, Estado
./ de São Paulo. O I. G. G., R., São Paulo, 12 (1/2): 116-
131, jan./jun, 1954.

RESUMO

É denominada Folha de Jundiaí o mapa que abrange a área si-
tuada entre os paralelos 23°00' e 23°30' S e os meridianos 46°
30' e 47°00' W de Greenwich, num total de cerca de 2.830 km². Es-
ta Folha abrange áreas pertencentes aos Municípios de São Paulo'
(capital), Jundiaí, Itatiba, Santana do Parnaíba, Franco da Ro-
cha, Mairiporã, Atibaia, Guarulhos, Cabreúva, Vinhedo e Barueri.
Como base topográfica foram utilizadas: Folha de Jundiaí escala'
1:100.000, edição preliminar 1925, Comissão Geográfica e Geológi-
ca; Folha de Atibaia - escala 1:100.000, edição preliminar 1907,
Comissão Geográfica e Geológica. As descrições das formações geo-
lógicas:

a) Complexo Brasileiro (Arqueozóico). Delimitou-se com relativa'
precisão, o contato do gnaiss, com quartzitos proterozóicos ,
nas encostas da Serra do Japí. O termo litológico mais comum é o
гнаiss, mas também ocorre litologias como granitos, quartzitos'
e eruptivas básicas metamorfoseadas em anfibolito.

b) Série São Roque (Proterozóico) - esta série é constituída de
um antigo pacote de rochas sedimentares que foram metamorfizadas;
ela aflora em grande área na parte sul da Folha de Jundiaí. Ocor-
rem filitos, xistos, quartzitos, calcários, anfibolitos, conglo-
merados e granitos intrusivos na Série São Roque.

c) Cenozóico - ocorrem na Folha de Jundiaí formações cenozóicas, supostas terciárias, cuja idade tem sido referida ao Plioceno. São as camadas da "Formação São Paulo" aflorantes na bacia do rio Tietê, mapeadas entre o bairro de Santana e Guarulhos. São constituídas de argilas de cores vivas (secundárias com areia e cascalhos; não se conhecem fósseis).

ANÁLISE CRÍTICA

Esse trabalho pode ser tomado como base no mapeamento da Folha de Jundiaí pois fornece todos os dados, litologia, tectônica e recursos minerais.

AB'SABER, Aziz N. - Geomorfologia de uma linha de quedas apalachianas típicas do Estado de São Paulo. Assoc. Geogr. Bras., An., São Paulo, 7 (1): 27-55, 1955.

RESUMO

No Estado de São Paulo existe um grupo de quedas, pequenas cochoeiras e faixas de corredeiras da zona de contato entre os terrenos cristalinos pré-devonianos e os terrenos sedimentares. Essa área de acidentes hidrográficos agrupa-se em uma linha que afeta-a todos os rios que saem das terras altas pré-devonianas e demandam o interior da Bacia do Paraná. Trata-se de uma linha de quedas que coincide exatamente com os limites entre as duas províncias geológicas fundamentais de São Paulo: a região criptozóica e a região fanerozóica. Essa é a única área geomórfica paulista possível de ser considerada como uma "fall line" apalachiana típica, a qual repete em linhas gerais, os mesmos problemas geomorfológicos e hidrográficos peculiares à costa Atlântica da América do Norte. Em se considerando o Brasil Meridional em conjunto, é exatamente em São Paulo e no Paraná que existe uma "fall line" típica.

ANALISE CRÍTICA

Artigo de interesse ao Projeto, pois trata de linhas de queda existente no contato pré-Cambriano com as rochas da Bacia do Paraná.

1.1.79

AB'SABER, Aziz N. - Contribuição à geomorfologia do litoral paulista. R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, 17 (1): 3-48, jan./mar., 1955. |il. |

RESUMO

Contribuição à geomorfologia do litoral com base em análises e correlações dos níveis costeiros observados até o presente. Considerando que o estudo dos níveis costeiros baixos - marinhos e fluviais - constitui um dos métodos mais importantes para o estabelecimento da geomorfogênese costeira de áreas litorâneas elevadas e tectonicamente estáveis, o trabalho é calçado sobre esta orientação em seus vários aspectos. Descreve com detalhes, eventos em toda faixa costeira estudada.

ANÁLISE CRÍTICA

Interessante para as Folhas de Barra de Santos, Itanhaém e Barra de Iguape no tocante à geomorfologia.

1.1.80

ALMEIDA, Fernando F. M. de - As camadas de São Paulo e a tectônica da Serra da Cantareira. Soc. Bras. Geol., B., 4(2):23-40, set., 1955. | mapa tectônico |

RESUMO

A formação São Paulo tem sua principal área de ocorrência na Capital e seus arredores. É constituída principalmente por argilas de cores variadas e de areias e arenitos com escassos leitos de cascalhos. Com base nos dados de superfície e em uma sondagem / que atingiu o embasamento na Mooça, pode-se inferir para essas camadas uma espessura de 290 m. É sugerida uma origem tectônica para a Bacia de São Paulo.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de utilidade para a Folha de São Paulo.

COUTINHO, José M. V. - Geologia e Petrologia da Região de Pirai' do Sul, Paraná. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 4 (1): 49-65, mai., 1955. |il., mapa geol. |

RESUMO

O trabalho apresenta o resultado de estudos geológicos preliminares na região de Pirai' do Sul, Paraná, bem como considerações petrográficas e petrológicas em torno das rochas presentes, aliadas a descrições sobre a tectônica e coluna estratigráfica. Os fatos geológicos observados foram interpretados da seguinte maneira: as rochas gabróides são anteriores ao Devoniano, já que estão erodidas em um peneplano fossilizado ao nível de base da escarpa devoniana. Os arcósios (Formação Castro) estão sem dúvida, em posição estratigráfica intermediária entre a Série Açunguí (algonquiana) e a Série dos Campos Gerais (devoniana). As rochas riolíticas se formaram, grande parte, em ambiente sub-aéreo, e deste modo excluiu-se a possibilidade de serem intrusivas, portanto posteriores aos sedimentos devonianos, que certamente já cobriram toda a área em estudo. As relações entre as rochas básicas e os arcósios são difíceis de estabelecer, mas pelo menos pode-se concluir pela idade posterior ou pelo menos contemporânea de uma rocha básica, o espilito, possivelmente singenético aos gabros. Outras dúvidas aparecerão se se tentar estabelecer as relações arcósio-riolito, sendo provável a idade mais recente deste último.

ANÁLISE CRÍTICA

Levantamento geológico preliminar da região de Pirai' do Sul, servindo como contribuição ao mapeamento da Folha do mesmo nome.

LEINZ, Viktor - Decomposição das rochas cristalinas na Bacia de São Paulo. Acad. Bras. Ci., An., Rio de Janeiro, 27 (4) : 499-504, dez., 1955. |il. |

RESUMO

O trabalho fundamenta-se no estudo de 50 sondagens profundas que atingiram as rochas cristalinas. A intensidade e tipo de ação intempérica para a área abrangida pelo estudo, depende essencialmente da constituição mineralógica e textural da rocha. Distingue dois grupos principais que apresentam um comportamento similar:

- 1 - granitos e gnaisses leucocráticos;
- 2 - gnaisses melanocráticos e xistos.

Caracteriza os grupos de acordo com a mineralogia e decomposição intempérica. Apresenta a constituição química das zonas de decomposição que são divididas em 3, de acordo com as amostras coletadas em sondagem. Estabelece as profundidades da decomposição, estudando os fatores que influem no fenômeno.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho poderá ser aproveitado com reservas para a Folha de São Paulo.

ODMAN, Olof H. - A pre-Cambrian conglomerate with pebbles of deep-seated rocks near São Paulo, Brazil. Eng. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 21 (121): 32, jan., 1955.

RESUMO

Em regiões pré-cambrianas as possibilidades de revelar oscilações estratigráficas das formações geológicas são muito limitadas, dependendo do achado de fósseis e camadas guias distintas e naturalmente, do grau de metamorfismo. Conglomerados com seixos de rochas situadas em profundidade, por exemplo, de granitos, gnaisses e migmatitos, em outras palavras, conglomerados basais, são de grande importância na estratigrafia pré-cambriana, denotando um hiato definitivo na evolução geológica. Eles marcam naturalmente, o início de uma formação nova ou um novo ciclo geológico. Relata o estudo realizado no conglomerado localizado no km 18 da rodovia para Campinas, considerando-o como conglomerado basal. Apresenta descrições litológicas e relações estratigráficas com as rochas adjacentes.

ANÁLISE CRÍTICA

Salienta a importância do estudo sobre metaconglomerados pré-cambrianos na interpretação dos problemas estratigráficos. Dados geológicos sobre o conglomerado do km 18 da rodovia Anhanguera, Folha de Jundiáí.

1.1.84

PICHLER, Ernesto & SOUZA CAMPOS, João E. de - Apreciação geológica e petrográfica de algumas rochas básicas de Santos. ' Fac. Fil. Ci. Letr. Univ. S. Paulo, B., São Paulo, 186 (Mineral. 13); 57-80, 1955. |il., mapa geol. |

RESUMO

Apresenta dados sobre a geologia de Santos, considerando particularmente a ocorrência de rochas básicas. O mapa geológico mostra as principais ocorrências destas rochas, indicando suas respectivas coordenadas geológicas. Um estudo petrográfico detalhado das rochas, amostradas nas ocorrências de São Vicente e Ilha Porchat, revelaram que a primeira é um dique lamprofírico com alta percentagem de olivina enquanto a rocha da Ilha Porchat foi classificada como diabásio. Estas ocorrências originaram-se em diferentes idades geológicas, e as rochas olivínicas de São Vicente, cuja origem é correlacionada aos movimentos epirogênicos da Serra do Mar, são mais jovens que o diabásio da Ilha Porchat.

ANÁLISE CRÍTICA

Considerações sucintas sobre a geologia de Santos. Dados petrográficos e idade das rochas básicas associadas. Contribuição geológica restrita à região de Santos.

1.1.85

SETZER, José - Os solos do Município de São Paulo. (1ª parte),
B. paul. Geogr., São Paulo, nº 20: 4-30, jul., 1955.

RESUMO

Os solos de São Paulo, apesar de apresentarem boas propriedades físicas, são extremamente ácidos e pobres e foram classificados em 8 grupos. Cada grupo por sua vez está dividido em vários tipos. São estudadas as seguintes características químicas dos solos de São Paulo: grau de acidez, cálcio permutável, magnésio trocável, potássio permutável, manganês trocável, amônia trocável, soma das bases permutáveis, alumínio permutável, hidrogênio trocável, absorção catiônica ou BEC, saturação catiônica, fósforo, humus, nitrogênio, sulfatos e cloretos, complexo coloidal mineral. Considerações sobre o grau de laterização.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para as Folhas que englobam a região de São Paulo e adjacências.

1.1.86

AB'SABER, Aziz N. & BERNARDES, Nilo - Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo. Eng. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 24 (143): 284-292, nov., 1956.

RESUMO

Considerações sobre o relevo do Brasil Sudeste e seu caráter tectônico. Estudo geomorfológico do médio Vale do Paraíba e da Serra da Mantiqueira. Estudos geomorfológicos da bacia sedimentar de Taubaté e caracterização morfológica do maciço de Itatiaia.

ANÁLISE CRÍTICA

Exibe apurados estudos sobre a geomorfologia do Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e maciço de Itatiaia, tendo especial interesse os dados sobre o Vale do Paraíba, localizado em parte, na área do Projeto.

1.1.87

FREITAS, Ruy O. de - Considerações sôbre a tectônica e a geologia do Vale do Paraíba. Eng. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 24 (143): 276-283, nov., 1956.

RESUMO

Estabelece os preâmbulos que regem a tectônica da área, com rápidos comentários com relação às Serras da Mantiqueira e do Mar. É estabelecida a origem do Vale do Paraíba correlacionando-o aos "rift-valleys" africanos. São dadas considerações sobre o embasamento pré-cambriano discordando das idéias anteriores de Rich J. L.. Explica as erupções alcalinas correlacionando-as com os principais centros eruptivos na África e Alemanha, apresentando os tipos petrográficos descritos por Menescal Campos. Descreve a Bacia de Taubaté, dando destaque aos folhelhos pirobetuminosos. Considerações sobre a Bacia de Rezende destacando os depósitos de turfa. Roteiro geológico na rodovia Presidente Dutra.

ANÁLISE CRÍTICA

Fornece uma visão geral do Vale do Paraíba quanto à tectônica e geologia. Há dados sobre folhelhos pirobetuminosos. O roteiro geológico do final do trabalho pode ser aproveitado.

1.1.88



LEONARDOS, Othon H. - Carbonatitos com apatita e pirocloro. Bra
sil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Fom. Prod. Min., Avul., Rio
de Janeiro, nº 80, 30 p., 1956. [il.]

RESUMO

Considerações gerais sobre os carbonatitos; discussão de ' sua gênese segundo vários autores. Carbonatito no estrangeiro ' descrição de carbonatitos da Suécia, Noruega, Alemanha, URSS e EUA. Carbonatitos no Brasil - descrição das ocorrências e seus depósitos de apatita e pirocloro e outros minerais associados.

ANÁLISE CRÍTICA

É de interesse, uma vez que trata de algumas ocorrências ' que estão dentro da área do Projeto, como as de Jacupiranga, Morro do Serrote, Ipanema e Piedade, embora em algumas delas já existam trabalhos mais recentes e mais detalhados.

1.1.89

SETZER, José - Solos do Município de São Paulo: (2ª parte), B. paul.
Geogr., São Paulo, nº 22: 26-54, mar., 1956.

RESUMO

São focalizadas as características físicas do solo paulis-
tano, sendo que seu estudo obedeceu a seguinte sequência: cor do
solo, composição granulométrica, textura, módulo de finura, peso
específico, porosidade, higroscopicidade e permeabilidade.

ANÁLISE CRÍTICA

Com algum interesse para as Folhas de São Paulo, Santos e
Jundiaí.

1.1.90

SETZER, José - Os solos do Município de São Paulo. (Conclusão), B. paul. Geogr., São Paulo, nº 24: 35-56, out., 1956.

RESUMO

Considerações a respeito da capacidade estática do solo e sua conversão em colheita fisicamente possível. Localização das amostras analisadas. A partir dos dados obtidos, são mostradas as medidas mais urgentes para suprir as necessidades do solo.

ANÁLISE CRÍTICA

Com algum interesse para as Folhas de São Paulo, Jundiaí e Santos.

1.1.91



AB'SABER, Azis N. - Os terraços fluviais da Região de São Paulo,
B. Geogr., Rio de Janeiro, nº 136: 45-57, jan./fev., 1957.
|il.|

RESUMO

Cita a região de São Paulo, comp possuidora de bons exemplos de terraços fluviais, além de constituir excelentes testemunhos de que, juntamente com as regiões contíguas, foi afetada sucessivamente, depois do Plioceno, por processos de terracamento fluvial, os mais antigos dos quais, responsáveis diretos pela elaboração dos níveis intermediários nitidamente inscritos nos detalhes do relevo. Desenvolve a fisiografia regional abordando aspectos diversos. Apresenta retrospectos dos trabalhos anteriores sobre os terraços fluviais paulistas. Anota e exemplifica os diversos tipos de terraços observados, dando o seu significado paleogeográfico.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser útil no ponto de vista fisiográfico e geomorfológico à Folha de São Paulo.

AB'SABER, Aziz N. - Conhecimentos sôbre as flutuações climáticas do Quaternário no Brasil. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 6 (1): 41-48, mai., 1957.

RESUMO

Análise dos dados disponíveis sobre as flutuações climáticas do Quaternário do Brasil. Cita como bons indicadores do paleoclima do Quaternário os depósitos de seixos rolados dispostos em baixos terraços fluviais, crostas lateríticas, alguns paleosolos desagregados, depósitos pleistocênicos de "bajadas" e marcas de vegetação residual.

ANÁLISE CRÍTICA

Aborda problemas paleoclimáticos do Quaternário, sendo de utilidade na interpretação geomorfológica e genética dos depósitos cenozóicos.

1.1.93

AB'SABER, Aziz N. - O problema das conexões antigas e da separação da drenagem do Paraíba e Tietê. B. paul. Geogr., São Paulo, nº 26: 38-49, jul., 1957. |il. |

RESUMO

Selecionando observações a respeito da gênese do relevo do Planalto Atlântico em São Paulo, são apresentadas especulações paleogeográficas, sobre as conexões antigas e a separação posterior das redes de drenagens do Paraíba e Tietê.

ANÁLISE CRÍTICA

Interessante artigo que traz observações colhidas pelo autor e suas especulações sobre a possível captura do Alto Tietê, pelo Paraíba.

1.1.94

BASTANI, Tanus J. - Minas e Minérios do Brasil. São Paulo, F. Bastos, 1957, 528, 83 p.

RESUMO

Generalidades sobre as principais ocorrências minerais em cada estado da Federação com comentários e incentivos para uma exploração mais efetiva dos recursos minerais do Brasil. Informações de ocorrências minerais por municípios. Apêndice de 83p., trazendo catálogo das amostras minerais que se acham em exposição no Museu Mineralógico do DNPM, classificadas segundo o método de J.M. Dana, ed. 1944.

ANÁLISE CRÍTICA

Tem importância para o Projeto, como informativo de ocorrências minerais no Estado de São Paulo.

FERREIRA, Evaldo O. - Síntese dos principais bens primários de origem mineral do Brasil. Eng. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 26 (155): 287-291, nov., 1957.

RESUMO

Resumo da parte referente a São Paulo:

1 - Chumbo - dentre as muitas ocorrências de chumbo no Brasil, destacam-se as da região do Ribeira de Iguape, nos limites de São Paulo e Paraná. As jazidas de São Paulo são constituídas de filões hidrotermais de quartzo contendo galena argentífera, blenda, calcopirita, etc., atravessando xistos e calcários da Série São Roque, relacionados à batólitos graníticos que aí afloram. Aham-se localizados nos Municípios de Iporanga, Apiaí, Capão Bonito e Iguape. As jazidas de Cerro Azul e Imbuial do Paraná, são também filões hidrotermais com galena e blenda, cortando os calcários da Série São Roque. Apresentam uma reserva de 300.000 t de minério com cerca de 150 t de prata recuperável.

2 - Prata - interessante sub-produto da mineração do chumbo, nas minas da região Ribeira de Iguape, em São Paulo e Paraná, cujas galenas são bastante argentíferas.

3 - Tântalo - no Estado de São Paulo ocorre a tantalita em Mogi das Cruzes.

Trata ainda de uma série de outros minerais de pouca importância no que se refere a São Paulo.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse geral para o Projeto.

1.1.96

FREITAS, Ruy O. de - Tectônica e geologia do Vale do Paraíba .
Esc. Eng. S. Carlos, (Geol.4):40 p.,1957.

RESUMO

Descreve o Vale do Paraíba como "um curioso corredor retil_íneo, mais ou menos orientado de NE-SW e ENE-WSW, com largura variável até 25 km no máximo, composto de dois compartimentos cheios de sedimentos e um terceiro onde a sedimentação é ausente". Estabelece as principais feições geomorfológicas da Serra da Mantiqueira e Serra do Mar. Fala sobre a origem do vale, fazendo ligeira menção aos autores que estudaram o problema anteriormente. Esquematiza o processo sedimentar que atuou no vale. Menciona a geologia de modo sucinto e conciso da parte pré-cambriana. No tocante às erupções alcalinas, faz estudo comparativo com os principais centros alcalinos mundiais e do Brasil. Quanto ao Terciário, faz uma exposição rápida de trabalhos anteriores, destacando as bacias de Taubaté e Rezende e apresenta um roteiro geológico na Rodovia Presidente Dutra.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho útil à Folha de Taubaté.

MORAES, João de M. & PINHEIRO, Sinval - 1ª Expedição científica à Serra de Paranapiacaba e ao Alto Ribeira. R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, 19 (12): 123-177, abr./jun., 1957. |il. |

RESUMO

Foi observada a riqueza mineral da região, sendo feito um levantamento da extraordinária concentração de águas minerais alcalino-terrosas e cálcio-magnesianas, na cidade de Varzeão, sendo coletados cerca de 150 exemplares de rochas para análise e descrição, noticiando entre elas, minerais radiativos, cobre, opala e mármore do tipo travertino. Entre os minerais metálicos ou não metálicos, que constituem ocorrências de valor industrial, podemos destacar minério de bário com teor de 63% de óxido de bário; a galena argentífera, bem como minério de cobre metálico de 6 a 15%; calcários para todas as finalidades. Foram apreciadas a beleza das rochas ornamentais do Alto Vale do Ribeira, fazendo uma menção especial para a variedade e abundância de mármore, alguns dos quais considerados como carrara e tipo travertino. Os autores demonstram que a proeminência da estrutura quartzítica, comanda altimetricamente o relevo do Alto Ribeira Paranaense. O relevo notadamente dissecado, caracteriza no conjunto a região drenada pelo Alto Ribeira, mostrando vales profundos em forma de "V", os quais contudo têm constituído obstáculo para a agricultura habitual e para indústria extrativa de madeira, conduzindo sérios problemas para a manutenção do solo.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho apresenta interesse relativo ao Projeto.

1.1.98

MORAES, João de M. - Expedição Científica à Serra de Paranapiacaba e ao Alto Ribeira. R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, 1957, (3): 255-299, jul/set., 1957. |il. |

RESUMO

Terminado o relatório da primeira expedição científica na Serra de Paranapiacaba e ao Alto Ribeira (baixa região do Paraná) os autores apresentam um quadro da produção mineral, vegetal e animal desta área, tentando mostrar os mais favoráveis e desfavoráveis fatores para o seu desenvolvimento. Neste artigo são citadas as indústrias já instaladas no Alto Ribeira Paranaense. Atenção especial é dada para a produção de cimento, chumbo, prata, ouro, mármore e ferro-gusa.

ANÁLISE CRÍTICA

É de interesse secundário, embora forneça localização de ocorrências de mármore e ferro na Folha de Cerro Azul.

1.1.99

MORAES, João de M. - Expedição Científica à Serra de Paranapiacaba e ao Alto Ribeira. R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, 19 (4): 445-460, out./dez., 1957. |il. |

RESUMO

São comentados os resultados de análises completas de muitos rios, fontes e poços domiciliares na região sul do "Alto Ribeira Paranaense" e a influência de certos elementos litológicos da Série Açungui (calcários, dolomitos e eruptivas ácidas) nas suas composições. De acordo com os resultados da análise completa, feita pelo Instituto de Biologia e Pesquisa Tecnológica do Paraná, Departamento de Química, ficou demonstrada a existência de numerosas ocorrências de águas minerais alcalino-terrosas, 13 delas em terrenos dolomíticos da Vila Varzeão.

ANÁLISE CRÍTICA

Serve para a localização de águas minerais da Folha de Cerro Azul.

ALMEIDA, Fernando F. M. de - "O planalto paulistano". In:- A cidade de São Paulo. São Paulo. Edít. Nac., 1958. v.1, - cap. 4, p. 113-167. |Brasiliiana. Série grande formato v. 14|.

RESUMO

Trata-se de um planalto mais ou menos acidentado, de estrutura complexa, com variações de altitude entre 650 e 1.250m. No rumo NW vai gradualmente perdendo altura, até que suas estruturas mergulham sob camadas quase nada perturbadas da Bacia do Paraná, ao ceder lugar à Depressão Periférica. Para o lado - Sul constitue a Serra de Paranapiacaba e as altas escarpas da Serra do Mar. Da constituição litológica desse planalto, participam rochas da era Arqueozóica, que se incluem no chamado - Complexo Brasileiro, junto a outras geralmente epi e mesometamórficas, pertencentes à Série São Roque. As primeiras são, em sua maior parte, gnaisses de vários tipos, a que se associam importantes corpos graníticos. As rochas da Série São Roque apresentam fácies de eugeossinclinal, com grande desenvolvimento de filitos e micaxistos, aos quais se associam calcários, dolomititos, quartzitos, migmatitos e rochas ortometamórficas de origem provavelmente vulcânica. É também atravessada por vários corpos graníticos, o principal deles constituindo um batólito que, vindo do sul de Minas, atravessa o Estado de São Paulo para penetrar no Paraná. Foram examinadas com maior detalhe, as principais feições fisiográficas do Planalto Paulistano, incluindo as áreas circunvizinhas, contendo o relevo serrano, a peneplanície do Japi, o relevo das áreas xistosas, a superfície de erosão do



Alto Tietê, relações entre a superfície de erosão do Alto Tietê e as camadas de São Paulo, a Serra do Cubatão, borda meridional do Planalto Paulistano, a bacia sedimentar de São Paulo, - as colinas paulistanas, a rede fluvial e sua evolução geomórfica e as planícies aluviais.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para a Folha de São Paulo.

COUTO, Carlos P. - Idade geológica das bacias Cenozóicas do Vale, do Paraíba e de Itaboraí. Mus. Nac., B., Rio de Janeiro, Geol. nº 25:19p., jan., 1958.

RESUMO

Considerações sobre a gênese do Vale do Paraíba. O pinião de vários estudiosos. A idade dos sedimentos da Bacia de Taubaté, segundo os paleontólogos, é principalmente pleistocênica, senão em toda sua espessura, ao menos em sua parte superior. Agrupamento dos fósseis coligidos nos depósitos de folhelos da bacia. A bacia terciária de São José de Itaboraí e os grupos fósseis representados nos seus depósitos calcários.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de grande interesse para o Projeto, uma vez que traz a idade de fósseis encontrados na Bacia de Taubaté e Itaboraí.

FRANCO, Rui R. - Contribuição ao conhecimento de rochas termometamórficas da Série São Roque. Fac. Fil. Ci. Letr. Univ. S. Paulo, B., São Paulo, 189 (Mineral. 14): 1-81p., 1958.
|il. |

RESUMO

Estudo mineralógico e petrográfico de rochas termometamórficas da Série São Roque, do Estado de São Paulo, com especial atenção aos minerais de contato. As regiões investigadas são as seguintes:

Itaóca - nesta área ocorrem rochas granatíferas (skarnitos) que consistem de um dipósídeo clinopiroxênio, granada (grossularia - andradita) e wollastonita. Observações de campo, mostraram que uma certa quantidade de ferro e alumínio tem sido introduzida, possivelmente por soluções do magma do granito adjacente.

Itapeva - são estudadas duas formações termometamórficas. Uma delas, a região da Mina de Santa Blandina, cerca de 13 km ao sul da cidade, caracteriza-se pela presença de skarnitos e hornfels. Na segunda região, nas proximidades da sede do distrito de Campina do Veado, no bairro de Quirino, sítio Aleixo Vieira, ocorre interessante xenólito de rocha dolomitizada, produzida pela intrusão de um dique de diabásio em lente de dolomito cinza.

São Roque - rochas termometamórficas, onde os calcários metamórficos que se acham em contato direto com o granito, transformaram-se em rocha de textura hornfêlsica, apresentando-se rica em minerais cálcio-silicatados.

Perus - hornfels listrados ocorrem em massas xenolíticas, sejam nas inclusões sob a forma de tetos pendentes ou nos contatos di



retos com os pegmatitos. Rochas intrusivas: granitos e pegmatitos. Rochas encaixantes: filitos, sericita-xistos e rochas carbonáticas.

Pedreira Cantareira - Afloramento de rocha granito-granodiorítico com numerosos xenólitos, rochas de contato e inclusões que poderiam ser classificadas como tetos pendentes. Em todos os contatos ocorre mudança da textura da rocha intrusiva e algumas vezes mudança da sua coloração.

Mogi das Cruzes - Estudo de rochas que são o resultado de ação termal provocada por magma granítico, associada a fenômenos pneumatolíticos e hidrotermais. As rochas que ocorrem estão intensivamente turmalinizadas e silicificadas.

ANÁLISE CRÍTICA

Excelente trabalho sobre metamorfismo termal da Série São Roque no Estado de São Paulo, com descrição e gênese do metamorfismo. De grande utilidade para o Projeto.

1.1.103

TRICART, Jean & SILVA, Thereza C. da - Aspectos gerais da sedimentação da Bacia de Taubaté:, São Paulo, Brasil. Not. Geomorfol., Campinas, 1 (1): 6-13, abr., 1958.

RESUMO

A Bacia de Taubaté, fossa tectônica neógena, contém duas formações discordantes: na base, uma série argilosa que termina com 30m de xistos betuminosos, explorados. Acima, em ligeira discordância angular, depositam-se camadas arenosas argilosas muito extensas. Estas encontram-se sob a forma de planícies semi-áridas em um lago de nível variável. As mudanças bruscas de fácies não são tectônicas mas climáticas. Estes depósitos podem ser considerados como exemplo de um certo tipo de preenchimento de fossa por subsidência.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho pode ser útil para a Folha de Taubaté.

1.1.104

GUIMARÃES, Djalma - Contribuição ao estudo dos granitos brasileiros. Esc. Min. O. Preto, An., Ouro Preto, nº 33: 13-52, ' 1960. |1. |

RESUMO

A primeira parte consta de um retrospecto de estudos anteriores e do próprio autor que estuda a granitização desde 1924 . Aborda problemas texturais e petrográficos comuns, nos granitos' estudados como envoltórios plagioclásios da microclina, a origem da mirmequita, saussuritização e gênese da pertita. Investiga do ponto de vista microscópico alguns granitos típicos do Brasil. Em São Paulo estuda os granitos São João de Caputua, Mogi das Cruzes e Itu.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho apresenta pouca matéria de real interesse para o Projeto. Podem ser aproveitados apenas os estudos, embora sucintos sobre as duas amostras de granitos de Mogi das Cruzes e Itu.

GUIMARÃES, Djalma - Fundamentos da Petrologia e as Rochas Ígneas do Brasil. Belo Horizonte, Gráf. Sta. Maria, 1960. 410 p.
|il.|

RESUMO

Trabalho de cunho petrológico, cujo objetivo é apresentar uma síntese das investigações petrológicas realizadas no Brasil e oferecer um ensaio doutrinário. Nas páginas 327 a 344 o autor descreve várias ocorrências de rochas de filiação alcalina do Estado de São Paulo: Jacupiranga, Ipanema, Juquiá, Ilha de São Sebastião e Cananéia.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho sobre a petrologia das rochas ígneas. Especial interesse apresenta as descrições sobre rochas alcalinas ocorrentes na área do Projeto.

SETZER, José - Identificação de "sills" de diabásio decompostos .
Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 9 (1): 63-70, mai., 1960.

RESUMO

Citá a presença de "sills" de diabásio, de idade triássica, alguns atingindo 10 km de comprimento, nas folhas de Mogi Mirim, Campinas, Itu e Bragança, no Estado de São Paulo. Indicam que 'estes "sills" apresentam notável predileção pelo fundo da bacia se dimentar, intrometidos diretamente acima do cristalino, sob o primeiro sedimento da Série Tubarão, provavelmente graças à fle xibilidade das camadas desta, em comparação com a rigidez do cristalino. Descreve como identificar a presença destes "sills" nos diversos níveis estratigráficos. A característica principal é a presença de solos argilosos profundos, de cor vermelha amar ronzada, alto teor de Fe_2O_3 e a presença de areia preta de mag- netita.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresenta critérios importantes para identificação de cor pos de diabásio, aflorantes em grande parte das folhas componen tes do Projeto.

AB'SABER, Aziz N. - O problema das paisagens originais do sítio urbano de São Paulo. Not. geomorfol., Campinas, nº 7/8: 52-55, abr./ago., 1961.

RESUMO

As áreas de mata mais baixas e menos densas da região de São Paulo, localizavam-se preferencialmente, nos domínios dos terrenos sedimentares da pequena bacia aí existente. Por outro lado, tinham como local principal, os níveis intermediários da topografia, onde eventualmente afloravam crostas limoníticas, ou ainda, os terrenos mais permanentemente alagados de grandes planícies regionais. De qualquer forma, eram pequenos "campos" dispostos em manchas reduzidas e descontínuas, originados por causas, as mais diversas, ora relacionadas com os solos, ora ligadas a ação antrópica. Tais "campos" ou manchas de mato baixo, somente conseguiam se destacar na paisagem, devido a envergadura das matas adjacentes, altas e homogêneas. Nota-se que esta disposição da vegetação original na região de São Paulo, com matas densas nos divisores e pequenos campos nos patamares e planícies difere fundamentalmente de outro mosaico de formações vegetais existentes no médio vale de Paraíba, onde também existe uma pequena bacia sedimentar de compartimento de planalto (Bacia de Taubaté). As clareiras de cerrados e cerradões degradados de São José dos Campos, estão em pleno alto das colinas regionais, atapetando os interflúvios, enquanto as grandes matas tinham a posição de florestas gale



CPRM

rias e de matas de encostas ocupando as depressões e partes aci
dentadas dos terrenos.

ANÁLISE CRÍTICA

O autor procura relacionar o tipo de vegetação com o relevo. Apresenta interesse relativo, uma vez que a área estuda
da encontra-se, dentro dos limites do Projeto.

BIGARELLA, João J. et alii - Considerações sôbre a Formação Furnas. B. paran. Geogr., Curitiba, nº 4/5, nov. 1.961.

RESUMO

Foram tecidas considerações apenas em torno da unidade inferior do Devoniano paranaense, isto é, da Formação Furnas. Esta, caracteriza-se por uma série de estruturas que muito bem a identificam e a distinguem dos outros pacotes sedimentares nesta área da Bacia do Paraná. O arenito Furnas tem sido freqüentemente confundido com arenitos do Grupo Itararé, o que não mais se justifica à luz de uma série de características ora apresentadas. O problema do ambiente de deposição desta formação, porém, continua aberto para estudos futuros.

ANÁLISE CRÍTICA

A Formação Furnas aflora nos Estados de São Paulo e Paraná, numa área de 4.290 Km². Desta maneira, o trabalho torna-se de grande utilidade principalmente para a folha de Itararé.

CORDANI, Umberto G. et alii - Geologia da região do Jaraguá ,
S.P. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 10 (2): 73-93,
nov., 1961. |il. |

RESUMO

Descrição dos metassedimentos e as relações geológicas da Série São Roque na área de Jaraguá, São Paulo. Três unidades litológicas podem ser encontradas na parte oeste da área: quartzito, sericita-xisto e metá-arcósio conglomerático. Os sedimentos são considerados como pertencentes a um antigo geosinclinal, representado por uma fase diastrófica no pré-Cambriano superior. Foram mapeados ortoanfibolitos, bem como a porção oeste final de um batólito de granito porfiróide (Granito Pirituba). Os metassedimentos foram afetados por metamorfismo dinamotermal em escala regional. A sericita é o mineral metamórfico mais comum. Perto do corpo granítico, foram reconhecidas evidências de metamorfismo termal e pneumatolítico. Várias falhas orientadas principalmente para N 25 E e N 45 W, foram traçadas por fotointerpretação e no campo. O quartzito Jaraguá foi cizalhado resultando bordas miloníticas, formando um "esqueleto" rígido. Isto resultou numa erosão diferencial que esculpiu o pico do Jaraguá.

ANÁLISE CRÍTICA



Importante contribuição ao conhecimento da geologia do pré-Cambriano na região de Jaraguá, folha de São Paulo.

ELLERT, Reinholt - Nota sôbre a geologia do pré-Cambriano de São Bernardo do Campo, SP Soc. Bras. Geol., B. São Paulo, 10 (1): 49-56, mai., 1961. |il. |

RESUMO

Nas rochas metamórficas pré-Cambrianas em São Bernardo do Campo, SP, ocorrem seixos de quartzito geralmente com mais de 10 cm de diâmetro. Acham-se englobados em biotita-xistos, localmente ricos em silimanita. Nos xistos a direção do eixo das obras é NE - SW e o plano das dobras mergulha para SE. Em duas áreas os xistos foram granitizados passando a granito e quartzo-diorito. No quartzo-diorito foram granitizados parcialmente seixos de quartzo, formando uma auréola de 4 cm em média.

ANALISE CRITICA

Trabalho geológico específico para a área de São Bernardo do Campo, folha de São Paulo, com citação de fenômenos de granitização. De utilidade para interpretação genética das rochas pré-Cambrianas.

MENDES, Josué C. - Considerações sobre a estratigrafia da Série Passa Dois. Acad. Bras. Ci., An., Rio de Janeiro, 33 (3/4), 1961. | Resumo das Comunicações |.

RESUMO

Os aspectos controvertidos da estratigrafia da Série Passa Dois, seqüência das camadas de idade permiana que ocorrem na Bacia do Paraná. Na opinião do autor, tais camadas foram depositadas em ambiente continental: extensos lagos e planícies aluviais. A passagem da Série Tubarão subjacente, também paleozóica superior, para a Série Passa Dois, é gradativa, havendo, porém discordância entre o topo da Série Passa Dois e a série superior, mesozóica, Série São Bento. Embora o autor considere ainda aberto o problema da subdivisão estratigráfica da Série Passa Dois, prefere manter a classificação proposta por Gordon Jr., em 1947 a aceitar inovações propostas por Beurlen e por Barbosa e Andrade Gomes, uma vez que não trazem aparente vantagem à estratigrafia. Discute o comportamento espacial das subdivisões reconhecidas.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho estratigráfico de interesse para a folha de Tatuí.

VERDADE, F. C. et alii - Solos da Bacia de Taubaté (Vale do Paraíba): Levantamento de reconhecimento, séries monotípicas, suas propriedades genético-morfológicas, físicas e químicas. Bragantia, Campinas, 20 (4):43-322, mar., 1961. |il. |

RESUMO

A Bacia de Taubaté corresponde a um "vale de afundimento" ou "rift valleys" com sedimentação ocorrida no Terciário. As serras do Mar e Mantiqueira ou suas associadas formam as muralhas ("horst") do vale. Os tipos de solos dessa bacia são identificados e suas categorias estabelecidas até séries monotípicas. A delimitação no campo, em mapas na escala 1:100.000, foi feita nas unidades chamadas associações de séries, grupadas em número de 18. Na formação pré-Cambriana, os solos não foram definidos em séries. A sucessão estratigráfica da bacia é constituída de folhelhos betuminosos, que repousam sobre uma camada de areia fina com argilas intercaladas ou argila variegada inconsolidada. Recobrimdo a quase totalidade da bacia, estão os sedimentos argilosos, arenosos e intermediários. Circundando a Bacia de Taubaté, ocorre o pré-Cambriano. Na serra da Mantiqueira o gnaisse está presente até a altura de Lorena, quando aparecem rochas pré-devonianas. Na parte mais oeste da bacia há pequenas manchas de gnaisse, retornando as rochas pré-devonianas até Guaratinguetá, na margem direita do Rio Paraíba. Sucedem-se gnaisse, granito, micaxisto

e depois uma alternância de gnaiss com as rochas pré-devonia-
nas.

ANÁLISE CRÍTICA

A profunda meteorização nas rochas em São Paulo, po-
de muitas vezes, tornar difícil o mapeamento geológico. Na
ausência das rochas, podem ser utilizados conhecimentos de
Pedologia na elucidação de detalhes. Este trabalho, sob este
aspecto, demonstra ser importante para a folha de Taubaté.

FRÓES DE ABREU, Sílvio - Combustíveis fósseis e minérios metálicos. In: Recursos Minerais do Brasil. Rio de Janeiro, Minist. Industr. Comér., Inst. Nac. Tecnol. , 1962. V. 1, 666 p.

RESUMO

Em Engenheiro Goulart, há duas turfeiras que foram objeto de pesquisas e lavradas no fim da última grande guerra. As principais ocorrências estão localizadas nos municípios de Caçapava, Taubaté e Pindamonhangaba. Em Caçapava, na encosta da Serra do Jambeiro, há uma bacia terciária contendo leitos de linhito e folhelhos linhitosos. As ocorrências de carvão são pequenas acumulações sem continuidade e limitam-se a quatro áreas: Buri, Tatuí, Cerquilho e Jacuba. Em seu curso médio, o rio Paraíba do Sul, percorre uma bacia de idade terciária pliocênica que encerra quantidades enormes de folhelhos pirobotuminosos. São conhecidas ocorrências de impregnações betuminosas nos arenitos triássicos nos municípios de Botucatu, Pirambóia, Anhembi, Bofete, Guareí e Angatuba. O minério de ferro nos municípios de Araçoiaba da Serra, Jacupiranga e Juquiá. No vale do Ribeira há ocorrências de manganês nos filitos, pouco acima de Iporanga (Descalvado). Há pequenas ocorrências de cromo na região de Jacupiranga. Um vieiro contendo wolframita e topázio foi descoberto em 1941 na fazenda Inhandjara em Itupeva. Existe uma ocorrência de wolframita na Serra de São Francisco. Num vieiro plumbífero em Guapiara, Knecht encontrou cristais de vanadinita e descloizita. No rio Joelho, Felicíssimo encontrou minérios contendo de 1 a 2% de níquel sob a forma de garnierita em rochas básicas decompostas. No município de

Itapeva, conhece-se um veio atravessando o calcário da Série São Roque contendo minérios de cobre em elevada proporção. As ocorrências de chumbo em São Paulo são: Furnas no município de Iporanga, Guapiara, no município de Capão Bonito, Braço da Pescaria, Morro do Chumbo, Espírito Santo e vários afloramentos em Serra dos Motas e dos Macacos no município de Iporanga. O zinco acompanha o chumbo no filão da mina de Furnas e noutros veios de galena da região. No município de Apiaí, o zinco associa-se à galena da antiga exploração de Pinheiros a 2 km ao N. da cidade. A cassiterita foi encontrada num pegmatito litinífero, na fazenda da Cuiabá, município de Mogi das Cruzes. As principais manifestações auríferas em São Paulo, estão nos municípios da Capital, Santana do Parnaíba, Franco da Rocha, Barueri, Mogi das Cruzes, Poá, Suzano, Itapeçerica da Serra, São Roque, Iporanga, Xiririca e Iguape. A prata está associada aos minérios de chumbo do Vale do Ribeira. A bauxita ocorre nos municípios de São Paulo, São Bernardo do Campo, Águas da Prata e Mogi das Cruzes. Grandes reservas de dolomita são encontradas nas camadas da Série Açungui e São Roque, bem como em lentes encaixadas nos gnaisses da Serra do Mar. Diversos trechos do litoral dos municípios de São Sebastião, Caraguatatuba, Ubatuba, Iguape e Cananéia, já tem produzido ilmenita caracterizada por baixa percentagem de titânio e alto teor de ferro. O arsênio ocorre sob a forma de mispíquel na parte mais profunda da Mina de Furnas, em Iporanga, segundo Knecht, bem como em alguns outros veios plumbíferos da bacia do Ribeira. O antimônio também é encontrado no Vale do Ribeira, nos vieiros plumbíferos. A montebrasita (variedade de ambligonita) ocorre na fazenda Cuiabá próximo a Mogi das Cruzes, SP num pegmatito litinífero. O minério de zircônio ocorre nos municípios de São José do Rio Pardo, Águas da Prata e Jacupiranga.



ANÁLISE CRÍTICA

É de interesse pois enquadra em toda a área do Projeto, fazendo um relato das ocorrências de combustíveis fósseis e minérios metálicos.

MENDES, Josué C. - Problemas paleogeográficos e estratigráficos do Grupo Tubarão (Carbonífero superior) Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 11 (2): 71-74, nov., 1962.

RESUMO

Localiza o centro de irradiação da glaciação neopaleozóica do sul do Brasil no Escudo Riograndense, sendo que o único tilito ocorrente no Rio Grande do Sul foi correlacionado ao tilito mais elevado de São Paulo. Alguns autores consideram as subdivisões maiores do Grupo Tubarão, Itararé e Guatá, cronologicamente diversas, sendo mais jovem a segunda. O autor discute neste trabalho tais pontos de vista, argumentando em sentido contrário.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresenta discussões a respeito dos problemas paleogeográficos e estratigráficos do Grupo Tubarão, Bacia do Paraná.

MENDES, Josué C. - Recorrência de fácies no Grupo Passa Dois (Permiano) observada no perfil Irati-Relógio, Paraná. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 11 (2): 75-81, nov., 1962. |il. |

RESUMO

Aborda problemas estratigráficos do Grupo Passa Dois, na Bacia do Paraná. Registra recorrências do Membro Terezina (fácies no conceito do autor) no perfil observável na rodovia que liga Irati - Relógio, Estado do Paraná. Observou as alternâncias das fácies Terezina e Serrinha diretamente nos afloramentos. A caracterização litológica das duas fácies é revisada. Em um dos afloramentos das fácies Serrinha, ocorre um horizonte fossilífero com lamelibrânquios dos gêneros Leizia, Oliveiraia e Terraiopsis. O autor conclui que as subdivisões estratigráficas do Grupo Passa Dois equivalem realmente à fácies descontínuas. A constatação da recorrência enfraquece-lhe o valor cronológico.

ANÁLISE CRÍTICA

Estudo sobre os problemas estratigráficos existentes no Grupo Passa Dois, Bacia do Paraná, possuindo interesse para o conhecimento litológico deste Grupo na área do Projeto.

1.1.116

FRANGIPANI, Alcides - Idéias sôbre a gênese do Vale do Paraíba,
O I.G.G., R., São Paulo, v.16: 31-39, 1963. |il. |

RESUMO

Contribuição às hipóteses existentes para explicar a origem do Vale do Paraíba, dando ênfase especial à pesquisa geofísica (eletro-resistividade) que permitiu o traçado de uma secção perpendicular a Bacia de Taubaté, na qual evidenciase a forma da bacia, a posição dos sedimentos em relação a ela e entre si, bem como os falhamentos que constituem as bordas. Duas são as bacias sedimentares em que se divide o Vale do Paraíba: a Bacia de Taubaté e a Bacia de Rezende, sendo que ambas estão separadas entre si por rochas pré-Cambriana. Na região foi observada uma direção N60 E, que é a própria direção do vale, da direção de gnaissificação, dos falhamentos e de alguns diques encontrados. A geofísica demonstrou que a bacia é delimitada por falhamentos nas duas bordas confirmando as observações de campo. Das observações realizadas verifica-se que na Bacia de Taubaté existiram dois ciclos de sedimentação, sendo um anterior e outro posterior aos falhamentos. Discussão a respeito da idéia de gênese do vale com a citação da opinião de vários autores.

ANÁLISE CRÍTICA

Artigo importante para o conhecimento estratigráfico, tectônico e genético da Bacia de Taubaté.

ROCHA CAMPOS, Antonio C. - Deformações adiastróficas em sedimentos da Série Tubarão. Ci. e Cult., São Paulo, 15 (3): 179, set., 1963.

RESUMO

As deformações penecontemporâneas em sedimentos glaciais, especialmente varvitos, tem sido atribuídas comumente à ação de arrasto ou empurrão, ocasionados pelo avanço de geleiras. Nos sedimentos da Série Tubarão, foram encontrados muitos exemplos dessas estruturas, também mais notáveis em sedimentos flúvios glaciais (varvitos), devido a presença de uma nítida laminação. Observações realizadas em algumas das mais notáveis ocorrências, especialmente em cortes da rodovia Tietê - Porto Feliz, permitiram verificar que a adoção do arrasto adotado como causa dos dobramentos e falhamentos, não está totalmente provada. Tais estruturas parecem se enquadrar mais entre as deformações causadas por escorregamentos gravitacionais. É sugerido como causa do escorregamento a sobrecarga causada pelo afluxo periódico de areias, durante as fases de gelo, associada a pequenas inclinações das bordas da bacia, suficientes para permitir o deslize do material instável.

ANÁLISE CRÍTICA

Com algum interesse para as áreas onde ocorre o Grupo Tubarão.

ROCHA CAMPOS, Antonio C. - Deformações penecontemporâneas em sedimentos glácio - lacustres do Grupo Tubarão. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 12 (1/2): 49-56. nov., 1963. |il. |

RESUMO

Trata de deformações penecontemporâneas (dobramentos principalmente) ocorrentes nos sedimentos periglaciais do Grupo Tubarão. Sua origem tem sido explicada ou pela ação mecânica dos gelos, ou pelo "mise-en-place" de sills de diabásio. Examina ocorrências de tais estruturas onde os indícios gerais' sugerem escorregamento subaquático como causa provável.

ANÁLISE CRÍTICA

Estudo descritivo e genético sobre estruturas existentes nos sedimentos do Grupo Tubarão. De interesse para o mapeamento das áreas onde afloram os sedimentos deste Grupo.

ALMEIDA, Fernando F.M. de - Fundamentos geológicos do relevo paulista. Inst. Geogr. Geol., B., São Paulo, nº 41: 169 -273, 1964. |il. |

RESUMO

Destaca a participação da estrutura geológica e do diastrofismo como fatores principais que vem determinando as linhas mestras do relevo paulista, dando assim, mais ênfase ao papel da litologia do que aos fenômenos geomorfológicos. Além disso cita vários exemplos (com fotografias), de diferentes lugares do Estado de São Paulo e da configuração atual do relevo. Divide geomorfologicamente o estado em 5 províncias: Planalto Atlântico, Província Costeira, Depressão Periférica, Cuestas Basálticas e Planalto Ocidental. Estas são subdivididas em zonas e subzonas.

ANÁLISE CRÍTICA

Pormenorizada notificação sobre o relevo paulista, de grande utilidade para o Projeto.

ALMEIDA, Fernando F.M. de - Grupo São Bento. Inst. Geogr.
Geol., B., São Paulo, nº 41: 85-99, 1964. |il. |

RESUMO

Estudo apurado e ilustrativo (seções geológicas na área) sobre as Formações Botucatu (fácies eólica dunar de deposição) e Serra Geral (eruptivas basálticas - toleíticas) ressaltando não só as intercalações dos derrames das eruptivas e fusivas com as rochas sedimentares ("Arenito Botucatu intercalar") com as eruptivas intrusivas, pós-tectônicas: lacólitos, "sills" e diques de diabásio.

ANÁLISE CRÍTICA

Sem muito interesse para o projeto exceto a descrição da Formação Botucatu, a qual abrange uma parte da folha de Tatuí.

BARBOSA, Alceu F. - Eruptivas ácidas. Inst. Geogr. Geol., B.,
São Paulo, nº 41: 44-48, 1964.

RESUMO

Estuda os granitos sintectônicos e postectônicos ao Grupo São Roque. Separa estes dois tipos de granitos, pelos efeitos dos contatos térmicos das intrusões sobre as rochas do Grupo São Roque, suas atitudes intrusivas e as deformações. Aborda os granodiorito, adamelito, pegmatitos, aplitos, etc., conforme a variação mineralógica e textural, que seriam resultado da diferenciação do magma original, assimilação, etc. Díficil distinção macroscópica dos granitos dos mais modernos. Subdivide os granitos posteriores ao Grupo São Roque. Descreve regiões típicas dos granitos, pré-São Roque: São Paulo, Mogi das Cruzes, Barueri, Atibaia, etc. enquanto que os posteriores aparecem desde Itapirapuã (Ribeira) até Itupeva. Possibilidades econômicas abaixo relacionadas.

Chumbo - Furnas, Itapirapuã, Lageado, Braço da Pescaria.

Cassiterita e Wolframita -Sorocaba, Jundiaí -Inhandjara.

Cobre - Itapeva (bairro do Fundão).

Caulim -Perus, Itapecerica e Santo Amaro.

Feldspato -Socorro, Vargem Grande do Sul.

Bauxita - Mogi das Cruzes.

Material de Construção -Morro Grande, Taipas, Cantareira, Valinhos e Itu.

ANÁLISE CRÍTICA



Interessante contribuição para as folhas de Pira
caia, Jundiaí, São Paulo, Santos e Salesópolis do Projeto ,
principalmente a parte descritiva dos granitos posteriores'
aos metamorfitos do Grupo São Roque.

GUIMARÃES, Djalma - "Série Tubarão". In: Geologia do Brasil.
Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Fom. Prod. Min. ,
Mem., 1, Rio de Janeiro, 1964. p. 378-382. |il. |

RESUMO

Descreve a coluna geológica da Série Tubarão proposta por Barbosa e Almeida (1953). Apresenta 5 divisões observadas na bacia do rio Capivari, na parte leste e norte de Piracicaba e no baixo vale do Rio Corumbataí. Apresenta as formações Itapetininga, com os membros Taquaral e Tatuí, Tietê e Gramadinho. Cita uma série de fósseis índice que caracterizam as divisões da série. Mostra opiniões de outros estudiosos do assunto como Mezzalana e Lange.

ANÁLISE CRÍTICA

Bom trabalho para conceituar os vários níveis da Série Tubarão. É de grande valia para a divisão litológica no campo, quando do trabalho nas folhas de Capão Bonito, Tietê e Tatuí.



GUIMARAES, Djalma - "Série Passa Dois". In: -Geologia do Bra-
sil. BRASIL. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Fom. Prod. '
Min. Mem., 1, Rio de Janeiro, 1964, p.410-426. |il. |

RESUMO

Apresenta uma descrição das Formações Estrada Nova e Irati dados por Barbosa e Almeida. Fala da não existência em São Paulo da Formação Rio do Rasto. Dá em uma coluna a posição estratigráfica das formações bem como dos seus constituintes litológicos característicos. Localiza a Formação Corumbataí proposta por J. Camargo Mendes em substituição em São Paulo do termo Rio do Rasto. No tocante à tectônica, mostra uma contribuição de Ruy Ozório de Freitas, baseado em suas observações. Dedicar grande parte à fauna, flora e estratigrafia.

ANÁLISE CRÍTICA

É de grande interesse para as folhas atingidas pelo Permiano do Estado de São Paulo.

GUIMARÃES, DJALMA - "Bacia do Paraíba". In: Geologia do Brasil BRASIL. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Fom. Prod. Min., Mem., 1, Rio de Janeiro, 1964, p. 547-549.

RESUMO

A bacia do Paraíba encerra sedimentos lacustres que hoje estão sendo retrabalhados pelo rio e se estende em uma extensão superior a 120 km com uma largura de 6 a 8 km. Trata-se de sedimentos tais como argilas, margas, folhelhos pirobetuminosos com frações conglomeráticas nos estratos inferiores. Tem espessura máxima de 120m. Mostra trabalho de Travassos e Silva Santos na descrição de peixes fósseis. Dá um apanhado sobre os folhelhos de 0,9m. Faz comentários sobre a Bacia do Bom fim.

ANÁLISE CRÍTICA

Constitui um auxílio as folhas que se localizam na área do Rio Paraíba no tocante aquela bacia terciária.

GUIMARÃES, Djalma - "Série Ribeira". In - Geologia do Brasil.
Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Fom. Prod. Min.,
Mem., 1. Rio de Janeiro, 1964, p. 244-246 |il. |

RESUMO

Citações de Leonardos sobre a Formação Iporanga, que descreveu como sendo um conjunto de conglomerados, filitos se ricíticos situados discordantemente no topo da Série São Roque. Estende-se desde Iporanga até a Serra do Rio Pardo, no Estado do Paraná. Ocorre também entre Porto de Sabaúna e a Vila de Pariquera-Açu. Os conglomerados são poligênicos e estão associa- dos a arcósios, quartzitos feldspáticos, arenitos com cimento' grafitoso e filitos sericíticos, que ocorrem no canal do Ribeira em Iporanga. Os seixos são de granito, gnaïsse, quartzo de vieiro, quartzito, filito, cloritaxisto e outros metamorfitos. São rolados ou subrolados e apresentam estrias de deslissamento tectônico. Também em Fonte Branca, a 3 km de Sabaúna, na estrada de Pariquera Açu para Iguape, são vistos afloramentos de conglomerado que Leonardos descreve como sendo de seixos alongados e sub-angulares de quartzo cinzento ou negro em um cimento sílico-cloritoso de cor verde clara. A forma alongada dos seus seixos orientados conforme as juntas dos bancos de conglomerados, foi provocada por esforços tectônicos posteriores à deposição.

ANÁLISE CRÍTICA



Trata-se de contribuição de interesse para o Projeto; entretanto, encontra-se um pouco desatualizada por trabalhos mais recentes que ofuscam os seus méritos.

GUIMARAES, Djalma - "Série São Roque". In: Geologia do Brasil.
BRASIL. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Fom. Prod. Min. ,
Mem., 1, Rio de Janeiro, 1964, p. 180 -186.

RESUMO

Fala sobre os três ciclos diastróficos que afetaram a área, dando origem a fases de metamorfismo regional e longos ciclos erosivos. A perturbação das camadas da série (deslocamento diferenciais com intromissão de médios granito - gnaisses), empresta-lhe uma feição "sui-generis", que a distingue de outras formações paleozóicas do Estado de São Paulo. Faz referências às mineralizações sulfuradas ao longo das diáclases do calcário. Fala na superposição de processos de mineralização em condições físico-químicas diferentes.

ANÁLISE CRÍTICA

O presente trabalho é de grande interesse para as folhas do Projeto Sudeste, pois refere-se à toda a área a ser mapeada.

GUIMARAES, Djalma - "Série Assungui". In: Geologia do Brasil.
BRASIL. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Fom. Prod. Min., -
Mem., 1, Rio de Janeiro, 1964, p. 186 -188.

RESUMO

Descrições sucintas de Derby, Leonardos e Oliveira, -
Leonardos, Leinz, P.F. Cardoso e J.J. Bigarella, comentando as-
pectos superficiais sobre a referida "Série".

ANÁLISE CRÍTICA

Trata-se de trabalho de compilação resumido, de inte-
resse restrito.

GUIMARÃES, José E. P. - Grupo Paraná, Inst. Geogr. Geol., B. ,
São Paulo, nº 41: 49-54, 1964.

RESUMO

Subdivisão do Sistema Devoniano paulista-paranaense; idade do grupo, os fósseis, possibilidades econômicas e sua correlação com a Série Table Mountain, da África do Sul. A passagem gradativa de arenito grosseiro da Formação Furnas para folhelhos intercalados em arenitos da Formação Ponta Grossa. Fatos que presidiram a sedimentação devoniana como subsidência epirogênica e ingressão marinha. As condições climáticas reinantes durante a sedimentação das formações Furnas e Ponta Grossa. Possibilidade econômica: diamante nos leitos dos rios Verde e Tibagi (Pr).

ANÁLISE CRÍTICA

Contribuição para o mapeamento das folhas de Itararé e Guapiara onde ocorrem rochas do Grupo Paraná.

KNECHT, Theodoro - Pré- Cambriano inferior; Arqueano ou Complexo Brasileiro. Inst. Geogr. Geol., B., São Paulo, nº 41: 26 - 36, 1964.

RESUMO

Considerações sobre os conhecimentos adquiridos após a publicação do mapa geológico em 1947, na escala de 1:1.000.000. Descrição da tectônica e litologia do litoral norte com interpretação dos problemas cronológicos. Correlação do pré-Cambriano inferior do Estado de São Paulo e do Paraná acarretando modificações no novo mapa geológico (1963). Descrições de diversas secções geológicas (direção NW) para melhor compreensão da tectônica da Serra do Mar. Dúvidas existentes quanto a posição estratigráfica do Complexo Brasileiro em áreas da Serra de Paranaíacaba. Tectônica e metamorfismo do pré-Cambriano inferior e médio e observações correlatas. Anotações de campo sobre migmatização, granitização e metamorfismo. Possibilidades econômicas e citação das principais ocorrências.

ANÁLISE CRÍTICA

Descrição do pré-Cambriano inferior baseada no mapa do Estado na escala de 1:1.000.000, pobre, portanto em detalhes para um levantamento geológico na escala adotada para o Projeto.

MEZZALIRA, Sérgio - Grupo Estrada Nova. Inst. Geogr. Geol., B.,
São Paulo, nº 41: 63 - 81, 1964.

RESUMO

Problemas da subdivisão do Grupo Estrada Nova, sua estratigrafia, sua distribuição geográfica, a divergência existente quanto a localização da Formação Corumbataí como pertencente à parte superior do Grupo Estrada Nova e relato pormenorizado sobre os ricos horizontes fossilíferos do grupo em questão.

ANÁLISE CRÍTICA

Dados para o mapeamento desta unidade estratigráfica, aflorante na folha de Tatuí.

PAOLIELLO, C. Próspero - Pré -Cambriano superior. Grupo São Roque. Inst. Geogr. Geol., B., São Paulo. nº 41: 37-41, 1964.

RESUMO

A "Série São Roque" é colocada como "Grupo São Roque" no pré-Cambriano superior, por não existirem ainda, elementos que permitam subdivisões. As rochas que constituem o Grupo São Roque são xistos, filitos, calcários, anfibolitos e metaconglomerados e apresentam-se dispostas em estruturas originadas de diastrofismo, capeando xisto e gnaisses. Sobre o Grupo São Roque ocorrem sedimentos antigos do Devoniano e mais recentes do Carbonífero. Descrição do contato do grupo com as outras formações geológicas. Poucas referências fossilíferas. Possibilidades econômicas, principalmente de calcários e dolomitos. Citação das principais ocorrências minerais.

ANÁLISE CRÍTICA

O autor não tece comentários mais detalhados sobre a correlação do Grupo São Roque (São Paulo) com o Grupo Açungui (Paraná).

AB'SABER, AZIZ N. & BERNARDES, Nilo - Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo. Eng. Miner. Metal., R., Rio de Janeiro, 24 (143): 284-292, nov., 1956.

RESUMO

Considerações sobre o relevo do Brasil Sudeste e seu caráter tectônico. Estudo geomorfológico do médio Vale do Paraíba e da Serra da Mantiqueira. Estudos geomorfológicos da bacia sedimentar de Taubaté e caracterização morfológica do maciço de Itatiáia.

ANÁLISE CRÍTICA

Exibe apurados estudos sobre a geomorfologia do Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e maciço de Itatiáia, tendo especial interesse os dados sobre o Vale do Paraíba, localizado, em parte, na área do Projeto.

TORRES, Carlos C. et alii - Perfil geológico do Estado, Inst. Geogr. Geol., B., São Paulo, nº 41: 165, 1964.

RESUMO

Página ilustrativa do perfil geológico executado pelos autores supra citados de rumo E-SE/W-NW atravessando todo o Estado de São Paulo, da Ilha de São Sebastião até o Rio Paraná, perfazendo um total de 750 km aproximadamente.

ANÁLISE CRÍTICA

De utilidade para o Projeto na porção que atravessa seus limites.

WOHLERS, Armando - Cenozóico. Inst. Geogr. Geol., B., São Paulo, nº 41: 147 - 161, 1964.

RESUMO

Rápidos comentários sobre as formações Taubaté (argilas inconsolidadas com intercalações de linhito, folhelhos, camadas alternadas de argila, areia e cascalho) e São Paulo (argilas, areias e arenitos friáveis com escassos leitos de cascalho, do período Terciário, e, também dos depósitos quaternários. Além disso notifica sambaquis, grutas e as possibilidades econômicas dos depósitos cenozóicos, principalmente as argilas para indústria cerâmica e fabricação de cimento.

ANÁLISE CRÍTICA

Valiosa contribuição para o Projeto no que diz respeito a estratigrafia das formações Taubaté e São Paulo.

BJORNBERG, Alfredo J. S. et alii - Estudos preliminares sôbre os tilitos do Grupo Tubarão; Estado de São Paulo. Ci. e Cult., São Paulo, 17 (2): 132, jun., 1965.

RESUMO

Pesquisa com o fito de tentar verificar a direção ou direções da glaciação permo-carbonífera. Isso pode ser obtido através da posição das rochas "moutonées", direção das estrias glaciais, orientação de seixos nos sedimentos, direção dos dobramentos devido a ação direta das geleiras, etc. No tilito estudado, foi anotada a orientação dos seixos baseando-se no estudo desenvolvido por Holmes (1941) sobre inlandsis quaternário, em que são medidas as direções e mergulhos dos eixos maiores dos seixos. Esses, aparentemente, apresentam-se desorientados; porém, sendo estatisticamente medidos, revelam ter seus eixos maiores em geral, paralelos à direção do movimento da geleira. Os quartzitos de cor vermelha mencionados, correspondem aos que Maack (1958) supõe terem sua origem no sul da África.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para as folhas onde ocorre o Grupo Tubarão.

BJORNBERG, Alfredo J.S. et alii -Novas observações sobre a tectônica moderna do leste do Estado de São Paulo. Eng. Miner. Metal., Rio de Janeiro, 41 (244): 137-140, abr., 1965.

RESUMO

No vale do Paraíba, verificamos a existência de grande falhamento contínuo desde Parateí de Cima (900 m ao N da Vila) até São José dos Campos (margens do rio Buquiri), mostrando ora predominância de falhas normais, ora de rejeito horizontal. Neste caso, tanto os dados de campo como os resultados interpretativos, parecem indicar que os cizalhamentos horizontais poderiam ter servido como planos para outros falhamentos. De um modo geral verificamos que, tanto no Vale do Paraíba como nas Serras do Mar e Mantiqueira as falhas de rejeito horizontal são as que mais se evidenciam na topografia, como se pode observar facilmente em fotografias aéreas da região. Finalmente, é possível que estes dados acrescidos de outros a serem obtidos em observações para o sul, tragam elementos importantes para os adeptos da teoria do "drift" continental. Entretanto, os resultados até agora obtidos, são por demais escassos para qualquer especulação neste sentido.

É de interesse para a folha de Ubatuba e Taubaté no
que se refere a tectônica.

BIGARELLA, João J. & MOUSINHO, Maria R. - Contribuição ao estudo da Formação Pariquêra -Açu, Estado de São Paulo. B. paran. Geogr., Curitiba, 16/ 17 (2):17-41, 1965.
|il. |

RESUMO

Aborda em linhas gerais a evolução da paisagem do vale do baixo Ribeira, principalmente sua história quaternária. Também faz rápida análise do quadro geológico - geomorfológico da região de ocorrência dos sedimentos desta formação. Proposição da designação de Formação Pariquêra -Açu.

ANÁLISE CRÍTICA

Contribuição ao mapeamento das folhas de Eldorado, Registro e Iguape, no tocante à definição dos terraços quaternários.

FRÓES ABREU, Sílvio - Minerais não metálicos. In: Recursos Mi-
nerais do Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro, Minist. Ind.
Comerc., Inst. Nac. Tecnol., 1965, v.1, 666 p. |il. |

RESUMO

Generalidades, reservas e principais ocorrências de mine-
rais não metálicos do Brasil, inclusive de São Paulo e Paraná.

ANÁLISE CRÍTICA

É de interesse e fornece dados de localização de ocorrên-
cias em quase todas as folhas do Projeto.

MELFI, Adolpho J. et alii - Reconhecimento fotogeológico de parte do Grupo Açungui. Bragantia, Campinas, 24 (34): 447-474, 1965. |il., map. geol. |

RESUMO

Trabalho de fotointerpretação geológica numa área de cerca de 20.000 km², no sul do Estado de São Paulo. A geologia da área acha-se representada por rochas metamórficas, as quais predominam em toda região sendo recobertos por sedimentos da Bacia do Paraná e cenozóicos, respectivamente na parte norte e leste.

ANÁLISE CRÍTICA

Contribuição ao conhecimento do pré-Cambriano de ampla área do Projeto.

Dados para a fotointerpretação preliminar da área sul do Projeto.

MEZZALIRA, Sérgio - Descrição geológica e geográfica das folhas de Piracicaba e São Carlos, S.P. Inst. Geogr. Geol., B., - São Paulo, nº 43: 43 p., 1965. |il. |

RESUMO

Aspectos geográficos como clima, vegetação, culturas, rios, povoações e relevo. Descrição litológica das formações existentes na área com apresentação da coluna estratigráfica. Ressalta a dificuldade de delimitação do contato entre as formações e a ocorrência da Formação Irati na região de Tanquinho (folha de Piracicaba) em lugar da Formação Itapetininga, como era admitido até então. No Grupo Estrada Nova, no Membro Taquaral informa a existência de conglomerado basal de extensão bem maior que se supunha. Secções geológicas, fotografias, tabelas de poços, quadro de análises, tectônica e recursos minerais (folhelhos piro-betuminosos, dolomitos, material para construção, águas minerais, água subterrânea, fosfatos e petróleo).

ANÁLISE CRÍTICA

Embora a região estudada situa-se fora dos limites da área do Projeto, as descrições geológicas dos Grupos Tubarão e Estrada Nova interessam, pois, ocorrem também no Grau de Sorocaba.

BIGARELLA, João J. et alii - Estruturas e texturas da Formação Furnas e sua significação paleogeográfica. Univ. Fed. Paraná, Inst. Geol., B., Curitiba, nº 18, 114 p., 1966. |il.|

RESUMO

Estudo sob o ponto de vista estrutural e sedimentológico visando solucionar problemas existentes em relação aos sedimentos devonianos nos Estados do Paraná e São Paulo. A elaboração dos dados visou também dar subsídios ao estudo de uma possível ligação entre América do Sul e África, no Devoniano. A área pesquisada compreende quase toda a área de ocorrência do Devoniano nos Estados do Paraná e São Paulo, desde Eng. Bley, (PR) até Itapeva (SP).

ANÁLISE CRÍTICA

Oferece subsídios ao mapeamento das folhas de Jaguariáva, Itararé e Guapiara, principalmente no que se relaciona aos aspectos texturais, estruturais, estratigráficos, paleontológicos e de ambiente de deposição.

LOCZY, Louis - Evolução paleogeográfica e geotectônica da Bacia Gondwânica do Paraná e do seu embasamento. Brasil. ' Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Min., B., Rio de Janeiro, nº 234, 1966, 71 p. |mapas|

RESUMO

São discutidos alguns problemas da evolução paleogeográfica e paleotectônica da Bacia Gondwânica do Paraná, com base nos estudos e levantamentos geológicos executados pelo autor na última década. Na 1ª parte discute o desenvolvimento geológico do embasamento pré-gondwânico, enumerando as rochas pré-cambrianas e eopaleozóicas na Bacia do Paraná. Agrupou os depósitos carboníferos glaciais, inter e pós-glaciais segundo suas relações com a formação marinha "Passinho". Faz um estudo quanto às estruturas associadas à bacia e tenta classificar e correlacionar em princípios uniformes as rochas gondwânicas das diferentes partes da Bacia do Paraná.

ANÁLISE CRÍTICA

Poderá ser aproveitado parcialmente adaptando-se aos objetos do Projeto.

MENDES, Valni C. et alii - A Formação Irati (Permiano) e fácies associadas. Soc. Bras. Geol., São Paulo, 15 (3): 23 - 43, out., 1966. |il. |

RESUMO

Os autores discorrem sobre a Formação Irati nos Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, propondo denominações informais para fácies associadas, que ocorrem sob, intercaladas ou sobre esta formação. Assim, a fácies Joaquim Távora corresponde a siltitos escuros mal estratificados com nódulos de calcário presente no PR e SC, sob o Irati e distinguível do Palermo. A fácies São Mateus equivale a zonas de siltitos ocorrentes dentro da Formação Irati no PR e SC. No Estado de São Paulo, o Membro Taquaral proposto por O. Barbosa e F. M. de Almeida em 1949 é o equivalente da fácies Joaquim-Távora. Aos siltitos intercalares, deram o nome de fácies Ribeirão Grande e aos siltitos de base da Formação Corumbataí, sobreposto ao Irati, de fácies Paranapanema. Esta equivale ao Serra Alta, embora se distingam por peculiaridades litológicas.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresentam uma reformulação da estratigrafia da Formação Irati no Estado de São Paulo, correlacionando-o aos Estados do Paraná e Santa Catarina.

PETRI, Setembriano & FULFARO, Vicente J. -Contribuição à geologia das regiões de Jaguariaíva e Lamedor, Paraná, Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 15 (1): 33 - 48, jul., 1966. |il. mapa|

RESUMO

Alguns aspectos estratigráficos do Devoniano paranaense, nas áreas de Jaguariaíva e Lamedor. O Devoniano é subdividido em duas unidades: a basal, Formação Furnas, constituída predominantemente por arenitos, contendo leitos conglomeráticos e folhelhos micáceos intercalados; a unidade superior, Formação Ponta Grossa, constituída por folhelhos laminados com camadas de siltitos e arenitos. Na região de Lamedor, novos dados permitiram concluir que a sequência arenosa colocada por cima dos estratos devonianos pertence ao Grupo Tubarão.

ANÁLISE CRÍTICA

Contribuição ao conhecimento e elucidação dos problemas litoestratigráficos das regiões de Jaguariaíva e Lamedor, folha de Jaguariaíva.

SETZER, José - Água subterrânea no cristalino paulista. R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, 28 (3): 187-205., jul. set. 1966.
|il. |

RESUMO

O cristalino paulista acha-se intensamente fraturado. As rochas duras e os sedimentos consolidados ou competentes em geral das bacias sedimentares cenozóicas encaixadas, apresentam em fotos aéreas, alta densidade de fraturamento, cujo reticulado bidimensional (em planta) apresenta abertura média de malha entre 1/2 e 1 km, conforme a região, havendo casos de 1/4 km como distância média entre duas fraturas paralelas. Essas fraturas são nitidamente visíveis em fotos aéreas. No campo, esses segmentos retilíneos só se percebem depois de tê-los determinado nas fotos aéreas. Por ser úmido o clima, o excesso da água preenche todas as porosidades do sub-solo. As fraturas fotogeológicas, que quase sempre coincidem com o fundo dos vales, constituem fendas aquíferas. Estudo fotogeológico de cidades do cristalino paulista, com 8 ou mais poços perfurados, possuindo todas elas a mesma situação estatística de um poço produtivo em cinco, provou que os produtivos (20 a 50 m³/h e profundidade de 100-150 m) estão junto a fraturas fotogeológicas ao passo que os improdutivos (1 a 8 m³/h e profundidade de 180-250 m), estão no meio, entre elas. O cristalino paulista é a região de água subterrânea mais certa e abundante desde que as perfurações sejam precedidas de estudos fotogeológicos. Como o estudo fotogeológico só localiza os traços das fraturas (a reta de sua intersecção com o topografia), torna-se difícil inferir para que lado mergulham os planos das fendas aquíferas, foi sugerido preceder cada furo por prospecção geofísica. Es



CPRM

ta, por si só, sem estudo fotogeológico prévio, pode representar grandes despesas inúteis. As fraturas fotogeológicas permitem explicar a origem dos pequenos vales profundos em forma de ferradura, chamados "anfiteatros", cujas encostas internas são, no geral, extremamente íngremes.

RESUMO

O trabalho envolve principalmente, áreas das folhas de São Paulo, Jundiaí, Santos e São Roque e o assunto abrange somente problemas de perfuração de poços tubulares no cristalino.

ALMEIDA, Fernando F. M. de - Origem e evolução da plataforma brasileira, Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., B., Rio de Janeiro, nº 241, 36p., 1967. |il. |

RESUMO

Definição da plataforma brasileira e sua colocação no tempo e no espaço. O ciclo tecto-orogênico e sua origem, as principais plataformas Baicalianas, a paraplataforma eopaleozóica, as sinéclises paleozóicas, os períodos geocráticos do Permiano ao Jurássico, e a reativação Wealdeniana e suas consequências.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de suma importância para o Projeto, uma vez que as principais mineralizações se acham ligados à intrusões alcalinas, originadas da reativação "Wealdeniana" da plataforma brasileira.

BIGARELLA, João J. & SALAMUNI, Riad - Some paleogeographic and paleotectonic features of the Paraná Basin. In: BIGARELLA, João J. et alii - Problems in Brazilian Gondwana Geology. Curitiba, 1967. p. 235 -297.

RESUMO

Apresenta uma discussão sobre os aspectos mais salientes da secessão Gondwana da Bacia do Paraná. Salienta a influência da reativação tectônica que afetou a bacia durante o Cretáceo Superior, propiciando a intrusão de diabásios e basaltos. É feita uma discussão das principais direções das paleocorrentes nas sequências Itararé e Rio Bonito, no Grupo Passa Dois e formações Mesozóica (Botucatu e Santa Maria). Estudos granulométricos e aspectos deposicionais também são feitos.

ANÁLISE CRÍTICA

Trata de paleotectônica e paleogeografia da Bacia do Paraná; é importante para a folha de Tatuí, Pilar do Sul e Jaguariaíva.

DAEMON, Roberto F. et alii - Devonian palinology and biostratigraphy of the Paraná Basin. B. paran. Geol., Curitiba, n^{os}. 21/23: 99-132, 1967. | il. |

RESUMO

O artigo trata de zoneamento baseado nos esporos e organismos do gênero *Marauhites*, achados em amostras de poços e afloramentos em diferentes localidades, nos sedimentos do Devoniano da Bacia do Paraná. A distribuição vertical dos microfósseis acima mencionados, é apresentada juntamente com sugestões sobre a estratigrafia local e correlações inter-regionais. Trinta e três espécies características foram registradas e algumas delas descritas. Essas trinta e três formas representam a seleção de cento e oitenta espécies achadas. Outros microfósseis tais como Chitinozoa, Hystriospheres e Leiofusidadae foram também examinados.

ANÁLISE CRÍTICA

Estudo micropaleontológico de sedimentos da Bacia do Paraná, que se enquadram na folha de Jaguariaíva.

CORDANI, Umberto G. & BITTENCOURT, Igor. -"Determinações de idade de potássio - argônio em rochas do Grupo Açungui" In: ' CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 21. Curitiba, PR, 1967. An., São Paulo, Soc. Bras. Geol., p. 218- 233 |s.d. |mapa. | geol. |

RESUMO

São apresentadas 56 idades K - Ar efetuadas em minerais separados (somente 3 análises em rocha total) de 45 amostras de rochas metamórficas do Grupo Açungui e rochas graníticas associadas. Os resultados demonstram que a grande maioria destas rochas formou-se no cinturão orogênético Paraíba, entre 450 e 650 m.a. atrás. A esta unidade geotectônica pertenceriam também muitas rochas gnáissicas anteriormente julgadas muito antigas (Arqueano), que seriam na verdade as equivalentes metamorfoseadas em grau mais elevado das rochas epizonais do Grupo Açungui. Algumas determinações que resultaram mais antigas (cerca de 1400 m.a.) indicariam regiões do antigo embasamento que aflorariam nos núcleos dos anticlínórios. Os resultados sugerem a seguinte sequência evolutiva para o Grupo Açungui:

- 1) Entre 600 e 650 m.a. atrás, metamorfismo principal e formação de granitos sintectônicos. A sedimentação no geossiclinal iniciou-se anteriormente.

- 2) Formação de granitos tarditectônicos há cerca de 590 m.a. e granitos postectônicos entre 500 e 580 m.a. atrás.

- 3) Levantamento epirogenético da cadeia montanhosa em cerca de 450 m.a. atrás.

Trabalho de datação de rochas com interpretação e discussão dos resultados, fornecerá uma ótima contribuição ao Projeto, uma vez, que as amostras são de rochas situadas na área do mesmo.

FELICISSIMO Jr., Jesuíno - Wegener e a escarpa da Serra do Mar: intemperismo, deslizamento e erosão. O I.G.G., R., São Paulo, v. 19: 5-14, 1967.

RESUMO

A teoria de Wegener ("Displacement Theory") sobre a origem dos continentes e oceanos é usada para desenvolver uma idéia sobre a origem da costa brasileira e os problemas resultantes. Segue uma série de considerações sobre os efeitos da desagregação das rochas regionais e os seus processos destrutivos, originando deslizamentos de terras, destruição de construções e outras estruturas. A principal ocorrência desta natureza é citada. Finalmente, os principais conceitos gerais são apresentados sobre a estabilidade dos declives, e a mecânica do solo da parte da escarpa atlântica, cujo conhecimento é de grande valor para obras que porventura venham a ser edificadas em solos afetados por estes fenômenos.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho interessante para a Geologia Aplicada mas fora das diretrizes do Projeto.

FRAKES, Lawrence A. & FIGUEIREDO FILHO, Paulo M. de - Glacial ' rocks of the Parana Basin exposed along the Sorocaba - Itapetininga Road. In: BIGARELLA, João J. et alii - ' Problems in Brazilian Gondwana Geology. Curitiba, 1967. p. 103 -106.

RESUMO

Estratos glaciais da bacia do Paraná, comumente referidos a Série Tubarão, ocorrem ao longo da margem oeste da bacia em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, com menos frequência em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e no Uruguai. Algumas das melhores exposições no sudeste do Brasil são vistas na auto-estrada entre Sorocaba e Itapetininga, em São Paulo. Cinco diamictitos' permitem interpretação glacial, um dos quais é também associado com rochas indicando movimento de lama e transporte com gelo. Um outro depósito de movimento de lama e de boa classificação de ' diamictitos, indica uma ocorrência de transporte do gelo no topo da seção. A presença na região de corpos de areias interpretados como "eskers" subglacial juntamente com a ocorrência do ' provável estrato depositado em um ambiente subaquoso, sugere ' que a situação da área próximo da margem do corpo de gelo de tamanho considerável seja do tempo de deposição da Série Tubarão.

ANÁLISE CRÍTICA



Trabalho de interesse às folhas de Pilar do Sul e Ta
tuí.

FUCK, Reinhardt A. -Geologia da fôlha de Abapã. Univ. Fed. Paraná, Inst. Geol., B., Curitiba, nº 25:, 34 p., 1967. |il. |

RESUMO

Relata a geologia da folha de Abapã, Estado do Paraná. A rocha predominante na área é o granito, tendo as rochas metamórficas (filitos, quartzitos, dolomitos) uma expressiva área de ocorrência. Ainda ocorrem migmatitos, micaxistos, riolitos, rochas básicas e sedimentos aluvionares, em área mais restrita. Admite' que as rochas graníticas e migmáticas tenham origem comum. Por ' outro lado, as rochas do Grupo Açungui possuem as feições estruturais mais notáveis, apresentando uma sucessão de anticlinais e sinclinais mergulhantes, geralmente assimétricos, com eixos variando entre $N25-50^{\circ}E$. A tectônica rígida apresenta uma fase de fraturamentos e falhamentos perfeitamente individualizáveis, com direções variando entre $N40-60^{\circ}W$, com fenômenos de brechação e intrusões básicas. Outra fase posterior apresenta duas falhas de direção $N40-50^{\circ}E$. Os recursos minerais são representados por dolomitos, talco e materiais de construção e ornamentação.

ANÁLISE CRÍTICA

Mapeamento de rochas pré- Cambrianas localizadas em ' área contígua a do Projeto. De importância para determinação de correlações e continuidade litológica.

FUCK, Reinhardt A. et alii 'Geologia e petrografia dos migmatitos, do Paraná.' In: BIGARELLA João J. et alii. - Geologia do pré -Devoniano e intrusivas subseqüentes da porção oriental do Estado do Paraná. Curitiba, Comiss. da Carta Geol. do Paraná, B. paran. Geoci., 23/25 (1): 5-41, 1967. |il. |

RESUMO

Sumário das principais estruturas geológicas e petro-lógicas dos migmatitos que ocorrem no platô de Curitiba e Serra do Mar, no Estado de Paraná. Os migmatitos e metamorfitos desta área possuem orientação ENE, com planos de xistosidade e bandea-mento próximos da vertical. Sua posição estratigráfica é incerta ainda. Aparentemente a migmatização envolve principalmente mobi-lização de Na e K, e, subsidiariamente, Ca. Foram notados fenôme-nos de retrometamorfismo em São João da Graciosa. Os migmatitos são de origem parametamórfica.

ANÁLISE CRÍTICA

Grande interesse, especialmente para o mapeamento da parte sudeste do Projeto, onde tais tipos de rochas ocorrem com grande frequência. Também dá subsídios sobre o problema das rela-ções de contato basaes do Grupo Açungui.

FUCK, Reinhardt A. et alii - Contribuição ao estudo das rochas graníticas do Estado do Paraná. In: BIGARELLA, João J. et alii - Geologia do pré-Devoniano e intrusivas subsequentes da porção oriental do Estado do Paraná. Curitiba, comiss. da carta Geol. do Paraná, B. paran. Geoci., 23/25 (6): 183-219, 1967. |il. |

RESUMO

Sumário das características geológicas e petrográficas dos plutonitos graníticos abrangidos pelo levantamento geológico da Comiss. da Carta Geológica do Paraná. São estudados os seguintes corpos graníticos:

- 1) Granito de anatexia
- 2) Granitos intrusivos:

Cunhaporanga
Três Córregos
Morro Grande
Serra do Carambeí
Varginha
Piedade
Do Cerne

- 3) Granitos alcalinos:

Graciosa
Anhangava
Marumbi

Quase todos são maciços circunscritos, alguns concor



dantes, outros discordantes das encaixantes, tardi a COPARM ci-
nemáticos.

ANÁLISE CRÍTICA

Destes granitos descritos, quatro deles (Três Córre-
gos, Cunhaporanga, Morro Grande e Varginha) ocorrem na área do
Projeto e suas descrições petrográficas e definições são de
grande interesse.

FULFARO, Vicente & SUGUIO, Kenitiro - Campos de diques de diabásio da Bacia do Paraná. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 16 (2): 23-37, dez., 1967. |il. |

RESUMO

Altas concentrações de diques de diabásio em certas regiões da bacia sedimentar do Paraná, ocorrem em três áreas, onde se realizaram perfis descritivos: a) do km 160 da Rodovia do Café até a Serra do Cadeado, no Estado do Paraná. b) estrada de rodagem entre Fartura e Piraju, desde a proximidade da primeira cidade até o topo da Serra de Fartura, sul do Estado de São Paulo. c) e a região entre Tambaú e Santa Rosa do Viterbo, no norte do Estado de São Paulo. Os diques formam sistemas paralelos orientados preferencialmente para NW embora ocorram alguns orientados para NE, ocasionando sistemas secundários perpendiculares, nas duas primeiras regiões. Na área situada ao norte do Estado de São Paulo, a situação é exatamente inversa. Suas espessuras variam havendo, no entanto, um valor médio constante para cada "província" em torno de 200m para a Rodovia do Café, 80m para Fartura e 200m novamente em Tambaú - Santa Rosa do Viterbo. Os diques são verticais mas nem sempre seus contatos laterais são simples, podendo passar a pequenos "sills", ou então, injetar a rocha hospedeira com inúmeras apófises. Cortam essas estruturas ígneas os terrenos gondwânicos da bacia até a capa arenito-basáltica que a sobrepõe, dando a imagem exata de antigos condutos alimentadores de derrames e

"sills". Suas concentrações, por outro lado, ocorrem em áreas que apresentam complicado tectonismo, que no entanto, não explicam intrusões de tal espessura, que parecem ser o resultado de algum mecanismo de tração.

ANÁLISE CRÍTICA

Levantamento pormenorizado sobre a concentração de diques de diabásio em várias regiões da Bacia do Paraná, com a apresentação de perfis geológicos e dados petrográficos utilizáveis no mapeamento de várias folhas do Projeto.

LANGE, Frederico W. & Petri, Setembrino - The Devonian of the Parana Basin., B. paran. Geol., Curitiba., nº 21/22 : 5-56, 1967. |il. |

RESUMO

É feito um retrospecto do conhecimento atual sobre a Bacia Devoniana Sedimentar do Paraná. Investigação recente para o refinamento da subdivisão física e bioestratigráfica do Devoniano - na parte brasileira, e para a reavaliação das idades das unidades. A distribuição dos fósseis nas diferentes unidades estratigráficas é anotada para cada afloramento da região.

ANÁLISE CRÍTICA

Serve como orientação para estabelecimento da estratigrafia nas Folhas de Jaguariaíva e Pirai do Sul.

LANGE, Frederico W. - Biostratigraphic subdivision and correlation of the Devonian in the Paraná Basin. B. paran. Geol., Curitiba, nos 21/22: 63-68, 1967|11.|

RESUMO

A sequência devoniana na bacia sedimentar do Paraná, no sul do Brasil, foi subdividida dentro de cinco intervalos bioestratigráficos principais. Esta subdivisão foi baseada principalmente na extensão estratigráfica dos Chitinozoa. Para esse propósito, somente determinadas espécies de Chitinozoa, estavam selecionadas, as quais estando associadas a uma restrita extensão vertical e vasta distribuição geográfica, proporcionaram meios de correlação com outras regiões. Seis gêneros da Chitinozoa, um dos quais novo, compreendendo 12 espécies - (duas novas) e 3 espécies de Navifusa (acritarcha) são descritas na parte da sistemática. Uma vez que o intervalo bioestratigráfico tenha sido estabelecido, foi possível correlacionar a unidade através de afloramentos e áreas superficiais na bacia, desde o Norte de Mato Grosso e Goiás até o Sul de Santa Catarina. A correlação de microfósseis com formas de outras regiões da bacia serviu para a determinação da idade da sequência do Devoniano Inferior para o começo do Devoniano Superior.

É de interesse, pois estabelece correlações estrati
gráficas para a folha de Jaguariaíva.

MACHADO, Eurico R. Gondwanic coal of southern Brazil. In: BI
GARELLA, João J. et alii, Problems in Brazilian
Gondwana Geology. Curitiba, 1967. p. 107-114.

RESUMO

Apresenta em quadro sumário das ocorrências de carvão do gondwana do sul do Brasil.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de pouco interesse para o Projeto.

MARINI, Onildo J. et alii - Intrusivas básicas jurássico-cretáceas do primeiro planalto do Paraná. In. BIGARELLA, João J. et alii - Geologia do pré - Devoniano e intrusivas subseqüentes da porção oriental do Estado do Paraná. Curitiba, Comiss. da Carta Geol. do Paraná. B. paran. Geoci., 23/25 (10): 307 - 324, 1967 .
|il.|

RESUMO

Breve discussão da questão dos numerosos diques básicos no Estado do Paraná, os quais se concentram numa faixa de 70 km, de largura, desde a região dos Vales de Ivaí e Iapó até a região de Guaratuba - Paranaguá. Estes diques se alongam em fraturas e falhas, concentrando-se ao longo do Arco de Ponta Grossa. Foram distinguidos quatro tipos petrográficos: diabásio, diorito, diorito-pórfiro e quartzo diorito, sendo os de composição diabásica predominantes.

ANÁLISE CRÍTICA

Relativo interesse para a definição do modelado do relevo na parte sul do Projeto Sudeste e para a possível relação entre o arqueamento e intrusivas alcalinas.

MARINI, Onildo J. & BIGARELLA, João J. - Rochas calcárias do Grupo Açungui, In: BIGARELLA, João J. et alii Geologia do pré-Devoniano e intrusivas subsequentes da porção oriental do Estado do Paraná. Curitiba, Comiss. da Carta Geol. do Paraná. B. paran. Geoci., 23/25 (3): 105-150, 1967. |il. |

RESUMO

Divide as rochas calcárias do Grupo Açungui em 3 faixas: Faixa NW - dolomitos; Faixa central - calcários e dolomíticos; Faixa SE - dolomitos. Os dolomitos possuem composição química acentuadamente constante, enquanto que os calcários apresentam uma relativa variação. Breve descrição petrográfica dos vários tipos de rochas calcárias e tentativa de interpretação do seu ambiente de deposição. Diagramas triangulares de composição química e apreciação econômica destas rochas.

ANÁLISE CRÍTICA

O maior interesse deste trabalho refere-se ao aspecto econômico, já que estes calcários se estendem para dentro do Estado de São Paulo, onde foram objeto de um projeto específico (Proj. Calcário para Cimento).

MARINI, Onildo J. et Alii - O Grupo Açungui no Estado do Paraná. In: BIGARELLA, João J. et alii - Geologia do pré-Devoniano e intrusivas subseqüentes da porção oriental do Estado do Paraná. Curitiba, Comiss. da Carta Geol. do Paraná. B. paran. Geoci., 23/25 (2): 43-103, 1967. |il. |

RESUMO

Descrição da geologia, estratigrafia e petrografia do Grupo Açungui, alicerçado em trabalhos de levantamento geológico em área de 11.200 Km², aproximadamente. O grupo Açungui foi subdividido em 4 formações: Grupo Açungui: Formação Água Clara, Formação Votuverava, Formação Capiru e Formação Setuva. Tentativa de determinação do ambiente de deposição de várias fácies sedimentares. Estudo das rochas intrusivas no Grupo Açungui, metamorfismo e tectônica.

ANÁLISE CRÍTICA

Embora os problemas de estratigrafia não estejam convenientemente solucionados, trata-se de um trabalho sobre o Grupo Açungui inteiramente aproveitável, principalmente pelo fato de que se baseia em dados de levantamento geológico de uma área bastante extensa.

MENDES, Josué C. - The Passa Dois Group; The Brazilian portion of the Paraná Basin. In: BIGARELLA, João J. et alii Problems in Brazilian Gondwana Geology, Curitiba, 1967, p. 119-177.

RESUMO

O Grupo Passa Dois corresponde ao topo do Paleozóico na seqüência da Bacia do Paraná (sul do Brasil, Uruguai, Paraguai e norte da Argentina). Está disposto concordantemente com o neo-Paleozóico do Grupo Tubarão e está por baixo discordantemente do Grupo São Bento (Cretáceo Inferior), exceto no Estado do Rio Grande do Sul, onde a formação de Santa Maria (Triássico Inferior) ocorre entre os grupos Passa Dois e São Bento. A extensão do Grupo Passa Dois é cerca de um milhão de km². Os afloramentos não são contínuos ao longo da margem na Bacia do Paraná, em algumas áreas dos Estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Os sedimentos são principalmente clásticos (siltitos, finos arenitos granulados, calcoarenitos e folhelhos). A grande espessura conhecida é pouca mais de 1.200 metros. As notações paleontológicas incluem, *Glossopteris*, *Lycopodiopsis* e outros fósseis de plantas, vários gêneros de pelecípodos considerados como indígenas, répteis (*Mesosaurus*, *Stereosternum*), etc. O ambiente é considerado como marinho por alguns autores, misto por outros e continental (lacustrino planície de inundação) pelos demais. Subdivisões estratigráficas e fácies são discutidas. Sobre a idade, considera o Grupo Passa Dois como Permiano.



ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para a folha de Tatui, onde ocorre essa litologia.

QUEIROZ NETO, José P. de et alii - "Sedimentos neo- cenozóicos ' na área de Campinas, Estado de São Paulo" In: CONGRES- SO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 21. Curitiba, PR , 1967. An. São Paulo, Soc. Bras. Geol., p. 58-70. |s.d.| |il., 1 ma pa|

RESUMO

Através da fotointerpretação e reconhecimento de campo, foram delimitadas e mapeadas as áreas cobertas pelos sedimentos neo- cenozóicos, os solos que ocorrem nesses sedimentos bem como os níveis de erosão distintos: pedimentos, terraços e vales aluviais. Foram efetuados 3 perfis de solo para definição das características físicas e químicas das duas unidades que ocorrem sobre esses sedimentos: latossolo vermelho amarelo, fase arenosa e vermelho amarelo húmico. Nas camadas inferiores dos perfis coletados e em amostras suplementares efetuaram-se análises granulométricas, além de morfoscopia e mineralogia sumária, para melhor definição do material de origem daqueles solos. Esses estudos permitiram concluir que grande parte dessa área é recoberta pelo material sedimentar de idade neo- cenozóica com espessura relativamente pequena, originado por um ou mais de um processo de pedimentação, como atestariam pelo menos dois níveis distintos de erosão. Processos erosivos posteriores teriam possibilitado a esculturação de alguns níveis de terraços, dois dos quais perfeitamente discerníveis nas fotos aéreas. O contato do material pedimentar com as formações subjacentes é às vezes marcado pela presença de camadas de seixos.

ANÁLISE CRÍTICA



Trabalho de interesse para a Folha de Itu, onde ocorrem esses sedimentos.

ROCHA CAMPOS, Antonio C. - "The Tubarão Group in the Brazilian portion of the Parana Basin". In: BIGARELLA, João J. et alii - Problems in Brazilian Gondwana Geology . Curitiba, 1967, p. 27 - 95.

RESUMO

A máxima espessura do Grupo Tubarão é cerca de 1.500 metros no sudoeste de Mato Grosso. Mapa preliminar de isópacas mostra diferente história tectônica durante a deposição do Grupo. Evidências estratigráficas indicam que as duas fácies de seqüência do Grupo Tubarão, o "Complexo Glacial e o Super glacial" são essencialmente penecontemporâneos. Classificação e nomenclatura dos sedimentos do Grupo Tubarão são ainda inconsistentes e um esquema informal estratigráfico foi adotado. Embora tenha evidência de algumas espécies de ciclismo nos sedimentos glaciais do Grupo Tubarão e de melhoria do clima, multiplicidade de glaciações representadas por zona de solo, zonas de lixiviação, etc. não tem sido ainda achada. Espessura dos sedimentos e data paleontológica, embora não definida, indicam longa duração (Carbonífero superior para Permiano inferior), da glaciação néo-paleozóica na Bacia do Paraná, quando comparada a glaciação pleistocênica.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para as folhas onde ocorre o Grupo Tubarão.

SALAMUNI, Riad & BIGARELLA, João J. - Contribuição à geologia do Grupo Açungui. Univ. Fed. Paraná, Inst. Geol. , B. Curitiba, nº 23, 28 p., 1967. |il. |

RESUMO

Contribuição à geologia do Grupo Açungui baseada em levantamento geológico das folhas de Rio Branco do Sul e do Cerne. A estratigrafia provisória proposta para este grupo é a seguinte: pré-Cambriano superior - Formação Votuverava, Formação Capiru; discordância angular e erosiva, Formação Setuva ; discordância, Complexo Cristalino em geral. Considerações relacionadas às jazidas minerais da região, com referências a dolomitos, calcários, barita, caulim, hematita, limonita e filitos.

ANÁLISE CRÍTICA

Relativo interesse, uma vez que novos estudos do Grupo Açungui, pela própria Comissão da Carta Geológica do Paraná, modificaram alguns conceitos e a própria estratigrafia do Grupo Açungui, se bem que ainda assim não se tenha chegado a uma conclusão definitiva.

SALAMUNI, Riad & BIGARELLA, João J. - Sumário das estruturas ' sedimentares singenéticas no Grupo Açungui. In: BIGARELLA, João J. et alii - Geologia do pré-Devoniano e intrusivas subseqüentes da porção oriental do Estado do Paraná. Curitiba, Comiss. da Carta Geol. do Paraná, B. paran. Geoci., 23/25 (4): 151-156, 1967. |il.]

RESUMO

Considerações sobre os caracteres deposicionais primários do Grupo Açungui. Foram observados três tipos distintos de estruturas deposicionais singenéticas: a) primárias ou mecânicas (estratificação cruzada, marcas onduladas, estratificação gradacional e rítmica e brechas intraformacionais) b) secundárias ou químicas (estruturas pisolíticas) c) orgânicas (estromatólitos).

ANÁLISE CRÍTICA

Interesse apenas no aspecto teórico de interpretação da origem destes sedimentos e possíveis correlações estratigráficas.

1.1.167

TREIN, Elimar & FUCK, Reinhardt A. - O Grupo Castro. In: BIGARELLA, João J. et alii - Geologia do pré-Devoniano e intrusivas subseqüentes da porção oriental do Estado do Paraná. Curitiba, Comiss. da Carta Geol. do Paraná, B. paran. Geoci., 23/25 (9): 257-305, 1967. |il. |

RESUMO

Discussão da estratigrafia das rochas pré-Devonianas no Estado do Paraná e proposição da designação de Grupo Castro para o conjunto de rochas integrado por riolitos e arcósios dos arredores de Pirai do Sul e Castro, derrames andesíticos e depósitos rudáceos. Divisão do Grupo Castro em três seqüências: seqüência vulcânica ácida; seqüência sedimentar; seqüência vulcânica andesítica. Ocorreram na área duas fases de vulcanismo riolítico, intercalados com depósitos arcósios e rudáceos, sucedendo-se uma fase vulcânica andesítica. Idades prováveis para estas rochas: 450-500 m.a. (Cambro - Ordoviciano). Correlação com as seqüências de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas não com a "Série" Ribeira e Formação Camarinha.

ANÁLISE CRÍTICA

Grande interêsse para o mapeamento das Folhas de Jaguariá e Pirai do Sul.

CORDANI, Umberto G. - Esboço da geocronologia pré-Cambriana da América do Sul. In: SIMPÓSIO SOBRE O MANTO SUPERIOR. Rio de Janeiro, GB, 1967. Rio de Janeiro, Acad. Bras. Ci., An., v. 40: 47-51, 1968. |il. |

RESUMO

A plataforma brasileira, área pré-Cambriana e as grandes bacias sedimentares que nela se desenvolveram. Núcleos cratônicos estáveis: 1) Estudo das Guianas: 100 determinações de idade radiométrica - eventos geológicos bem definidos a 2000 milhões de anos - ciclo orogênico Trans-amazônico. 2) Área cratônica de São Luiz: mesmo ciclo e idade aproximada a anterior. 3) Área pré-Cambriana entre os rios Tocantins e Tapajós: idade aproximada de 2000 milhões de anos. 4) Rondônia: idades radiométricas entre 900 e 1200 m.a. 5) Craton de São Francisco idade por volta de 1900 m.a.: grande estabilidade evidenciada pelos sedimentos do Grupo Bambuí cuja idade é por volta de 600 m.a.. Cinturões orogênicos de idade Baikaliana, são os seguintes: a) Região nordeste do Brasil: idade próxima de 650 m.a., esta idade está próxima à fase principal do ciclo Cariniano; entretanto foram detectadas idades próximas a 470 m.a. que poderiam corresponder a eventos tardi ou pós-tectônicos do mesmo ciclo. b) Cinturão orogênico da faixa Paraíba ao longo da costa oriental do Brasil, com idade primária próximo de 600 m.a. com resultados também em torno de 450 m.a.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de caráter muito geral, no qual o autor procura datar os diversos ciclos orogênicos sofridos pelas rochas pré-Cambrianas da América do Sul.

ROCHA CAMPOS, Antonio C. et alii - New Glacial features of the Upper Paleozoic Itararé Subgroup in the State of São Paulo, Brazil. Soc. Bras. Geol., B., São Paulo, 17 (1): 47/57, dez., 1968. |il. |

RESUMO

São descritos corpos alongados do embasamento capeado por diamictito, conglomerado, arenito e concentração horizontal de clastos incluídos em diamictitos do Sub-grupo Itararé (neo-Paleozóico), no Estado de São Paulo. Uma outra estrutura alongada composta somente de sedimentos é brevemente descrita. Os corpos alongados são interpretados como formas topográficas lineares moldadas pelo fluxo das geleiras neo-Paleozóicas e a concentração de clastos parece corresponder a um tipo de pavimento. Estas feições constituem evidências adicionais a favor de uma origem glacial dos diamictitos e rochas associadas do Sub-grupo Itararé.

ANÁLISE CRÍTICA

São apresentados novos dados que dispõem a favor da origem glacial dos sedimentos do Sub-grupo Itararé.

1.1.170

AB' SABER, Aziz N. - O Quaternário na Bacia de São Paulo: estado atual dos conhecimentos. Geomorfol., São Paulo, nº 8: 1-14, 1969.

RESUMO

A bacia na sua porção central tem uma espessura que oscila entre 100 e 150 m. Trata-se quase sempre, de argilas, sil-
titos, areias basais, e muito raros horizontes de cascalhos
miúdos intercalados. O embasamento da bacia é composto de migma-
titos, xistos e granitos pré-Cambrianos. O contacto entre as ca-
madas de areias e argilas basais da bacia com as rochas crista-
linas se faz em um assoalho topográfico irregular, sujeito a
uma deposição profunda, porém irregular e descontínua, ao iní-
cio da sedimentação. A Bacia de São Paulo é o resultado da depo-
sição de materiais, predominantemente finos, em uma depressão tec-
tônica contrária à direção da drenagem da região. Na depressão,
oriunda de soleiras tectônicas ativas, houve uma geografia de
lagos mantidos pela persistência tectônica da subsidência.

ANÁLISE CRÍTICA

É de interesse para a folha de São Paulo, descreve a
litologia e os eventos da mesma.

AB' SABER, Aziz N. - Pedimentos e bacias detríticas pleistocênicos em São Paulo. Geomorfol., São Paulo, nº 9: 1-8, 1969.

RESUMO

Conheciam-se níveis intermediários na área das colinas paulistanas e na região das colinas do Médio Vale do Paraíba. Em pesquisas feitas na área de Cubatão, no Baixo Ribeira, em Gato Preto, Jundiaí, Brigadeiro Tobias, Sorocaba e Atibaia, foram reencontrados sinais de níveis intermediários, tomando-os sempre como níveis de "strath terraces" e interpretados como documentos exclusivos de uma epirogênese de reativação múltipla que hoje julga-se inconcebível. De um modo geral cada soerguimento epirogênico ou cada regressão de caráter eustático negativo, determinou um rejuvenescimento dos níveis de terraços mais altos, levando-os até à maturidade, e às vezes, à uma espécie de senilidade local ou regional válida em relação às extensas áreas de ocorrência do nível em questão. Desta forma, os terraços de todos os tipos e níveis tornaram raros e meros patamares de morros ou ombros de erosão.

ANÁLISE CRÍTICA

É de interesse do ponto de vista geomorfológico para as Folhas de Santos, Jundiaí e São Roque.

ALMEIDA, Fernando F. M. de - Diferenciação tectônica da plata
forma brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA.
23. Salvador, Ba, 1969. An., São Paulo, Soc. Bras. Geol.,
p. 29 - 46. |S.d. | |Mapa|

RESUMO

A plataforma brasileira consolidou-se a partir do ci
clo Brasileiro (Baicaliano) entre o final do pré-Cambriano e o
Ordoviciano. Através da análise de sua evolução tectônica reco
nhece-se a existência de três estágios, cada um correspondendo
a formação de rochas sedimentares e vulcânicas, estruturas e de
pósitos minerais típicos. O mais antigo, chamado estágio de
transição, é de idade Cambro - Ordoviciano, e corresponde a fa
se de consolidação de áreas dobradas durante o pré - Cambriano
Superior. Depósitos molássicos e vulcânicos ocorrem em depreg
sões dentro das áreas dobradas com mineralizações de cobre e
ouro em áreas restritas. No segundo estágio a plataforma brasi
leira foi completamente estabilizada. O vulcanismo findou sua a
tividade e foram depositados sedimentos em 4 enormes sinéclises,
inicialmente invadidas por transgressões marinhas, seguidas,
posteriormente por sedimentação continental. O terceiro estágio,
chamado estágio de reativação, desenvolveu-se desde o Triássico
superior, e tem sido caracterizado por um diastrofismo muito im
portante, causando a reorganização estrutural da plataforma, mo
vimentação de blocos de falha e espessa sedimentação nas bacias
tectônicas. Como consequência, ocorreu um vulcanismo extenso ,



CPRM

básico principalmente, com diferenciação ácida e alcalina. Impor
tantes depósitos minerais foram formados neste estágio, associa-
dos a uma mineralização endogênica relacionada a atividade ígnea.

ANÁLISE CRÍTICA

Análise da tectônica da plataforma brasileira, com a sub
divisão em estágios, cada qual associado a fenômenos de vulcanismo,
sedimentação e mineralizações. De utilidade para a elucidação -
ção dos problemas ocorrentes na área do Projeto.

1.1.173

BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral - Contribuição ao desenvolvimento geo-econômico de São Paulo e Paraná.
|Documento Básico| Rio de Janeiro, mar., 1969, 141p. |il. |

RESUMO

Atuação e atividades do D.N.P.M. na área do 2º Distrito Sul. O Plano Mestre Decenal para a avaliação dos recursos minerais do Brasil. Carta geológica do Brasil ao milionésio, projetos básicos e projetos específicos. Súmula das principais jazidas e ocorrências minerais na área de jurisdição do 2º Distrito-Sul. Com a descrição das principais jazidas e ocorrências minerais. Assim como a utilização do minério. Trazendo ainda a localização dessas jazidas e ocorrências nos Estados de São Paulo e Paraná. As ocorrências e jazidas estão apresentadas nas seguintes classes: Substâncias minerais metalíferas, de emprego imediato na construção civil, fertilizantes, combustíveis fósseis sólidos, rochas pirobetuminosas, minerais industriais, água mineral e águas subterrâneas. Traz ainda um histórico das pesquisas de petróleo no Estado de São Paulo. Contribuição do Departamento Nacional da Produção Mineral para o conhecimento dos recursos minerais de São Paulo e Paraná. Suas atividades passadas e atuais. Programa do 2º Distrito-Sul. Publicações do D.N.P.M. sobre São Paulo e Paraná.

ANÁLISE CRÍTICA



De uma maneira geral são descritas as principais jazidas e ocorrências minerais nos Estados de São Paulo e Paraná, cadastradas no D.N.P.M. Assim como as publicações do D.N.P.M. sobre os Estados de São Paulo e Paraná. Todos esses dados são de grande utilidade para a atual fase do Projeto.

FUCK, Reinhardt A. et alii - Mapa geológico preliminar do litoral, da Serra do Mar e parte do Primeiro Planalto no Estado do Paraná. B. paran. de Geoci., Curitiba, 27 (6): 123-152, 1969. |il. |

RESUMO

Resumo de um mapeamento regional de cerca de 15000 km², no nordeste do Estado do Paraná, compreendendo partes da planície costeira, da Serra do Mar e do Primeiro Planalto Paranaense. As rochas desta área são de elevada cristalinidade, segundo os autores, destacando-se migmatitos, gnaisses, anfibolitos, granitos de anatexia, bem como maciços de granitos alcalinos e sub-alcalinos. Em menor destaque, temos rochas metamórficas do Grupo Açungui, seqüência molássicas (Formações Guaratubinha e Camarinha) associadas a derrames de lavas andesíticas e riolíticas e sedimentos quaternários. As principais direções estruturais das massa graníticas encaixantes e seqüências pós-tectônicas são NE - SW e ENE - WSW. As direções dominantes de falhamentos são NE - SW, ENE - WSW, N-S e W - SE. A Serra do Mar representa a raiz de uma antiga cadeia de montanhas. O mapa final dos autores é resultado de uma compilação dos trabalhos de levantamento geológico de fins de 1964 a 1968.

ANÁLISE CRÍTICA



Trata-se de um trabalho de suma importância, pelo fato de que uma boa porção do Projeto Sudeste é coberta pelo mesmo e, por tratar-se de um dos poucos trabalhos regionais do pré-Cambriano do estado do Paraná possibilitando uma melhor visualização regional da sua geologia.

HASUI, Yociteru et alii - Geologia do Grupo São Roque. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 23. Salvador, BA, 1969. An., São Paulo, Soc. Bras. Geol., p. 101-134 .
|S.d.| |mapa geol.|

RESUMO

Apresenta o resultado do levantamento geológico, na escala 1:100.000, de uma área de cerca de 3.000 km² incluindo o quadrângulo Jundiaí, Salto de Itu, Represa de Sorocaba, Barueri, Estado de São Paulo. Nessa área aparece o chamado Grupo São Roque, em confronto com rochas gnáissicas supostas do Complexo Cristalino, através de importantes zonas de falhamento transcorrente. Dado o contraste de litologia e estruturas, foram consideradas três unidades tectônicas: os blocos Cotia, São Roque e Jundiaí. Na parte ocidental, tais blocos são recobertos pelo Grupo Tubarão. O Bloco Cotia constitui-se de gnaisses (migmatitos diversos), com manchas ocasionais de micaxistos, da fácies anfibolito. O Bloco São Roque é composto de epimetamorfitos de fácies xisto verde, penetrados por batólitos e "stocks" graníticos, que desenvolvem aureólas de metamorfismo de contato. No Bloco Jundiaí predominam xistos, quartzitos, gnaisses e algum anfibolito, revelando metamorfismo na fácies anfibolito. Os corpos graníticos foram mapeados em maciços tardi-cinematísticos, de tardi a pós-cinematísticos e pós-cinematísticos. Ocupam cerca de 30% da área mapeada e apresentam 5 tipos petrográficos distintos. As rochas metamórficas mostram a estrutu-

ra primária de origem sedimentar (epimetamorfitos), xistosidade e dobramentos diversos, com vergência de sul para norte. Falhamentos transcorrente, nitidamente pós-orogênico (Taxaquara e Jundiuvira) limitam o Grupo São Roque. A Formação Itu (Grupo Tubarão) e os sedimentos terciários e quaternários constituem a cobertura de plataforma. Na morfologia, as partes altas são condicionadas pela litologia, com quartzitos e granitos sustentando-os. As estruturas condicionam o aparecimento de formas alongadas e retilíneas. Sob o ponto de vista da geologia econômica, a área oferece recursos não metálicos (feldspato, caulim, rochas industriais ou para obras civis). Os recursos metálicos não se acham em exploração. Finalmente é apresentado um esquema da evolução tectônica da área.

ANÁLISE CRÍTICA

Levantamento geológico pormenorizado de faixa da área do Projeto. Apresenta subsídios para o mapeamento geológico das folhas de Itu, São Roque, Jundiaí e São Paulo.

MEDEIROS, Rodi A. et alii - "Reavaliação dos dados geológicos ' da Bacia do Paraná". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 23. Salvador, BA, 1969. Soc. Bras. Geol., B. Es pec. nº 1, p. 14. |resumo|

RESUMO

Apresentam conclusões generalizadas quanto a evolução paleogeográfica e tectônica da Bacia do Paraná, desde o Sistema Devoniano até a deposição dos sedimentos da Formação Caimá e Bauru no Cretáceo Superior. É dada a caracterização litológica de cada unidade. Este trabalho associado aos resultados do mapeamento fotogeológico permitiu a seleção de áreas estratigráficas e estruturalmente favoráveis a pesquisa petrolífera.

ANÁLISE CRÍTICA

É feita uma análise global sobre a sedimentação na Bacia do Paraná. Trabalho de interesse para o Projeto.

PETRI, Setembriano & SUGUIO, Kenitiro - "Sôbre os metassedimen-
tos do Grupo Açungui do extremo sul do Estado de São
Paulo". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 23. Sal-
vador, BA, 1969. Soc. Bras. Geol., B. Espec. nº 1, p.
48. |resumo|

RESUMO

Versa sobre as formações pré-Cambrianas pertencen-
tes ao Grupo Açungui que afloram na parte sul do Estado de São
Paulo. O grau de metamorfismo grada de baixo a médio, conforme
se caminha de NW para SE. Um batólito, o Granito Ribeirão Bran-
co (Granito Três Córregos), alongado na direção NE, penetra
nestas rochas metamórficas. São enfatizadas estruturas sedimen-
tares preservadas, que foram de grande valia na elucidação dos
ambientes de deposição. Apresentam características diferentes
de sedimentação para as porções SE e NW da área estudada, es-
tando localizado nesta última a borda da bacia onde se deposi-
taram os metassedimentos do Grupo Açungui. Apresentam uma sé-
rie de fatos que comprovam esta idéia. Por último, conseguiram
estender para a região sul do Estado de São Paulo algumas das
formações pré-Cambrianas reconhecidas no adjacente Estado do
Paraná. Consideram estas formações como heterópicas, fácies
parcialmente sincrônicas.

ANÁLISE CRÍTICA

Importante comunicação sobre os metassedimentos do Grupo Açungui, apresentando novas idéias sobre os ambientes de deposição durante o pré-Cambriano no extremo sul do Estado de São Paulo.

1.1.178

ROCHA CAMPOS, Antonio C. et alii - Fácies e paleogeografia do Sub-grupo Itararé na Bacia do Paraná. Acad. Bras. Ci., An., Rio de Janeiro, 41 (2): 211-213, 1969. | il. |

RESUMO

Apanhado sucinto sobre os estudos dos sedimentos glaciais antigos baseado na bibliografia. Os estudos dos depósitos glaciais do Sub-grupo Itararé forneceram até o momento um quadro paleogeográfico preliminar que parece ser coincidente com a maioria das evidências conhecidas. Dois tipos de evidências são importantes: dados relativos à direção do movimento do gelo determinado a partir de propriedades direcionais das rochas, e estudos de fácies. A direção dos sedimentos durante a glaciação neo-Paleozóica foi de SE para NW. A distribuição das fácies é ainda pouco conhecida e merece maiores estudos.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho sucinto sobre problema de fácies e paleogeografia do Sub-grupo Itararé. De interesse relativo para elucidação dos problemas da sedimentação paleozóica da Bacia do Paraná.

CORDANI, Umberto G. et alii - "Evidências geocronológicas da existência de rochas policíclicas na região de Antonina e Morretes, Paraná". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 24. Brasília, DF, 1970. Soc. Bras. Geol., B. Espec., nº 1, p. 81-82. |resumo|

RESUMO

A região de Antonina e Morretes, na porção este do Estado do Paraná, situada no interior do cinturão orogênico Paraíba, do pré-Cambriano superior, apresenta rochas metamórficas de fácies anfibolito, afetados por intrusões de granitos de tendência alcalina. Na região foi assinalada uma faixa caracterizada por metamorfismo regressivo, de fácies xisto-verde. Foram realizadas datações K-Ar em quinze amostras de rochas anfibolíticas, algumas delas provenientes da zona retrometamórfica. Os resultados obtidos em anfibólios ou em plagioclásio evidenciaram idades do fim do pré-Cambriano e também idades aparentes anteriores. Estas últimas comprovaram a existência, na região, de rochas polimetamórficas constituindo núcleo antigo de embasamento do geossinclinal, com idade mínima de cerca de 2 bilhões de anos. Salientam que tal núcleo antigo parece coincidir, em linhas gerais, com as áreas de ocorrência de rochas de origem básica e ultrabásica, no interior da zona de ultrametamorfismo.

São apresentados novos dados geocronológicos sobre as rochas pré-cambrianas do cinturão Paraíba, salientando-se a comprovação de existência de retrometamorfismo. Área localizada fora dos limites do Projeto porém de interesse para elucidações dos problemas regionais.

FÚLFARO, Vicente J. - Contribuição à geologia da região de Angatuba, Estado de São Paulo. Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral., B., Rio de Janeiro, nº 253, 108 p., 1970. |il., mapa|

RESUMO

O presente trabalho constitui uma contribuição para esclarecer a estrutura da serra do Palmital ou de Angatuba, Grande parte do trabalho ocupa-se da Formação Estrada Nova. Trata da Formação Itapetininga no topo do Grupo Tubarão. O Grupo Passa Dois sucede, em discordância aos sedimentos do Tubarão. É representado pelas Formações Irati e Estrada Nova. A Formação Irati compõe-se de folhelhos negros com intercalações de calcário branco. A Formação Estrada Nova inicia-se, localmente, pelo fácies Paranapanema. A parte superior, em Angatuba é predominantemente constituída por ritmitos intercalados a um arenito fino e siltitos aparentemente maciços. Níveis silicificados são freqüentes. A Formação Botucatu sucede ao grupo precedente em visível discordância erosiva iniciando por uma brecha basal. Regionalmente é constituído por um arenito avermelhado depositado em ambiente aquoso. Constitui o fácies Piramboia. Rochas intrusivas são representadas por "sills" e diques de diabásio. Falhamentos normais NNW com falhas antitéticas causam inversão no mergulho regional. Apresenta um mapa da área estudada em escala de 1:50 000.



ANÁLISE CRÍTICA

É apresentado um estudo com descrições de unidades li
toestratigráficas que ocorrem em algumas folhas do Projeto, sen
do portanto de utilidade.

HASUI, Yociteru & HAMA, M. - "Idades potássio - argônio de rochas-pré-Cambrianas da região de São Paulo-Jundiaí-Sorocaba". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 24. Brasília, DF, 1970. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 75-76. |resumo|

RESUMO

São apresentados os resultados de dez análises K-A em rochas e minerais do pré-Cambriano paulista, a NW da capital. Um anfibolito do Bloco Jundiaí forneceu idade de 1.036 m.a. consistente com a idéia de maior antiguidade do bloco em relação ao Grupo São Roque. A idade de 1.360 m.a. do epidiorito de Penhinha, confirma a idéia, segundo a qual o Bloco Cotia seria mais antigo que o Grupo São Roque. O Grupo São Roque apresentou, em um metabasito, a idade de 714 ± 30 m.a. . Dois granitos (Serra da Cantareira e Sorocaba), bem como quatro rochas de contato (Morro do Tico-Tico e Perus), associadas ao Grupo São Roque, foram analisados. O Granito Anhanguera de caráter tardi a pós-tectônico, atribui-se idade K-A de 635 ± 40 m.a. . Para a intrusão pós-cinematika do Granito Varejão encontrou-se idade K-A de 605 ± 40 m.a., o que permite correlacionar essa idade com a cratonização do Grupo São Roque.

ANÁLISE CRÍTICA

São apresentados novos dados e interpretações geocrono -
lógica sobre o pré-Cambriano do Estado de São Paulo, sendo de
interesse para o Projeto.

LANDIM, Paulo M. - O Grupo Passa Dois na Bacia do Rio Corumbataí -
(SP). Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral.,
B., Rio de Janeiro, nº 252, 120 p., 1970. |il. |

RESUMO

Constitui um estudo do Grupo Passa Dois na bacia do Rio Corumbataí (SP), onde pode ser verificado o seguinte: a) propõe-se a adoção para a parte superior do Grupo Passa Dois do termo Formação Estrada Nova e para o inferior o termo Formação Irati com exceção do Membro Taquaral; b) o contato entre Formação Estrada Nova e Formação Botucatu (base) é de caráter erosivo; c) a Formação Irati é constituída por uma alternância regular entre dolomitos claros e folhelhos escuros (30m); d) a Formação Estrada Nova inicia por um siltito maciço seguindo-se oelitos lamíneos, lentes de arenito e bancos de calcário substituídos ou não por sílex com um aumento da fração psamítica para o topo. e) a silicificação presente no Grupo Passa Dois é de caráter epigenético. f) o Grupo Passa Dois provavelmente foi depositado em ambiente predominantemente lacustre às vezes aluvionar. A Formação Irati indica fácies lacustres de caráter redutor e um ciclo maior de sedimentação subaquática pós-glacial. A Formação Estrada Nova, indica fácies lacustre, não mais de caráter redutor, com litossoma fluvial para o topo, porém de amplitude restrita.



ANÁLISE CRÍTICA

É um trabalho que tem grande interesse na caracterização da Bacia do Paraná no Estado de São Paulo.

MURATORI, Arsênio et alii - "Geologia do extremo norte do Primeiro Planalto e parte do Segundo Planalto paranaense". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 24. Brasília, DF, 1970. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 201 - 203. |resumo|

RESUMO

É apresentado o resultado do levantamento geológico realizado pela Comissão da Carta Geológica do Paraná nas folhas de Joaquim Murtinho, Jaguariaíva -Sul e Serra das Antas. Tratam-se de folhas com 15° de lado na escala 1.70.000 e que abrangem uma superfície de 2.116 km² limitadas pelas latitudes 24°15' e 24°30' e longitude W 49°15' e 50°00'. Neste trabalho apresenta a coluna estratigráfica da área mapeada com as respectivas litologias, bem como alguns aspectos geológicos que facilitam a compreensão de episódios tectônico -estratigráficos regionais.

ANÁLISE CRÍTICA

Substancial contribuição para o levantamento geológico das folhas de Jaguariaíva e Pirai do Sul, com apresentação de dados litológicos, estratigráficos e tectônicos.

SUSZCZYNSKI, Edson F. -Mapa dos jazimentos minerais do Brasil.'
Brasil. Dep. Nac. Prod. Min., Div. Geol. Mineral.,
B., Rio de Janeiro, nº 248, 34 p., 1970. |mapa|

RESUMO

Apresentação e descrição da legenda utilizada no mapa dos jazimentos minerais do Brasil. É estabelecida a seguinte divisão para o embasamento cristalino: províncias ou sub-fases metalogênicas Brasilides, Nordestides, Goianides, Rondonides, Amapaides, Sul Amazonides e Norte Amazonides. Em cada província é apresentada a área ocupada e suas fases metalogenéticas. Para a cobertura sedimentar dobrada há 2 sub-fases metalogênicas: a do "Cráton Amazônico" e a "Região Oriental". Para a cobertura sedimentar não dobrada há 2 sub-fases metalogênicas: a sub-fase metalogênica pericratônica e a sub-fase metalogênica intracratônica. Em cada uma dessas sub-fases metalogênicas tanto da cobertura sedimentar dobrada como da cobertura sedimentar não dobrada, são apresentados seus principais jazimentos.

ANÁLISE CRÍTICA

É um trabalho de âmbito regional e um dos primeiros no Brasil, servindo para mostrar o desenvolvimento das concepções metalogenéticas em relação à plataforma brasileira. Com os novos dados que dia a dia vem se obtendo no Brasil e as no-



CPRM

vas idéias que vão surgindo e segundo o próprio autor por ser um trabalho escrito há quatro anos, encontra-se hoje superado.

ALMEIDA, Fernando F. M. de - Geochronological division of the Pré-Cambrian of South America. Soc. Bras. Geol., R. 'bras. Geoci., 1 (1): 13-21, dez., 1971.

RESUMO

Com base em modernos conhecimentos sobre estratigrafia, geotectônica e geocronologia, é proposto que seja reconhecida divisão tríplice no pré-Cambriano da América do Sul, cujos limites convencionais seriam os seguintes: pré-Cambriano inferior mais de 2.600 m.a.; pré-Cambriano médio: 2.600 a 1.800 m.a.; pré-Cambriano superior: 1.800 a 750 m.a. Justifica-se a proposição indicando-se ciclos geotectônicos de maior importância cujos episódios tardios, radiometricamente datados, aproximadamente coincidem com os limites sugeridos. Propõe-se, também, em Minas Gerais, Bahia e Brasil Central seja reconhecida divisão tríplice no pré-Cambriano superior, correspondente aos ciclos geo-tectônicos Espinhaço (1.800 a 1.300 m.a.), Uruaçuano (1.300 a 900 m.a.) e Brasiliano (900 a 570 m.a.), ciclo este que se encerrou já no Cambro-Ordoviciano.

ANÁLISE CRÍTICA

É apresentada a divisão geocronológica das rochas pré-Cambrianas da América do Sul baseado em dados estratigráficos



CPRM

e geotectônicos apoiados em datações geocronológicas. Fornece subsídios para enquadrar as rochas pré-Cambrianas da área do Projeto num esquema regional amplo.

BETTENCOURT, Jorge S. et alii - "Geologia da Folha de Capão Bonito, SP". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 178-179.

RESUMO

A folha de Capão Bonito, localiza-se entre os paralelos $24^{\circ}00'$ e $24^{\circ}30'$ Lat. S, e meridianos $48^{\circ}00'$ e $48^{\circ}30'$ Long. W, possuindo área de 2814 km^2 . Seu mapeamento foi executado como parte do Projeto Ribeira, do DNPM, sendo elaborado na escala de 1:100.000. São descritas sucintamente, as rochas aflorantes na folha. Na mesma, predominam rochas epimetamórficas do Grupo Açungui, bem como intrusões graníticas associadas (Granitos Agudos Grandes, Três Córregos, Barreiro, Lavrinha, Freguesia Velha, Capuava, Itapeúna, Aboboral, Kiririca e Salto). No Norte da folha ocorrem sedimentos do Grupo Tubarão. Diques de diabásio de idade mesozóica, cortam as rochas mais antigas. Sedimentos fluviais ocorrem ao longo dos rios da região.

ANÁLISE CRÍTICA

É descrita a constituição litológica da folha de Capão Bonito. Trabalho básico para o mapeamento geológico.

CORDANI, Umberto G. et alii -" Geologia da Folha de Eldorado, SP". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec., n^o 1, p. 183.

RESUMO

A Folha de Eldorado situa-se entre os paralelos 24°30' e 25°00' Lat. S, e meridianos 48°00' e 48°30' Long. W, possuindo área de 2814 km². Mapeamento geológico na escala 1:100.000 executados como parte do Projeto Ribeira, do D.N.P.M. A região apresenta predominância de rochas epi e mesometamórficas, associadas a rochas graníticas de natureza diversa. Os metassedimentos do Grupo Açungui aparecem na parte setentrional. Na parte sul e sudeste os micaxistos intercalam-se com rochas gnáissicas e migmatíticas. As rochas graníticas formam maciços isolados denominados Guaraú, Mandira, Alto-Turvo, Itapeúna e Agudos Grandes. Diques de diabásio mesozóicos, orientados para NW, aparecem principalmente no canto NE da Folha. Na parte central ocorre o maciço alcalino de Jacupiranga. Sedimentos cenozóicos de origem fluvial aparecem ao longo dos rios. Na porção SE, ocorrem sedimentos recentes de origem marinha.

ANÁLISE CRÍTICA

Trata-se de constituição litológica da Folha de Eldorado, sendo tomado como base para o seu mapeamento geológico.

CORDANI, Umberto G. - "Síntese da geocronologia pré-Cambriana da região costeira atlântica meridional da América do Sul". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 179-180.

RESUMO

Cerca de 200 determinações radiométricas indicam a existência de extensa faixa de dobramentos do fim do pré-Cambriano ao longo das costas SE do Brasil e do Uruguai. Para tal unidade geotectônica, pertencente ao ciclo Brasileiro, está sendo proposta a denominação "Cinturão Orogenético Ribeira". Suas direções estruturais são em geral paralelas a costa. Apresenta dados geocronológicos sobre a evolução geológica do "Cinturão Orogenético Ribeira" bem como discussões sobre as idades das rochas mesozonais (gnaisse, migmatitos e granitos associados). Conclui que as evidências geocronológicas mostram que o embasamento do Geossinclínio Ribeira já apresentava natureza siálica, o que indica regeneração de faixa previamente cratonizada e exclui a possibilidade de acreção continental no fim do pré-Cambriano, na região costeira atlântica meridional da América do Sul.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresenta dados geocronológicos e interpretações geotectônicas de suma importância para o reconhecimento da evolução geotectônica do pré-Cambriano aflorante na área do Projeto.

CORDANI, Umberto G. et alii - "Geologia da Folha de Guapiara, SP." In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA.25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p.176.
|resumo|

RESUMO

A Folha de Guapiara localiza-se entre os paralelos 24°00' e 24°30' Lat. S, e meridianos 48°30' e 40°00' Long. W. possuindo área de 2814 km². Seu mapeamento geológico foi executado como parte do Projeto Ribeira, do D.N.P.M., na escala de 1:100.000. Na área predominam rochas epimetamórficas do Grupo Açungui e rochas graníticas associadas, bem como sedimentos da Bacia do Paraná (Formação Furnas e Grupo Tubarão). Todas as rochas são cortadas por diques de diabásio. Apresentam uma descrição sucinta de todos os tipos litológicos observados na folha.

ANÁLISE CRÍTICA

São apresentados dados litológicos sobre a Folha de Guapiara.

COUTINHO, José M. V. - "O falhamento de Cubatão". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP., 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 130-131. |resumo|

RESUMO

Uma faixa estreita de filitos aparece entre gnaisses e micaxistos ao longo da folha em linha arqueada, sub-paralela à linha de costa no Estado de São Paulo, atravessando os Municípios de Eldorado, Sete Barras, Juquiá, Miracatu e Pedro de Barros, Cubatão, Paranapiacaba e Biritiba-Mirim. A altura de Eldorado, a faixa se estende pelo vale do rio Ribeira de Iguape continuando a NE pelos vales dos rios Juquiá, São Lourenço, Branco, Cubatão e Mogi. Procurando verificar a extensão do falhamento, foram levantadas secções transversais em Paranapiacaba, Cubatão e Pedro Barros, obtendo dados petrográficos que permitiram estabelecer definitivamente a origem tectônica da faixa.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de suma importância para elucidação dos problemas tectônicos do pré-Cambriano, na faixa costeira do litoral paulista.

COUTINHO, José M. V. - "Excursão nº 5 - pré-Cambriano Paulista: Parte 1, pré-Cambriano ao sul da cidade de São Paulo". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, S.P., 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 2, p. 53-62. |il., mapa geol|

RESUMO

Da cidade Universitária até São Bernardo percorre-se terrenos pré-cambrianos em grande parte recobertos por sedimentos neo-Cenozóicos da Bacia de São Paulo e aluviões recentes do Rio Pinheiros e afluentes. No restante da área distingue-se duas unidades geotectônicas maiores, a saber: Bloco Cotia e Bloco Costeiro, separados pela falha de Cubatão e língua de rochas do Grupo S. Roque. O grande falhamento de Cubatão teve início no pré-Cambriano tendo havido reativações até períodos bem recentes (Terciário). O planalto é ocupado pelo Bloco Cotia, onde predominam metassedimentos clássicos metamorfoseados em grau médio (fácies anfibolito). Estão intensamente dobrados com xistosidade NE-SW e mergulho para sul, correspondendo a anticlinais e sinclinais com eixos sub-horizontais. Sofreram intrusões de numerosas massas de composição desde granítica até quartzo diorítica (granitóides sintectônicos e tardi-tectônicos). Na região da pedreira São Bernardo ocorre granito anatexítico. O Bloco Costeiro é formado predominantemente por gnaisse tectoníticos bandeados e migmatitos de vários tipos: embrechitos, epibolitos, agmatitos, nebulitos, etc. Ocorrem pequenas intrusões pós-tectônicas de granitos leucocráticos. Os blo

cos Cotia e Costeiro separam-se por estreita e contínua faixa ocupada essencialmente por filitos. A caracterização definitiva desta faixa requer comprovações de campo. Na área também observam-se injeções de magma basáltico e alcalino de idade cretácea - terciária. Dados geocronológicos K-A obtidos no Bloco Cotia ficam entre 450 e 750 m.a., época relacionada provavelmente à formação do cinturão orogenético do Paraíba. No em basamento migmatítico do Bloco Costeiro, perto de São Sebastião, foram obtidas idades K-A da ordem de 440 a 480 m.a. Finalmente são apresentadas descrições geológicas das paradas e duas secções geológicas.

ANÁLISE CRÍTICA

Faz um apanhado sucinto da geologia pré-Cambriana no sul da cidade de São Paulo, apresentando dados que contribuirão para o mapeamento geológico das Folhas de São Paulo, Santos Itanhaém e Pedro de Toledo.

COUTINHO, José M. V. - Estado atual de conhecimento do pré-Cambriano superior sul brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. - Geol., B. Espec., São Paulo, nº 1, p. 185-186.

RESUMO

Apresenta a coluna estratigráfica do pré-Cambriano no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo; e ainda o Grupo Açungui - São Roque no Paraná e São Paulo. Estratigrafia e Litologia: Várias formações eopaleozóicas ... discordância. Grupo Açungui - São Roque. Granitos intrusivos. Formação Água Clara - Calcários metamórficos, calcaxisto, filito, quartzitos. Estromatolitos ... discordância. Formação Votuverava - Filitos e calcários. Algum quartzito, metabasito, meta-arenito, e meta-conglomerado... discordância. Formação Capiru - Dolomitos metamórficos, quartzitos, micaxistos, filitos, metabasitos, Calenias ... discordância. Formação Setuva - Gnaisses, micaxistos, quartzitos ... contato geralmente tectônico. Complexo cristalino (migmatitos, granitos, etc.), Idades K-A e Pb-Sr: Granitos sintectônicos \pm 650 m.a., granitos tarditectônicos \pm 600 m.a., granitos postectônicos \pm 540 m.a. A Divisão acima, estabelecida no Paraná, é extensível a São Paulo. Metamorfismo e Estruturas: Em São Paulo, imediações da Capital, a provável Formação Votuverava e encaixa tectonicamente (como Bloco São Roque) entre dois blocos, Cotia e Jundiá formados por gnaisses e micaxistos do complexo cristalino. Metamorfismo normalmente brando (fácies xistos verdes) salvo ao redor de granitos intrusivos onde alcan



CPRM

ça fácies de mais alto grau com gnaisses, xistos e quartzitos feldspatizados. Dobramentos em anticlinais e sinclinais assimétricas de eixos NE-SW os dobramentos podem ser mais complexos com vergências determinadas para norte. Grandes falhamentos regionais NE-SW ou defletidos para direções vizinhas, alguns dos quais iniciados no pré-Cambriano e de natureza inicial transcorrente. Contatos com os sedimentos paleozóicos, normais. Relações com formação gnáissicas ainda discutíveis, em casos isolados.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresenta a estratigrafia atual do Grupo Açungui, estabelecida no Estado do Paraná e extensível para São Roque. Uma importante comunicação visando uniformizar a estratigrafia do pré-Cambriano nos dois estados e servindo como base para abolição do termo Grupo São Roque.

DAMASCENO, Eduardo C. - "Síntese da mineralização em rochas do pré-Cambriano e Eo-paleozóico do Sul do Brasil" In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 186. |resumo|

RESUMO

As mineralizações em rochas pré-Cambrianas do sul do Brasil podem ser agrupadas em três distritos principais: 1. o distrito de Caçapava do Sul - Lavras do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, com depósitos e ocorrências minerais de Cu, Au, Pb, Sn, W, Mo, Ag, Ba e F; 2. o distrito de Santa Catarina, com mineralizações de fluorita além de outras esparsas de Pb, Au, Ag, Mo e Fe; 3. o distrito do Vale do Ribeira, nos Estados de São Paulo, com depósitos de Pb, Cu, Ag, Au, Zn, F e Ba. Foi feita uma compilação, em grande parte bibliográfica, dos dados mais recentes sobre a geologia e depósitos minerais dos Estados de São Paulo (parte), Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de ordem informativa sobre as mineralizações em rochas do pré-Cambriano e Eo-paleozóico do sul do Brasil.

EBERT, Heinz et alii - "Observações sobre os gnaisses da Formação Setuva, Estado do Paraná". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. Nº 1, p. 185-186. |resumo|

RESUMO

Discute-se neste artigo, se a Formação Setuva proposta por Salamuni faz parte do Grupo Açungui, ou é equivalente das rochas metamórficas da faixa costeira. Reorganiza-se o "Setuva" em três andares: micaxistos (com quartzitos), gnaisses finos e escuros (com quartzitos), gnaisses leucocráticos de granulação média até grosseira. É feita a descrição geológica dos diversos andares, bem como suas correlações com a Formação Capiru. Considera, que o "Grupo Setuva" pertencente à orogênese Açungui, localizar-se-ia nas partes inferiores da faixa orogénica, e por isso nem sempre exposto em secções menos profundas. Nem a composição das rochas pré-metamórficas nem a sua metamórfica correspondem às observadas na faixa cristalina costeira, de modo que não há motivo de equiparar o "Setuva" a este cristalino. São apresentados dados geocronológicos, contrastantes, porém, conclue-se que a idade K/A dos gnaisses da Formação Setuva deve variar em torno de 600 m.a.

É levantado o problema a respeito da posição estrati -
gráfica da Formação Setuva na região de Bocaiúva do Sul e Tunas,
Paraná. Mesmo não fazendo parte da área do Projeto é de interes
se para a elaboração da coluna estratigráfica do pré-Cambriano.

FUCK, Reinhardt A. et alii -"Geologia do leste paranaense".
In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo,
SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B. Espec. nº 1, p. 191 .
|resumo|

RESUMO

Com base em mapa na escala 1.250.000 construído a partir da redução de folhas geológicas de semi-detalle, elaborados pela Comissão da Carta Geológica do Paraná é apresentada uma síntese dos principais aspectos geológicos da região oriental do Paraná, assim como uma tentativa de correlação estratigráfica entre as principais unidades geológicas de pré-Devonia no do sudeste brasileiro. A área estudada abrange cerca de 27.000 km² e compreende o litoral, a Serra do Mar e o primeiro planalto paranaense, sendo limitada a oeste pelas rochas sedimentares da Bacia do Paraná, a leste pelo Oceano Atlântico, a Norte e a Sul pelos Estados de São Paulo e Santa Catarina, respectivamente. Na porção sudeste da região, afloram rochas metamórficas de fácies anfibolito, referíveis ao chamado Complexo Cristalino (migmatitos, gnaisses, quartzitos, anfibolitos e ultrabasitas retrometamórficos), penetrados por intrusões graníticas. A porção norte da área é ocupada por metassedimentos de ambiente miogeossinclinal pertencentes ao Grupo Açungui (metasiltitos, filitos, mármore-calcários e dolomíticos, quartzitos e metabasitas), Estas rochas são cortadas por batólitos e "stocks" graníticos tardi a pós-tectônicos. Em discordância sobre as formações metamórficas pré-Cambrianas, ocorrem em fossas isoladas, nas regiões de Campo Largo, Castro-Piraí do Sul'

e São José dos Pinhais, respectivamente a Formação Camarinha , Grupo Castro e Formação Guaratubinha. As rochas referidas são recobertas a oeste pelo pacote sedimentar da Bacia do Paraná . Fases tectônicas pós-Devonianas foram responsáveis pela formação do Arco de Ponta Grossa. Sedimentos pleistocênicos ocorrem na Bacia de Curitiba. Depósitos atuais incluem aluviões e sedimentos marinhos litorâneos.

ANÁLISE CRÍTICA

É feito um apanhado geral sobre a geologia do leste paranaense, englobando áreas componentes do Projeto.

FÚLFARO, Vicente J. - "Relações de depósitos com eventos e processos quaternários; oscilações climáticas e tectônicas". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 200-201. |resumo|

RESUMO

É discutida sucintamente a controvérsia existente a respeito da gênese dos depósitos quaternários, ora atribuída puramente à oscilações climáticas, ora somente à tectônica. A disputa torna-se inócua pois não há, geologicamente, contradição entre clima e tectônica, que são processos físicos com diferentes causas e não dependentes. Tem-se tectonismo, intenso ou não, independente de qualquer tipo de clima e o clima pode agir em qualquer situação tectônica. É feita referência aos estudos na Bacia de São Paulo e a tendência em considerar sua gênese baseada em condições climáticas. Também é discutida a dubiedade genética na região do Rio Claro e nos aluviões antigos do Rio Pinheiros. Algumas de sedimentação Neo-cenozóica como aluviões antigos do rio Pinheiros, Formação Pariquera-Açu, Bacia Rio Claro, Bacia de Taubaté e de Rezende e Bacia de São Paulo, foram interpretadas ultimamente como tendo origem ligada a processos tectônicos. Tal fato não exclue a possibilidade de um clima árido associado à formação desses depósitos, porém a condição climática é subsidiária no processo. É concluído que estamos ainda em fase de estudos que não permite optarmos por um ou outro processo genético associado aos depósitos sedi

mentares quaternários do Brasil Meridional em bases rígidas. ' Porém, mesmo que um outro processo venha a ser demonstrado que tenha tido maior influência na genese dos depósitos, poderia ' ocorrer uma associação dos dois processos referidos, um deles, no entanto, em caráter subsidiário.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresenta discussão a respeito da gênese dos depósitos quaternários no Brasil Meridional, apresentando dados so bre várias ocorrências na área do Projeto.

1.1.197



FÚLFARO, Vicente J. et alii - "Excursão nº 3 - Bacia do Paraná". In. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 2 , p. 29-48. |il. |

RESUMO

Citações bibliográficas, roteiro geológica, descrições de afloramentos de várias seqüências estratigráficas que compõem a Bacia do Paraná. Perfis geológicos.

ANÁLISE CRÍTICA

As localizações e descrições de afloramentos, bem como os perfis apresentados, possuem interesse para o mapeamento destas regiões.

GOMES, Celso de B. - "Geologia da Fôlha de Itararé, SP e PR" .
In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo,
SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec., nº 1, p. 192
-193. |resumo|

RESUMO

Na parte meridional da área, aparecem rochas epime tamórficas pertencentes ao Grupo Açungui, bem como rochas graníticas associadas. Na seqüência metamórfica predominam metasedimentos carbonáticos (dolomitos), filitos e quartzitos. Rochas graníticas, de composição variando entre adamelitos e quartzo dioritos aparecem nos cantos SE (Complexo Granítico Três Córregos) e SW (Complexo Granítico Cunhaporanga). Na extremidade sul ocorre pequeno "stock" (Granito Vila Branca). Estas rochas são intrusivas nos metamorfitos. Em toda região norte, sedimentos Devonianos e Permo-Carboníferos da Bacia do Paraná, cobrem as estruturas do Grupo Açungui em nítida discordância angular. trata-se de arenitos da Formação Furnas, soto postos, em discordância erosional, aos arenitos do Grupo Tubarão. Foram observados alguns diques de diabásio.

ANÁLISE CRÍTICA

É feita uma descrição sucinta das principais litologias que ocorrem na Folha de Itararé. Este trabalho foi tomado como básico para execução do mapeamento geológico da referida folha.

1.1.199



GOMES, Celso de B. et alii - "Geologia da Folha de Cerro Azul, SP e PR." In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 192. |resumo|

RESUMO

As rochas predominantes na folha são epimetamorfitos do Grupo Açungui (filitos, micaxistos e, secundariamente, dolomitos, calcários e calcoxistos). Na extremidade SE ocorrem rochas gnáissicas da Formação Setuva, consideradas integrantes do Grupo Açungui. Este é cortado por rochas graníticas intrusivas, formadoras dos maciços Três Córregos, Vila Branca, Cunhaporanga, Morro Grande e Varginha. Sistema de diques de diabásio, de direção NW, corta a região. Diversas ocorrências de rochas alcalinas ocorrem na área; os maciços alcalinos de Tunas Itapirapuã e os "necks" fonolíticos de Mato Preto, Barra do Teixeira e Sete Quedas. Sedimentos inconsolidados de origem fluvial aparecem ao longo dos rios.

ANÁLISE CRÍTICA

É apresentada uma descrição sucinta das litologias aflorantes da Folha de Cerro Azul. Foi tomado como base para o mapeamento da folha em questão.

HASUI, Yociteru et alii - "Excursão nº 5 - pré-Cambriano paulista: Parte 2, pré-Cambriano a noroeste da cidade de São Paulo". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 2, p. 63-68. |mapa geol. |

RESUMO

Na área ocorrem três unidades tectônicas maiores: Blocos Cotia, São Roque e Jundiaí. O Bloco São Roque separa-se dos outros dois por conspícuas zonas de falhamento transcorrente. O falhamento de Taxaquara separa-o do Bloco Cotia a Sul e o falhamento Jundiuvira separa-o do Bloco Jundiaí. O Bloco São Roque é constituído pelo Grupo São Roque (epimetamorfitos) e por intrusivas graníticas. O Bloco Cotia foi descrito por Coutinho (1971). O Bloco Jundiaí se constitui de xistos, gnais, quartzitos, anfibolitos, anfibolioxistos, bem como intrusões graníticas. O metamorfismo se deu na fácies anfibolito. As rochas são afetadas por fenômenos tectônicos plásticos e rígidos. Idades K - A : Granitos pó-tectônicos (tipo Itu) - 560 m.a. Granitos tardi e pós-tectônicos (tipo Varejão e Anhangueira) - 613 m.a. Granitos tardi-tectônicos (tipo Pirituba) - 645 m.a. Epimetamorfitos do Grupo São Roque (Metamorfismo) - 714 m.a. Metamorfitos de Bloco Jundiaí - 1.036 m.a. Metamorfitos do Bloco Cotia - 1.360 m.a. Considerações sobre a geomorfologia da área. Roteiro e paradas, com descrições dos afloramentos.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresenta um relato sucinto sobre o pré-Cambriano
ocorrente em parte das folhas de São Roque, Itu, Jundiaí e São
Paulo.

LELLIS, Hilton S. - "Contribuição à geologia da região de Pe - reiras-Cesário Lange -Bofete, Estado de São Paulo". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, ' 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 62-63. |re- sumo |

RESUMO

Geologicamente a área situa-se na parte centro sul da faixa paleozóica aflorante no Estado, encontrando-se rochas ' pertencentes às Formações Botucatu (Grupo São Bento), Estrada Nova, Irati (Grupo Passa Dois) e Tatuí (Grupo Tubarão). O con- tato entre as duas primeiras se dá através de discordância ero- siva, enquanto que entre as outras formações é gradativo. São dadas as características petrográficas de cada formação, bem ' como considerações a respeito da tectônica.

ANÁLISE CRÍTICA

São apresentados dados geológicos que possuem especial interesse para o mapeamento da Folha de Tatuí.

LEPREVOST, Alsedo - "Os minerais e sua importância". In: SEMA-
NA DE MINERAÇÃO. Curitiba, PR, 1971. An., Curitiba.
Gov. Est. Paraná, p. 57-69.

RESUMO

Generalidades: definição, classificação e utilização dos minerais. Análise do quadro de Roush. Classificação dos minérios e sua auto-suficiência. A CPRM e suas atribuições. Esquema de reservas minerais definidas e em fase de industrialização no Paraná.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho com interesse relativo para o Projeto.

MELCHER, Geraldo C. et alii - "Geologia das rochas pré-Cambrianas do Vale do Ribeira de Iguape". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 193-194. |resumo|

RESUMO

A região do Vale do Rio Ribeira de Iguape caracteriza-se geologicamente pela predominância de um complexo constituído por metassedimentos. A parte setentrional compõe-se de rochas epizonais pertencentes ao Grupo Açungui, formados por metassedimentos depositados em ambiente geossinclinal. Distribuem-se em três seqüências litológicas: a) argilosa (filitos e micaxistos), b) arenosa (quartzitos) e c) carbonática (calcários e dolomitos). Dobramentos e falhamentos afetaram essas rochas com as estruturas orientados preferencialmente para NE - SW. Na zona meridional ocorre gradação dos filitos para xistos, pertencentes ao fácies anfibolito, além de migmatitos e gnáissés. O contato entre essas últimas rochas com os xistos pode ser gradacional (sul da Bacia do Turvo), por discordância tectônica. Anfibolitos e anfibólio-xistos, constituindo intercalações pequenas ocorrem associadas as rochas epi e mesometamórficas. Na maioria dos casos, parecem corresponder a antigas intrusões básicas. Corpos graníticos são encontrados em toda a extensão do complexo metamórfico. Observações de campo evidenciam caráter intrusivo e geralmente pós-tectônico. As rochas epi e mesometamórficas associam-se às intrusões de Cunhaporanga, Três Córregos, Itapirapuã, Espírito Santo, Itaperino, Itaóca, Aboboral, Morro Grande e Varginha, além de corpos menores. Os maciços Guaraú, Mandira e Alto Turvo estão localizados junto aos migmatitos, sendo os dois primeiros, variedades alcali-

nas. Granitos pórfiros geneticamente associados aos corpos maiores, formam diques e "stocks", comuns em toda área. Dados geocronológicos indicam o fim do pré-Cambriano (650 m.a.) como a época principal do metamorfismo das rochas do Grupo Açungui. Os granitos, intrusivos exibem idades mais recentes. Os granitos pós-tectônicos de tendência alcalina apresentam idades mais representativas: 530-540 m. a. Em alguns locais foram encontradas rochas pertencentes ao embasamento dos metassedimentos, que revelaram idades mínimas em torno de 1.300 m.a.

ANÁLISE CRÍTICA

É dada uma análise global dos eventos geológicos ocorridos durante o pré-Cambriano no vale do Rio Ribeira de Iguape. Acompanha dados geocronológicos. Apanhado geral do Projeto Ribeira, do DNPM, tomado como básico para o mapeamento daquela região.

NOGUEIRA F^o., José V. & LELLIS, Hilton S. - "Rochas carbonatadas no sul do Brasil". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 48-49. |resumo|

RESUMO

É analisada a situação das diversas regiões calcárias em condições de abastecer os centros industriais e consumidores do sul do Brasil (RS, SC, PR, SP, RJ, GB). Em se tratando de São Paulo são as seguintes as principais regiões produtoras: Rio Claro - Formação Irati, Votorantim-Itapevi - Grupo São Roque, Guapiara- Apiaí - Grupo São Roque, Itapeva - Grupo São Roque, Litoral-Sul - dolomitos arqueanos e carbonatitos. A indústria paulista de cal, cimento e siderurgia é abastecida principalmente pela região que se estende de Salto de Pirapora a Perus, passando por Votorantim e Itapevi. A exaustão dessas, bem como a melhoria dos meios de transportes, tende a deslocar a produção para os vales do Rio Ribeira de Iguape e Itararé, nos municípios de Guapiara, Apiaí e Itapeva.

ANÁLISE CRÍTICA

Cita as áreas produtoras de calcário nos estados do sul, sendo de interesse as áreas relativas ao Estado de São Paulo, quase todas cobertas pelo Projeto, com excessão dos calcários da Formação Irati.

PETRI, Setembrino & SUGUIO, Kenitiro - "Estratigrafia dos depósitos sedimentares da região lagunar Iguape-Cananéia, Estado de São Paulo." In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec. nº 1, p. 203. |resumo|

RESUMO

É apresentada a história geológica dos eventos quaternários na planície litorânea do sul do Estado de São Paulo baseado em informações de campo, exame sedimentológico e de microorganismo, dados de geofísica análises de amostras de poços profundos e perfurações rasas. Os microorganismos, estudados em amostras de subsuperfície em confronto com os resultados de amostras de superfície, permitiram um estudo paleoecológico, imprescindível, na reconstrução da sedimentação da área. Os resultados das análises granulométricas permitiram confirmar nos ambientes atuais e reconhecer nos ambientes pretéritos de sedimentação, os seus ambientes deposicionais. Os exames de minerais pesados fornecem indicações para a resolução dos problemas de derivação dos sedimentos, principalmente em relação às areias regressivas. Estas, tipo "blanket sands" ou "shut sands", reconhecidos como depósitos praias antigos, apresentam importância preponderante na geologia regional de superfície na planície litorânea, pela sua enorme persistência e fonte fornecedora de detritos para os sub-ambientes atuais. Para essa unidade litológica é proposta a denominação Formação Cananéia.

Krone, baseado no estudo da distribuição dos sambaquis na região admitiu a existência de um golfo que avançaria pelo vale' do Ribeira de Iguape, levando o mar para o interior a quase 40 km a NW de Iguape. A determinação de idade, pelo método radio-carbono de amostra de concha de sambaquis da bacia do Rio Jacu piranga, forneceu idade média de 4.288 \pm anos. Isto pode sugerir que o mar atingiria esta área há pouco mais de 4.000 anos passados. A Formação Pariquera-Açu, foi reconhecida como resultado direto dos eventos quaternários ocorridos na região, lagunar Iguape - Cananéia.

ANÁLISE CRÍTICA

Apresentam dados sucintos que elucidam a história geológica dos eventos quaternários na planície litorânea do sul do Estado de S. Paulo, sendo proposta a Formação Cananéia.

PETRI, Setembrino - "Síntese dos conhecimentos a respeito das correlações entre depósitos litorâneos e continentais do Quaternário do Brasil". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA. 25. São Paulo, SP, 1971. Soc. Bras. Geol., B., Espec., nº 1, p. 204-205. |resumo|

RESUMO

Apanhado geral sobre os trabalhos realizados no Quaternário brasileiro. Os mesmos visam principalmente a descrição petrográfica dos sedimentos e as feições geomorfológicas, dando-se ênfase ao possível reflexo de condições climáticas na gênese dos sedimentos e das feições geomorfológicas. Na região de Iguape - Cananéia, foram estudadas duas sondagens, uma no continente, nas proximidades de Iguape e outra na Ilha Comprida. Nesta última foi encontrado sedimentos grosseiros de base sem correspondência na sondagem próxima de Iguape. Esta sequência seria correspondente ao estágio glacial, o que é compatível com o fato dele estar no litoral, indicando uma fase em que o mar estava mais recuado. Outra interpretação é que os sedimentos seriam de origem tectônica, associados a falhamentos, e a sedimentação rápida teria impedido que o mar em ascensão ocupasse a região. Esta idéia é comprovada por dados geofísicos. A existência dessas duas possibilidades, mostra que ainda o assunto necessita de estudos adicionais que iriam a favor ou contra uma dessas teorias. O país deve ter sofrido flutuações climática durante o Quaternário mas o problema é saber a inten

sidade dessas flutuações, e sua extensão geográfica, se foram contemporâneas ou não. Conclui que os estudos do Quaternário da faixa litorânea exigiria sondagens e técnicas de estudos ainda não desenvolvidas entre nós, como datações pelo C 14 e o estudo de pólen e esporos.

ANÁLISE CRÍTICA

O trabalho aborda os problemas existentes sobre a gênese dos depósitos quaternários do Brasil baseado nos conhecimentos atuais. São citados dados sobre áreas cobertas pelo Projeto.

HASUI, Yociteru & HAMA, Morio - Geocronologia do Grupo São Ro
que pelo método do potássio - argônio. R. bras. Geo
ci., São Paulo, 2 (1): 18-24, mar., 1972. |il. |

RESUMO

São apresentados os resultados de dez análises pelo método de potássio - argônio em diferentes rochas do pré-Cambriano paulista, provenientes da região de São Paulo-Jundiaí - Sorocaba. Tais resultados, juntamente com 21 apresentados por Cordani e Bittencourt (1967), são discutidos à luz dos estudos geológicos mais recentes ali realizados.

ANÁLISE CRÍTICA

Trabalho de interesse para as folhas de Itu, São Roque e Jundiaí.